

MESTRADO

Mestrado em Economia

Modalidade de Trabalho

Dissertação de Mestrado

Tema

ANÁLISE CUSTOS-BENEFÍCIOS DE ORQUESTRA DE
JAZZ DE MATOSINHOS

Nome Aluno

Susana Maria Aires Pereira Correia de Matos

Data

04/ 2013



ANÁLISE CUSTOS-BENEFÍCIOS DE ORQUESTRA DE JAZZ DE MATOSINHOS

Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto

Dissertação de Mestrado

Aluna:

Susana Matos

Orientação:

Francisca Guedes de Oliveira

Leonardo Costa

Churchill, na defesa do seu orçamento em frente à Câmara dos Comuns, quando confrontado com o aumento do orçamento na cultura enquanto a Grã-Bretanha estava lutando por sua vida na 2ª Guerra Mundial, justificou que o faria precisamente *“to remind us what we are fighting for”*.

“Don’t you dare reduce the budget for culture. Culture is particularly necessary in times of crisis.” - Androulla Vassiliou, Comissária da Europa para a Educação, Cultura, Multilinguismo e Juventude.

AGRADECIMENTOS

É com muita satisfação que termino a dissertação. Embora se trate de um trabalho individual, revejo o caminho percorrido e reconheço o contributo de muitas pessoas, em variadíssimos aspetos. Por isso, gostaria de deixar o meu sincero “Obrigada” a todos os que me ajudaram e acompanharam ao longo deste percurso.

O 1º agradecimento vai naturalmente para a Orquestra de Jazz de Matosinhos, em especial para o Jorge Coelho e o Pedro Guedes, pela possibilidade que deram de estudar aquela que é certamente a principal Banda de referência do Jazz em Portugal, pelo tempo despendido, incluindo aos fins-de-semanas e nos intervalos dos ensaios. e também pela capacidade de adaptar a linguagem da música à linguagem económica.

Em 2º lugar, agradeço aos Professores Francisca Guedes de Oliveira e Leonardo Costa, por terem aceitado coorientar o meu trabalho, pelo desafio de aplicar a metodologia Análise custos-benefícios a um projeto cultural, pela flexibilidade de horários e pelas sugestões e críticas apresentadas. Agradeço também pela compreensão durante o período de pausa da dissertação (pós-cirurgia) e pela abertura na redefinição das etapas deste trabalho.

Em 3º lugar, um agradecimento muito especial à minha família. Começo pelos meus irmãos, Aninhas, Sofia e João, pela ajuda na obtenção dos contatos das entidades promotoras dos concertos da OJM e pela motivação e paciência incansáveis. Segue-se a avó Oflía por me ter acolhido lá em casa durante a recuperação da cirurgia. Agradeço ainda à tia Sofia pela generosidade da sua presença e apoios médico e não médico. Não podia deixar de agradecer os meus pais, pela vida que me proporcionaram, pelos sacrifícios que isso implicou e por acreditarem sempre em mim!

Além disso, um apreço aos contabilistas da OJM, Paula e Fernando Santos, pela disponibilização dos elementos contabilísticos da orquestra e pelas dúvidas esclarecidas. E também a todas as entidades que facultaram dados e esclarecimentos, nomeadamente a Câmara Municipal de Matosinhos, a Casa da Música e o Sr. Adérito (do Instituto Nacional de Estatística).

Agradeço também ao Centro Cultural Vila Flôr em Guimarães, pela possibilidade de aplicação dos questionários e pelos meios postos ao serviço para o efeito.

Agradeço ainda aos meus amigos, pela sua amizade e pelos muitos “nãos” que aceitaram ao longo destes meses. Em particular, à Juliana Oliveira, à Ana Areal e aos amigos da CVX, “Muito Obrigada por serem uma 2ª família”!

Finalmente, agradeço ao Guilherme Sampaio, pelo apoio carinho e incondicionais, pelo otimismo, pelos livros que me aconselhou e por ser exemplo vivo da paixão pela Música *Jazz* e pela Economia.

GLOSSÁRIO

ACB – Análise custos-benefícios

AMP – Área Metropolitana do Porto

AT – Autoridade Tributária e Aduaneira

BP – Banco de Portugal

CCVF - Centro Cultural Vila Flôr

CF – *Cash Flow*

CE – Comissão Europeia

CM – Casa de Música

CMM – Câmara Municipal de Matosinhos

COE – Conselho da Europa

DCF – *Discounted cash flow*

DGArtes – Direção Geral das Artes

DCMS - Department for Culture, Media and Sport

EUA – Estados Unidos da América

EUROSTAT – Estatística Europeias

FC – Fatores de conversão

FP – Financiamento Público

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPC – Índice de Preços ao Consumidor

IRC – Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Coletivas

IRC – Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares

I_0 - Investimento inicial

IVA – Imposto sobre o Valor Acrescentado

ISS - Instituto da Segurança Social

OJM – Orquestra Jazz de Matosinhos

OT – Obrigações do Tesouro

PE – Parlamento Europeu

QFOJO – Quinta do Fojo

RBC - Rácio benefícios-custos

RBCP - Rácio benefícios-custos, análise privada

RBCS - Rácio benefícios-custos, análise social

RU – Reino Unido

SW – Salário-Sombra (*shadow wage*)

TIR – Taxa Interna de Retorno (ou Rentabilidade)

TIRP – Taxa Interna de Retorno (ou Rentabilidade), análise privada

TIRS – Taxa Interna de Retorno (ou Rentabilidade), análise social

TNSJ – Teatro Nacional de São João

TOAP – (Editora) TOAP Records

TOC – Técnico Oficial de Contas

UCP – Universidade Católica Portuguesa

UE – União Europeia

VA - Valor Atualizado

VAP - Valor Atualizado, análise privada

VAS - Valor Atualizado, análise social

VABpm – Valor Atualizado Bruto, a preços de mercado

VABcf – Valor Atualizado Bruto, a custo de fatores

VAL – Valor Atualizado Líquido

VALP – Valor Atualizado Líquido, análise privada

VALS – Valor Atualizado Líquido, análise social

VALcf – Valor Atualizado Líquido, a custo de fatores

VNG – Vila Nova de Gaia

W - salário de mercado (*wage*).

SUMÁRIO EXECUTIVO

Desde a década de 80, tem havido um decréscimo dos apoios públicos no setor da cultura na generalidade dos países desenvolvidos, em especial dos apoios diretos. Este fato justifica-se em grande parte pelas fortes restrições orçamentais dos organismos públicos, o que conduz à crescente necessidade das escolhas políticas serem sustentadas por avaliações o mais possível objetivas, incluindo no domínio cultural. No caso particular dos EUA, os primeiros estudos económicos no setor da cultura surgiram nos anos 60 e 70, num período em que o que estava ligado à arte era considerado bem de luxo. Em Portugal, a avaliação económica do setor cultural tem ainda um longo caminho a percorrer.

Neste trabalho, aplica-se a metodologia ACB ao projeto OJM - Orquestra de Jazz de Matosinhos, de forma a avaliar o seu desempenho económico na última década. A OJM é uma banda de *jazz* de referência, nacional e, cada vez mais, internacional. Dos bens culturais que produz, destacam-se os concertos e as sessões “O *Jazz* vai à Escola”. A ACB parte de uma análise privada, isto é, com políticas públicas e em que os *inputs* e os *outputs* estão expressos a preços de mercado; seguindo-se uma análise social ou de eficiência, sem políticas públicas e em que os *inputs* e os *outputs* são expressos a preços de eficiência ou preços-sombra.

Os resultados mostram que que o projeto OJM não só é sustentável do ponto de vista dos músicos da orquestra (análise privada), como representa criação de riqueza para a sociedade (análise social), justificando-se o apoio das políticas públicas numa ótica da eficiência. No entanto, apesar dos benefícios líquidos serem positivos para a sociedade, com a afetação atual de recursos (análise de eficiência) o excedente do produtor é negativo. Isto indica a possibilidade de haver uma afetação de recurso mais eficiente que a atual. Este estudo reflete ainda sobre o cenário do projeto OJM representar um sacrifício de riqueza e da possibilidade de continuar a fazer sentido a existência de financiamento público.

Palavras-chave: ACB, análise privada, análise social e bens culturais.

ABSTRACT

Since the 1980's in most developed countries there has been a decrease of public support to the cultural setor, especially of direct support. The fact is justified by significant budget constraints faced by public institutions and led to an increasing need of economic assessment of public projects and choices, also in the cultural field. In the United States, the first economic studies in the cultural setor emerged in the 1960's and 1970's, when art was still considered a luxury good. In Portugal, the making of economic assessments in the cultural setor still has a long way to go.

In this work, the Cost-Benefit Analysis (CBA) methodology is used to assess the economic performance of the Orquestra de Jazz Matosinhos (OJM) in the last decade. The OJM is today one of the most dynamic Portuguese jazz formations, with increasing international recognition. Its major cultural goods are the big band concerts and the school sessions to children. CBA starts with a private analysis, with policies and considering observable market prices for outputs and inputs, and it is followed by a social or efficiency analysis, without policies and considering shadow or efficiency prices for outputs and inputs.

Results show that the OJM project is not only viable for the musicians of the orchestra (private analysis) but also generates wealth for society (efficiency analysis), justifying the public support of the project on an efficiency ground. Although the net benefits of the project are positive for society, with the current allocation of resources (efficiency analysis) producer surplus is negative. The latter points for the possibility of another allocation of resources being more efficient than the current one. This work also provides a discussion of the rational behind policy support of a cultural project like the OJM in the scenario in which the project represents a sacrifice of wealth for society.

Keywords: CBA, private analysis, social analysis and cultural goods.

ÍNDICE DE CONTEÚDO

| | |
|--|-----|
| AGRADECIMENTOS..... | 7 |
| GLOSSÁRIO | 9 |
| SUMÁRIO EXECUTIVO | 13 |
| ABSTRACT | 15 |
| | |
| ÍNDICE DE CONTEÚDO | 17 |
| ÍNDICE DE GRÁFICOS | 18 |
| ÍNDICE DE FÓRMULAS – INDICADORES DO PROJETO..... | 19 |
| ÍNDICE DE QUADROS..... | 20 |
| ÍNDICE DE APÊNDICES | 22 |
| | |
| INTRODUÇÃO | 23 |
| A ANÁLISE CUSTOS-BENEFÍCIOS | 31 |
| A ANÁLISE CUSTOS BENEFÍCIOS DE OJM..... | 45 |
| Aspetos Gerais..... | 45 |
| Análise Privada | 49 |
| Análise Social..... | 59 |
| Resultados | 79 |
| CONCLUSÕES | 113 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 117 |
| Fontes..... | 117 |
| - Fontes eletrônicas | 117 |
| - Fontes estatísticas | 119 |
| Bibliografia | 121 |

Número Total de Palavras: 21.915.

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 - 2011 – Concertos – Excedente do Consumidor..... | 64 |
| Gráfico 2 - 2011 – Sessões “O <i>Jazz</i> vai à Escola” – Excedente do Consumidor | 67 |

ÍNDICE DE FÓRMULAS – INDICADORES DO PROJETO

| | |
|--|----|
| Equação 1 – Investimento Inicial..... | 36 |
| Equação 2 – <i>Cash Flow</i> | 36 |
| Equação 3 – Valor Atualizado | 36 |
| Equação 4 – Valor Atualizado Líquido..... | 36 |
| Equação 5 – Equação de Fisher | 38 |
| Equação 6 – Taxa Interna de Rentabilidade | 39 |
| Equação 7 – Rácio Benefícios – Custos..... | 39 |
| Equação 8 – Elasticidade do VAL | 42 |
| Equação 9 – Investimento do projeto OJM | 46 |
| Equação 10 – Valor Atualizado | 46 |
| Equação 11 – Valor Atualizado Líquido do projeto OJM | 46 |
| Equação 12 – Taxa Interna de Rentabilidade do projeto OJM..... | 46 |
| Equação 13 – Rácio Benefícios-Custo do projeto OJM..... | 46 |
| Equação 14 – Rubricas a preços constantes | 56 |
| Equação 15 – Taxas de Juro Reais do projeto OJM | 57 |
| Equação 16 – Concertos - Excedente do Consumidor do projeto OJM..... | 64 |
| Equação 17 – O <i>Jazz</i> vai à Escola - Excedente do Consumidor do projeto OJM | 67 |
| Equação 18 – Correção Fiscal (custos intermédios)..... | 69 |
| Equação 19 – Salário-sombra | 71 |

ÍNDICE DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 – Benefícios privados, valores reais (preços de 2011), Euros..... | 79 |
| Quadro 2 – Custos Privados, valores reais (preços de 2011), Euros | 81 |
| Quadro 3 – Despesas de investimento, análise privada, valores reais (preços de 2011), Euros ... | 82 |
| Quadro 4 – Serviço da dívida, análise privada, valores reais (preços de 2011), Euros | 83 |
| Quadro 5 – Taxas (reais) de desconto, análise privada..... | 83 |
| Quadro 6 – Cash Flows privados, valores reais (preços de 2011), Euros..... | 84 |
| Quadro 7 – Benefícios sociais, valores reais (preços de 2011), Euros | 85 |
| Quadro 10 – Excedente do Consumidor por bilhete, valores reais (preços de 2011), Euros | 86 |
| Quadro 11 – Custos Sociais, valores reais (preços de 2011), Euros..... | 87 |
| Quadro 12 – Nº de espetadores efetivos ou nº de bilhetes vendidos | 88 |
| Quadro 13 – Despesas de investimento, análise social, valores reais (preços de 2011), Euros | 89 |
| Quadro 14 – Serviço da dívida, análise privada, valores reais (preços de 2011), Euros | 89 |
| Quadro 15 – Taxas (reais) de desconto, análise social..... | 90 |
| Quadro 16 – <i>Cash Flows</i> sociais, valores reais (preços de 2011), Euros..... | 90 |
| Quadro 2 – Valor médio recebido por cada bilhete, valores reais (preços de 2011), Euros | 92 |
| Quadro 3 – Preço médio de 1 bilhete, valores reais (preços de 2011), Euros | 92 |
| Quadro 17 – Indicadores do <i>Cash Flow</i> líquido privado após serviço da dívida, valores reais (preços de 2011), Euros..... | 95 |
| Quadro 18 – Indicadores do Rendimento do Trabalho privado, valores reais (preços de 2011), Euros | 96 |
| Quadro 19 – Análise de sensibilidade – elasticidade do VAL, Análise privada..... | 97 |
| Quadro 20 – Análise de sensibilidade – valor do VAL – Análise privada, valores reais (preços de 2011), Euros..... | 98 |
| Quadro 21 – Indicadores do <i>Cash Flow</i> líquido social após serviço da dívida, valores reais (preços de 2011), Euros..... | 100 |
| Quadro 22 – Indicadores do Rendimento do Trabalho social, valores reais (preços de 2011), Euros | 101 |
| Quadro 23 – Análise de sensibilidade – valor do VAL – Análise social, valores reais (preços de 2011), Euros..... | 103 |

Quadro 24 – Análise de sensibilidade – elasticidade do VAL, Análise social.....104

ÍNDICE DE APÊNDICES

| | |
|--|-----|
| APÊNDICES | 127 |
| 1. OJM – estrutura 2012 | 129 |
| 2. OJM – elementos da orquestra..... | 131 |
| 3. OJM - atividades | 133 |
| 4. OJM – concertos..... | 139 |
| i. Concertos por área geográfica | 139 |
| ii. Número de espetadores e preço médio por concerto | 140 |
| 5. OJM - distribuição das receitas por promotores e atividades | 155 |
| 6. Taxas..... | 157 |
| 7. Preços de atividades para crianças e jovens..... | 159 |
| 8. Análise social - questionário – concertos | 161 |
| i. Formulário | 161 |
| ii. Disponibilidade a pagar..... | 162 |
| iii. Situação profissional..... | 163 |
| 9. Análise social - fatores de conversão | 165 |
| 10. Análise social – excedente do consumidor | 171 |
| 11. Análise social – rendas | 173 |
| 12. Valor total de um bem – aplicação aos concertos da OJM..... | 175 |
| i. Concertos da OJM..... | 177 |

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é aplicar a metodologia de análise custos-benefícios (ACB) a um projeto cultural português, mais concretamente à Orquestra de Jazz de Matosinhos (OJM). A dissertação visa responder às seguintes questões de investigação:

1. Quais os benefícios e os custos do projeto OJM?
2. Será que a OJM é viável numa perspectiva privada? E numa perspectiva social?
3. Caso o Projeto represente um sacrifício de riqueza, que razões podem justificar o referido sacrifício e/ou o seu suporte por parte das políticas públicas?

Começando pela primeira questão, medir custos e benefícios remete-nos para o "pai" da ACB, Jules Dupuit, economista e engenheiro civil francês que em 1844 escreveu o estudo “*On the Measure of the Utility of Public Works*”¹. Neste artigo notável sobre as obras públicas, descreve o conceito de excedente do consumidor e reconhece que os benefícios produzidos pelos projetos de obras públicas não são a mesma coisa que as receitas diretamente por estes gerados (Dupuit, 1944).

Sobre a segunda questão, tradicionalmente a avaliação dos bens culturais baseava-se em critérios de estética e harmonia (Cruz, 2006). No entanto, esses critérios - inicialmente absolutos e posteriormente relativos² - não são económicos. É importante clarificar que o objetivo deste trabalho é avaliar os bens culturais produzidos pela OJM sob um ponto de vista estritamente económico, na perspectiva do valor de troca das produções e dos fatores. Existem outros valores para além do valor de troca, económicos e não económicos. A avaliação destes outros valores pode requerer peritos de um conjunto de disciplinas (*Idem*).

É aqui que reside uma das principais motivações pessoais deste trabalho: a possibilidade de aplicar uma metodologia assente em princípios económicos a um domínio da sociedade que não tem sido alvo deste tipo de tratamento: a cultura. Em concreto, avaliar numa perspectiva social os

¹ Em português, *Medir a utilidade das obras públicas*.

² A partir do pós-modernismo (em 1930).

bens culturais. Estes bens podem ser e são avaliados noutras perspetivas, em particular pela sua beleza, originalidade, etc.

No que respeita à terceira questão, é relevante evidenciar a multiplicidade de instrumentos de políticas públicas existente. Deste modo, podemos distinguir dois tipos de apoio governamental: o apoio direto e o apoio indireto (*Idem*).

O apoio direto traduz-se em despesa pública direta. Neste assume particular importância a posse de bens culturais pelo Estado³ (exemplos: museus, galerias, companhias de teatro etc.); e o suporte quer da oferta quer da procura cultural.

Em Portugal destaca-se o financiamento público às atividades de Associações e Fundações de finalidade criativa e cultural, o que evidencia o papel fundamental do 3º Setor na oferta cultural (COE, 2012). Exemplo disso é a OJM, também ela uma associação sem fins lucrativos, cujos serviços contratualizados por entidades públicas representam uma média de 69% do total das suas receitas⁴ no período 1999 - 2011⁵. Ao financiamento existente à oferta cultural é atribuída uma grande desvantagem: a discricionariedade da escolha das instituições apoiadas, que pode gerar conflitos de interesse e até comportamentos *rent-seeking*⁶ na procura do referido financiamento público (Cruz, 2006). A ACB permite informar melhor as escolhas públicas e reduzir por essa via a discricionariedade das mesmas.

³ Por vezes, a posse dos bens culturais não é totalmente pública, uma vez que o Estado faz parecerias com os agentes privados.

⁴ Isto é, do total das receitas públicas e privadas (em cada ano).

⁵ Percentagem calculada com base em valores reais (preços de 2011). Consultar o Apêndice 5 - OJM - distribuição das receitas por promotores e atividades.

⁶ O conceito de “*rent-seeking*” foi introduzido por Gordon Tullock em 1967. As pessoas têm comportamentos de “*rent-seeking*” ou “busca de privilégios” quando tentam obter benefícios para si próprios, através da arena política. Exemplos de benefícios: a obtenção de um subsídio para a produção de um bem; a obtenção de um regulamento especial que dificulta os concorrentes, etc. O exercício de pressão, por parte de *lobbies*, junto dos governos para obtenção de determinados privilégios existe há séculos. Para Gordon Tullock, os gastos associados à prática de *lobbying* para obtenção de privilégios são caros e anulam parte dos ganhos associados aos mesmos, traduzindo-se em situações de ineficiência do ponto de vista da sociedade. Logo, embora tais gastos sejam racionais do ponto de vista estrito dos beneficiários, eles representam uma perda para a economia como um todo (Henderson, n.d.).

Pode-se ainda subdividir os apoios diretos públicos em dois níveis diferentes: central e local⁷. Segundo o estudo realizado pelo PE (2006), existem grandes disparidades entre os países europeus no que respeita ao peso de cada um destes níveis. Portanto, na maioria dos países da Europa Central e de Leste, os apoios centrais representam entre 65% e 70% do total dos apoios públicos, enquanto que em países como Alemanha e Espanha o peso dos apoios locais representa entre 80% a 90% do total. Países como Portugal, Áustria, Bélgica, e Dinamarca, entre outros, estão numa situação intermédia, em que o peso dos apoios locais situa-se entre 60% e 65% ou, simetricamente, o peso dos apoios centrais situa-se entre 35% e 40%. No caso da OJM, o peso dos apoios da CMM (poder local) é em média de 69% do total dos apoios públicos no período 1999 - 2011⁸, sendo os restantes 31% atribuídos pela DGArtes.

Existem grandes disparidades na distribuição da despesa pública pelos diferentes setores da cultura. Assim, o património cultural e os museus são vistos como uma prioridade em Itália, Grécia e Malta. Já o elevado apoio à música - incluindo a orquestras - é uma característica distintiva de Áustria e Alemanha. Por sua vez, o teatro é uma grande aposta do governo Búlgaro. As bibliotecas são fortemente subsidiadas na Finlândia e na Dinamarca. Já os serviços nacionais de radiodifusão são altamente financiados na Bulgária e nas comunidades francesa e alemã na Bélgica. Em Portugal, destacam-se os apoios concedidos na área do desporto⁹, nomeadamente a nível local¹⁰, e também na literatura¹¹ (PE, 2006).

As diferenças refletem as prioridades subjacentes às políticas culturais de cada país. Segundo o estudo realizado pelo PE (2006), em Portugal, as prioridades são o pluralismo, a

⁷ Em alguns países da UE, existe ainda um nível intermédio: o regional. Neste trabalho, este é tratado conjuntamente com o nível local.

⁸ Percentagens calculadas com base em valores reais (a preços de 2011). Consultar o Apêndice 5 - OJM - Distribuição das Receitas por Promotor e Atividades.

⁹ No estudo do PE, o desporto é considerado uma área da cultura.

¹⁰ Também se destacam Bélgica, Dinamarca e Bulgária, entre outros.

¹¹ Também se destacam Estónia e Alemanha.

internacionalização, a descentralização, a preservação do património cultural e o desenvolvimento de indústrias criativas¹².

As prioridades “internacionalização” e “indústrias criativas” estão presentes nos objetivos da DGArtes: “O Apoio às Artes traduz-se no apoio à criação, produção e difusão das artes bem como na consolidação, qualificação e dinamização das redes de equipamentos culturais. Um dos principais instrumentos de realização dessas duas dimensões correlacionadas da política cultural é o financiamento público de atividades e de projetos que contribuam, quer para projetar nacional e internacionalmente a criatividade e a capacidade de inovação artísticas, quer para desenvolver a sensibilidade e o pensamento crítico das populações, promovendo a sua qualificação e a coesão social” (DGArtes, n.d.a).

Na mensagem do Presidente da CMM, Guilherme Pinto, presente no site oficial da CMM, estão presentes as prioridades “preservação do património cultural” e “descentralização”:“(…) Esta Autarquia não deseja desinvestir naquela que tem sido não só uma das suas áreas de referência e de identidade nos últimos anos, mas também das que mais tem contribuído para o rejuvenescimento, qualificação e dinamismo da sua população (...). A Cultura deverá ser entendida cada vez mais como um setor prioritário na definição de estratégias de desenvolvimento de qualquer região” (CMM, n.d.).

Por sua vez, o apoio indireto é normalmente feito pela via fiscal, isto é, pela via de deduções e isenções fiscais às instituições culturais e também às empresas que apoiam as artes ou a cultura – mecenato. Ao nível dos incentivos fiscais, destacam-se a isenção de IVA nos serviços culturais¹³ e a contabilização dos donativos como custos para efeitos fiscais¹⁴. Note-se que no caso dos mecenatos, ao contrário dos subsídios públicos, o montante dos apoios não é definido pelo Estado mas pelos mecenas, regra geral empresas (Cruz, 2006).

¹² A lista de prioridades definida no estudo incluía ainda: liberdade artística, qualidade da arte, inovação, identidade, apoio aos artistas, reorganização da administração, educação, participação (foco social), efeito económico da cultura, alteração das leis e envolvimento do 3º setor e das empresas (PE, 2006).

¹³ IVA. CAPÍTULO II - Isenções, SECÇÃO I - Isenções nas operações internas, Artigo 9.º - Isenções nas operações internas. CÓDIGO DO IVA

¹⁴ Regime Fiscal de Mecenato (Governo de Portugal. n.d.).

Dentro do apoio indireto, podemos ainda incluir a regulação, designadamente ao nível da proteção de direitos de propriedade e da proteção e conservação do património (*Idem*).

Desde a década de 80 tem havido um decréscimo dos apoios públicos no setor da cultura na generalidade dos países desenvolvidos, sobretudo ao nível da intervenção direta. Isso tem-se devido, em parte, às crescentes restrições orçamentais do setor público. Em contrapartida, o mecenato e os patrocínios têm vindo a ganhar importância no financiamento cultural (*Idem*).

Na sessão de abertura de Guimarães - Capital Europeia da Cultura 2012, o presidente da CE, José Manuel Durão Barroso, destacou o valor económico cada vez maior da cultura na Europa, sublinhando que “3,5 a 4 por cento do Produto Interno Bruto europeu está diretamente ligado às indústrias criativas e culturais”. Acrescentou que “para além do seu valor intrínseco, a cultura contribui ativamente para desenvolvimento económico e social e promoção da coesão social” e, portanto “mais do que nunca (é) importante acentuar esta dimensão social”. Lembrou também que a cultura e as atividades a ela associadas “estão a criar emprego”, pelo que “a CE vai reforçar o investimento no setor¹⁵ (...). Sem cultura, a Europa não faz qualquer sentido, disse (Online, 2012).

Deste modo, o orçamento previsto para o novo ciclo de 2014 - 2020 previa quase 1,6 biliões de euros afetos ao setor cultural (CE, 2011), o que representava um aumento de cerca de 0,4 biliões de euros relativamente ao período de 2007 – 2013 (EUobserver.com. 2012)¹⁶. No entanto, em Fevereiro de 2013, a CE revereu o orçamento e, embora não se saiba até ao momento quais as consequências específicas para o setor cultural, é expetável a diminuição do valor afeto ao mesmo, tendo em conta os primeiros resultados dessa revisão que já foram publicados (COE, 2013)¹⁷. O novo orçamento terá ainda de ser aprovado pelo COE e (em última instância) pelo PE (CE, 2012)¹⁸.

¹⁵ No orçamento da CE para o período 2014 - 2020, a Cultura é uma subsecção da Rúbrica 3 – Segurança e Cidadania e designa-se “Programa Europa Criativa”.

¹⁶ Valores referidos a preços de 2011.

¹⁷ Numa primeira versão da proposta de orçamento da CE para o período 2014 - 2020, o total da Rúbrica 3 ascendia a 18.535 biliões de euros, dos quais 1.590 biliões eram destinados à Cultura (CE, 2011). Em Fevereiro de 2013, a

A metodologia ACB aplicada a projetos culturais tem ainda um longo percurso a percorrer, nomeadamente em Portugal, como se verá de seguida. É aqui que se encontra outra motivação pessoal para a realização deste trabalho: a possibilidade de dar um contributo, ainda que pequeno, nesta matéria.

Outras motivações pessoais têm a ver com o fato do objeto de estudo ser um projeto da área geográfica onde vivo e também ter uma história de mais de uma década, isto é, de ser um projeto real e já com impactos efetivos na sociedade¹⁹.

“A OJM²⁰ é uma das formações mais dinâmicas do *jazz* português atual. Com o apoio da Câmara Municipal de Matosinhos, iniciou a sua atividade em 1999 como uma orquestra de autores, divulgando as composições e arranjos dos seus diretores Pedro Guedes e Carlos Azevedo”(OJM, n.d.).

“A participação na Porto (Capital Europeia da Cultura) 2001 foi um primeiro passo no alargamento da sua base de trabalho, tornando-se cada vez mais um fórum de compositores que tem dado origem a um repertório nacional específico para este tipo de formação. Mais tarde, o protocolo estabelecido com a Casa da Música veio favorecer o desenvolvimento de projetos diversificados em colaboração com músicos de relevo internacional” (*Idem*).

Os projetos que tem desenvolvido já a levaram a partilhar o palco com solistas, compositores e maestros de prestígio²¹. Para além das composições e arranjos originais, a OJM tem interpretado

CE reveu o seu orçamento, tendo diminuído o valor atribuído à Rúbrica 3 para 15.686 biliões de euros (COE, 2013). A variação específica do “Programa Europa Criativa” ainda não era conhecida na data de elaboração deste trabalho. Todos os valores referidos estão a preços de 2011.

¹⁸ A CE prepara o projeto de orçamento e submete-lo ao COE e ao PE. Regra geral, a Autoridade Orçamental, composta pelo COE e pelo PE, altera e aprova o projeto de orçamento. Em caso de desacordo entre ambos, é convocada um Comité de Conciliação com a tarefa de chegar a acordo, num prazo de 21 dias, sobre um texto. Se o projeto comum for rejeitado pelo COE, o PE tem o direito de finalmente aprovar o orçamento (CE, 2012).

¹⁹ Análise in media res, como veremos posteriormente.

²⁰ Consultar os Apêndices 1 -

OJM – estrutura 2012 e 2 - OJM – elementos da orquestra.

²¹ Ingrid Jensen, Bob Berg, Conrad Herwig, Mark Turner, Rich Perry, Steve Swallow, Gary Valente, Dieter Glawischnig, Carla Bley, Stephan Ashbury, Chris Cheek, Ohad Talmor, Joshua Redman e Andy Sheppard, Dee Dee

igualmente o repertório de figuras de referência²² e tem atuado regularmente nas principais salas do país e também em Bruxelas, Milão e Nova Iorque (*Idem*).

A oferta cultural²³ da OJM não se esgota na realização de concertos de *big band jazz*²⁴. É também de salientar a realização do programa pedagógico²⁵ “O Jazz vai à Escola” junto dos alunos de algumas escolas do concelho de Matosinhos²⁶. Destaca-se ainda a discografia da OJM²⁷ que começou a ver a luz do dia em 2006 e é (precisamente) o reflexo de algumas colaborações com figuras de referência (*Idem*).

O carácter único da OJM revela-se na versatilidade que lhe permite assumir todas estas vocações e desempenhar o papel de uma orquestra nacional de *jazz*, apresentando repertórios de todas as variantes estéticas e de todas as épocas do *Jazz* (*Idem*).

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. Após este capítulo introdutório, o capítulo 2 descreve a metodologia ACB. No capítulo 3 aplica-se a referida metodologia à OJM e descrevem-se os principais resultados obtidos. No capítulo 4 resumem-se os principais resultados da dissertação.

Bridgewater, Maria Rita, Maria João, Remix Ensemble, Orquestra Nacional do Porto e Quarteto de Cordas de Matosinhos (OJM, n.d.).

²² Thad Jones, Bob Brookmeyer, Carla Bley, John Hollenbeck, Jim McNeely, Kurt Rosenwinkel e João Paulo Esteves da Silva, obras para *big band* de autores portugueses espanhóis, etc. (OJM, n.d.).

²³ O Apêndice 3 contém a identificação e caracterização das principais atividades da OJM.

²⁴ A *big band* é um tipo de conjunto musical que teve origem nos Estados Unidos e está associado ao jazz e à era do *swing*. Os termos banda de *jazz*, grupo de *jazz*, orquestra de *jazz* e banda de palco são também usados. A instrumentação é composta por saxofones, trompetes, trombones e uma seção de ritmo (bateria, baixo acústico ou baixo elétrico, piano e guitarra). As músicas tocadas pelas *big bands* possuem, geralmente, arranjos elaborados e previamente preparados e escritos em partituras; e também os solos e improvisações executados nos concertos (Wikipedia, n.d.)

²⁵ Sessões anuais.

²⁶ Informação facultada pela OJM (J. Coelho, comunicação pessoal, 28 de Março de 2012). Escolas abrangidas: Escola Secundária Abel Salazar; Escola Secundária Augusto Gomes; Escola Secundária da Boa Nova; Escola Básica dos 2º e 3º ciclos de Matosinhos; Escola Secundária Sra. da Hora, Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Professor Oscar Lopes; Escola Secundária João Gonçalves Zarco e Escola E.B.I./J.I. da Barranha.

²⁷ Orquestra Jazz de Matosinhos Invites: Chris Cheek (Fresh Sound New Talent), Portology (Omnitone), Our Secret World e Amoras e Framboesas (OJM, n.d.).

A ANÁLISE CUSTOS-BENEFÍCIOS

O objetivo da ACB consiste em determinar se um projeto é viável do ponto de vista do bem-estar social (CE, 2004). Aplicando a projetos culturais, o objetivo da ACB consiste em determinar se a produção de determinados bens culturais cria ou destrói bem-estar à sociedade.

A ACB parte de uma análise privada, isto é, com políticas públicas e em que os *inputs* e os *outputs* estão expressos a preços de mercado; seguindo-se uma análise social ou de eficiência, baseada na microeconomia neoclássica, sem políticas públicas e em que os *inputs* e os *outputs* são expressos a preços de eficiência ou preços-sombra²⁸.

Desta forma, a análise social é distinta da privada essencialmente por dois motivos. Em primeiro lugar, precisamente pela perspetiva que assume: na análise social ultrapassa-se a esfera sócios ou acionistas - característica da análise privada - assumindo-se a perspetiva da sociedade. A segunda justificação deriva da primeira: na perspetiva social, os benefícios líquidos do projeto são calculados a preços de eficiência²⁹, caso contrário ao utilizar-se preços de mercado, estaríamos a ignorar os vários tipos de efeitos que os atingem (Campbell & Brown, 2003)³⁰.

Do ponto de vista económico, o bem estar-estar social corresponde aos somatórios dos excedentes do produtor³¹ e do consumidor³². Num mercado livre (sem falhas e/ou distorções), o bem-estar social é maximizado no ponto de equilíbrio, isto é, o ponto de interceção das curvas da oferta e da procura.

²⁸ É discutível que a mensuração dos outputs seja expressa a preços de eficiência, como será referido posteriormente.

²⁹ No entanto, como será explicado posteriormente, poderão existir preços acima ou abaixo dos preços eficientes.

³⁰ Sobre este ponto, destaca-se o conceito de externalidades que será explorado posteriormente.

³¹ O excedente do produtor corresponde à diferença entre o preço de mercado de determinada quantidade de um bem e o montante que o produtor estaria disposto a vender a mesma. O produtor está disposto a vender até ao ponto em que custo marginal iguala o preço de mercado. Desta forma, todas as unidades vendidas expeto a última apresentam custos marginais inferiores ao preço de mercado (Dupuit, 1844).

³² O excedente do consumidor corresponde à diferença entre o montante que o consumidor estaria disposto a pagar por determinada quantidade de um bem e o montante que efetivamente paga. O consumidor consome até ao ponto em que a sua utilidade marginal iguala o preço de mercado. Desta forma, todas as unidades consumidas expeto a última apresentam utilidades marginais superiores ao preço de mercado (Dupuit, 1844).

Segundo o critério do ótimo de Pareto, este ponto, por sua vez, corresponde a uma afetação de recursos aos agentes económicos, a partir da qual não existe nenhuma reafecção possível que seja preferida por um indivíduo e que não implique a perda de bem-estar de um outro - (Campbell & Brown, 2003). Na prática, é quase impossível conduzir qualquer política económico-social que não implique a perda de bem-estar de pelo menos uma pessoa, o que conduz à necessidade um outro critério.

O critério de Kaldor-Hicks afirma que, mesmo que alguns membros da sociedade estejam em situação pior, como resultado da realização de um dado projeto, este confere um benefício líquido para a sociedade se os “ganhos” de alguns compensarem as “perdas” de outros. Assim, um projeto que adiciona bem-estar económico não tem necessariamente que constituir uma melhoria à Pareto³³. Neste critério, se os benefícios excederem os custos, então existe opinião a favor do projeto (*Idem*).

Claro que o decisor deve ainda ter em conta outras questões, como os efeitos distributivos³⁴, isto é, quem recebe os benefícios e quem arca com os custos (*Idem*).

Contudo, existem situações em que o mercado “falha” na maximização do bem-estar (*Idem*). E se há falhas, então o mercado não é eficiente e logo abre-se espaço para a intervenção do governo (Oliveira, 2009), por razões de eficiência económica. É o caso dos bens públicos e dos bens coletivos³⁵. Um bem público puro é aquele que apresenta simultaneamente duas propriedades: perfeita não-rivalidade no consumo e perfeita não-exclusão. A 1ª propriedade significa que o consumo de um bem por uma pessoa não impede outras de o consumirem simultaneamente. Não havendo rivalidade no consumo, o custo adicional de se ter mais um indivíduo a consumir o bem público é nulo. Por sua vez, a 2ª propriedade significa que a

³³ Situação em que (pelo menos) algumas pessoas da sociedade estão em melhor situação e ninguém está pior, como consequência da realização do projeto (Campbell & Brown, 2003).

³⁴ As questões de equidade/justiça social constituem outro motivo essencial para a intervenção do Estado na Economia (Oliveira, 2009).

³⁵ Podemos identificar seis falhas básicas de mercado: estruturas de mercado não competitivas (monopólios, oligopólios e monopsónios); bens não privados (bens públicos, bens de livre acesso, bens de clube, bens coletivos, etc.); externalidades (positivas e negativas); mercados incompletos; informação imperfeita e desemprego e outras perturbações macroeconómicas (Oliveira, 2009).

exclusão ou não é possível ou, caso seja possível, não é desejável. Os bens públicos puros tipicamente não são fornecidos no mercado ou, quando são fornecidos, verifica-se sub-procura ou sobre-oferta dos mesmos. Isto significa que o custo de se excluir um indivíduo de consumir o bem é proibitivamente elevado. Muitos bens não são bens públicos puros, mas têm um determinado grau de ambas as propriedades (não-rivalidade e ou não-exclusão) (Stiglitz, 1999).

Será a cultura um bem público? De acordo com Frey (2000), frequentemente os bens culturais apresentam as características de bem público, não apresentando um preço de mercado e, portanto, torna-se difícil a determinação do valor económico desse bem. Mesmo que haja preço de mercado, este nem sempre é um bom indicador. Por exemplo, o artista pode não estar a agir tendo em vista a maximização do lucro (Cruz, 2006) e, portanto, oferecer o seu trabalho abaixo do seu custo de oportunidade. Outro exemplo consiste no fato do preço de alguns bens culturais não refletirem todos os benefícios e custos a estes associados e, portanto, não constituírem preços de eficiência. É o caso dos preços de bilhetes na entrada na Torre Eiffel: em troca de uma contrapartida (valor de troca³⁶), os visitantes têm acesso à subida pela torre (valor de uso³⁷), mas o valor deste monumento ultrapassa a esfera do valor de uso e do valor de troca, tendo outros benefícios associados à estética paisagística, à identidade da cidade de Paris, à herança cultural francesa, etc. Daí a opção pela estimativa de preços-sombra ou de eficiência, isto é, dos custos de oportunidade. Para Zerby & Dively (1994), os bens públicos apresentam uma oferta do mercado que é ineficiente ou inexistente e, é precisamente por causa disso que a ACB constitui uma excelente ferramenta.

Depois da caracterização dos principais conceitos-chaves associados à ACB, é importante clarificar alguns passos desta metodologia.

³⁶ Embora o termo "valor" seja muitas vezes usado como sinónimo de valor de troca, o seu conceito incorpora tanto as dimensões de quantidade e de qualidade. Assim, "valor de troca" é o aspeto quantitativo de valor, enquanto que de "valor de uso" é o aspeto qualitativo de valor e está relacionado com a sua utilidade, constituindo o substrato do preço. O "valor de troca" difere de "preço" de duas maneiras: em primeiro lugar, o preço é a atualização do valor de troca que, por sua vez, vai sofrendo alterações ao longo das trocas de acordo com os fatores que afetam a atividade da troca; em segundo lugar, o preço está medido em unidades monetárias, enquanto que o valor de troca pode ter outra medida (para além do dinheiro) (Marxists, n.d.).

³⁷ Consultar nota 36.

O primeiro passo desta metodologia consiste na identificação do objeto de estudo, isto é, do projeto cuja viabilidade se pretende avaliar.

E o que é um projeto? A expressão “projeto” para os financeiros e economistas é geralmente entendida como o conjunto sistematizado de informações destinado a fundamentar uma decisão de investimento. Nesta definição avultam dois aspetos - o da informação sistematizada e o da finalidade do investimento – o que restringe o próprio conceito de projeto, pela exclusão de todo o tipo de informações não sistematizadas (Abecassis & Cabral, 2000).

E em que consiste avaliar um projeto? Neste contexto, a palavra “avaliar” tem um duplo conceito: um prospetivo, no sentido de decisão se os recursos devem ou não ser afetos a determinado projeto – análise *ex ante*; e outro retrospectivo quando se refere ao processo de revisão do desempenho de um projeto – análise *ex post* (*Idem*)³⁸.

Existe ainda uma situação intermédia, portanto, em que o projeto é avaliado no decurso da sua realização – análise *in medias res* (Boardman & Greenberg, et al., 2011). Tal como na análise *ex ante*, a *in medias res* tem o potencial de influenciar diretamente a decisão de continuar ou não o projeto (*Idem*); e, tal como na análise *ex post*, tem a potencialidade de auxiliar na estimativa de custos e benefícios aquando da elaboração de análises *ex antes* de futuros novos projetos (*Idem*). Auxíla ainda na tomada de decisão de continuar o projeto em alternativa à possibilidade de afetar os recursos num outro projeto³⁹ (CE, 2006).

É ainda importante definir o grupo de referência, isto é, o grupo-alvo do projeto. Isto porque, sendo “sociedade” um conceito muito amplo, na análise social, a "sociedade" deve ser interpretada de uma forma relativamente estreita: ela é simplesmente composta por um grupo de indivíduos considerados, pelo decisor, como sendo relevantes (Campbell & Brown, 2003). De acordo com a CE (2006), deve-se optar pelo nível geográfico que corresponde à sociedade em que o projeto tem um impacto relevante. Em princípio, todos os impactos para o grupo de

³⁸ Uma das potencialidades da avaliação retrospectiva é fornecimento de informações valiosas sobre o planeamento adequado de projetos futuros (Campbell & Brown, 2003).

³⁹ Logo, esta abordagem fundamenta o conceito de custo de oportunidade: sendo os recursos (afetos a determinado projeto) escassos, haverá uso alternativo para eles? (CE, 2006).

referência devem ser identificados, medidos em unidades físicas e quantificados em unidades monetárias, tanto quanto possível (Campbell & Brown, 2003).

Outro passo fundamental da ACB consiste na definição da vida útil ou económica (CE, 2004). Deste modo, é importante delimitar o número de anos, n , para os quais se vai efetuar a estimativa dos benefícios líquidos ou CF - *cash flows* - do projeto. Regra geral, trata-se de um período finito, começando no ano do início do projeto – ano zero⁴⁰ - e terminando no ano até o qual a estimativa dos CF pode ser feita com um certo grau de credibilidade e segurança – ano n . No caso das análises *ex post* e *in media res*, o período de referência compreende anos históricos. No caso da análise *ex ante*, compreende anos futuros. No último caso, findo o período n , podemos estimar o VR - valor residual⁴¹ (Pacheco, 2011).

Definem-se ainda dois cenários: um com projeto e outro sem projeto. Isto porque a ACB é efetuada de acordo com o método incremental, ou seja, a avaliação deve ser feita com base nas diferenças nos custos e nos benefícios entre um cenário e o outro (CE, 2008).

De seguida, efetua-se a análise privada - ou financeira, na terminologia da CE (2006) - e, finalmente, a análise social ou de eficiência - ou ainda económica, na terminologia da CE (2006).

Segundo as orientações da CE (2006), o objetivo principal da análise privada é o cálculo dos indicadores de desempenho do projeto.

O principal indicador é, regra geral, o VAL – valor atualizado líquido – no qual, tal como o nome sugere, os custos, o investimento inicial e benefícios são atualizados para o momento presente. Logo, a metodologia a utilizar é a dos DCF - *cash-flows* descontados (CE, 2008).

⁴⁰ No caso de haver investimento anterior ao ano zero, é usual capitalizá-lo para esse ano (Pacheco, 2011).

⁴¹ O valor residual pode ser calculado assumindo a venda dos ativos do projeto – ótica da liquidação; ou então a perpetuidade do *cash flows* – ótica da continuidade (*Idem*).

$$I_0 = + \sum_{t=p}^n \frac{I_t}{(1 + \varepsilon_t)^t}$$

Equação 1 – Investimento Inicial

$$CF_t = B_t - C_t$$

Equação 2 – Cash Flow

$$VA = \sum_{t=0}^n \frac{CF_t}{(1 + \varepsilon_t)^t}$$

Equação 3 – Valor Atualizado

$$VAL = I_0 + VA$$

Equação 4 – Valor Atualizado Líquido**Legenda:**

p – primeiro ano de investimento⁴²;

n – vida útil (anos);

ε_t – taxa de atualização ou taxa de desconto;

t – tempo (anos);

B – benefícios;

C – custos.

Relativamente à taxa ε_t , o recurso à atualização deriva do fato dos benefícios e dos custos ocorrerem em diferentes momentos do tempo. Assim, a taxa de desconto permite comparar os

⁴² O primeiro ano de investimento pode ser anterior ao ano de arranque do projeto ou ano zero. Por exemplo, se o investimento iniciar-se 3 anos antes do arranque do projeto, então $p = -3$.

diferentes *cash flows* com o investimento inicial, tornando-os indiferentes no tempo. Esta homogeneização é necessária dada a variação no tempo do valor do capital (Pacheco, 2011). Portanto, há uma preferência temporal pelo presente que faz com que os agentes económicos valorizem mais o presente que o futuro. Esta justifica-se por um lado pela impaciência e incerteza dos agentes em relação ao futuro e, por conseguinte, pelo decréscimo da utilidade marginal no tempo. Outra justificação é existência de rendimentos de capital (Cruz, 2006).

Regra geral, uma taxa de desconto elevada (baixa) dá um peso menor (maior) aos *cash-flows* futuros e, conseqüentemente, penaliza (beneficia) os projetos cujos benefícios líquidos ocorrem sobretudo no futuro (Boardman & Greenberg, et al., 2011). Conseqüentemente, taxas de desconto distintas poderão conduzir a diferentes conclusões e tomadas de decisão.

Ainda sobre a taxa de desconto, há um aspeto relevante a referir: a regra de consistência dos fluxos de caixa. Com efeito, os *cash flows* de um projeto e a taxa de desconto utilizada devem estar definidos nos mesmos termos. Ou seja, se os *cash flows* estão definidos em valores nominais, a taxa de desconto deve ser nominal; se os *cash flows* estão definidos em valores constantes ou reais, a taxa de desconto deve ser real. Se a consistência for mantida, as conclusões do projeto devem ser idênticas em ambos os casos (Damodaran, n.d)⁴³.

Investir num dado projeto significa renunciar de outros investimentos alternativos. Por isso, a taxa de desconto reflete o custo de oportunidade do capital investido e consiste na taxa de retorno mínima exigida pelos investidores (Pacheco, 2001). Logo, a taxa de desconto é uma taxa de juro e está dependente das taxas de juros de mercado⁴⁴ e do risco associado do projeto e ao financiamento (*Idem*).

No caso de se optar por *cash flows* constantes, a taxa de desconto a utilizar deve ser uma taxa de juro real, isto é, uma taxa deflacionada para excluir a alteração no nível geral de preços. Esta taxa poderá ser calculada de acordo com a equação de Fisher (Fisher, 1930), que relaciona a taxa de

⁴³ Isto aplica-se tanto na análise privada como na análise social.

⁴⁴ Exemplos de taxas de juro: taxa sem risco, taxa de juro dos mercados monetários e de capitais, etc.

juro nominal – i , a taxa de inflação – π , e a taxa de juro real – r . A relação postulada entre estas três taxas é a seguinte:

$$(1 + i) = (1 + r) \times (1 + \pi) \Leftrightarrow r = \frac{(1 + i)}{(1 + \pi)} - 1$$

Equação 5 – Equação de Fisher

Legenda:

i – a taxa de juro nominal;

r – taxa de juro real;

π – taxa de inflação.

Quando diferentes projetos são considerados mas nem todos poderão ser executados na medida em que existem restrições orçamentais, os projetos costumam ser ordenados em termos do “ranking VAL”, sendo que aquele que apresenta o VAL maior é, regra geral o preferível (CE, 2008). Contudo, a decisão pode ser feita, por exemplo, pelos dois projetos subseqüentes ao primeiro, se a restrição orçamental permitir a execução de ambos e soma dos respetivos VAL for superior ao VAL do primeiro (*Idem*).

Para além do VAL, existem outros indicadores de avaliação complementares.

Um deles é a TIR - taxa interna de retorno ou de rentabilidade, isto é, a taxa de desconto para o qual o VAL é igual a zero. Regra geral, o projeto é viável sob o ponto de vista privado se a TIR for superior à taxa de desconto privada dos *cash-flows*. De qualquer modo, é frequente a comparação da TIR do projeto em questão com a TIR de outros projetos de natureza similar, independentemente da sua dimensão (*Idem*).

$$VAL = I_0 + \sum_{t=0}^n \frac{CF_t}{(1 + TIR)^t} = 0$$

Equação 6 – Taxa Interna de Rentabilidade

Uma das vantagens deste indicador face ao VAL é a de que a TIR (ao contrário do VAL) é independente do efeito-dimensão⁴⁵, precisamente por ser uma taxa. No entanto, existe o risco de haver, num mesmo projeto, não uma mas mais várias TIR – em consequência do perfil dos (sinais dos) *cash-flow* do projeto o que gera ambiguidade na decisão (*Idem*) - problema das TIR múltiplas.

Outro indicador muito frequente em ACB e que mede a eficiência do projeto é o rácio entre o valor atual dos benefícios e o valor atual dos custos – RBC – rácio benefícios-custos (CE, 2008). Sob o ponto vista privado, o projeto é viável se o RBC for maior do que 1.

$$RBC = \frac{\sum_{t=0}^n \frac{B_t}{(1+\varepsilon_t)^t}}{I_0 + \sum_{t=0}^n \frac{C_t}{(1+\varepsilon_t)^t}}$$

Equação 7 – Rácio Benefícios – Custos

Tal como a TIR, é independente do efeito-dimensão, mas, contrariamente à TIR, não gera casos ambíguos e, por essa razão, pode complementar o VAL em decisões onde se recorre ao “ranking VAL”, em virtude das restrições orçamentais existentes. Um dos problemas de qualquer projeto é o fato de haver efeitos que podem ser classificados como uma diminuição de custos ou como um aumento de benefícios e vice-versa. Ora, enquanto isto não afeta o VAL (e por vezes também a TIR), o mesmo não acontece com o RBC (*Idem*).

⁴⁵ Isto é, é independente do “tamanho” do investimento do projeto.

Tendo em conta os conceitos e as vantagens *versus* limitações de cada indicador, é frequente o recurso a todos eles numa lógica de complementaridade. No entanto, o VAL é, regra geral, o indicador por excelência.

Na análise social, os fluxos de tesouraria da análise privada são tomados como ponto de partida da análise social (CE, 2006), sendo necessário fazer alguns ajustamentos.

O primeiro ajustamento consiste na correção dos efeitos fiscais, uma vez os impostos são consideradas transferências de uns grupos sociais para outros. Deste modo, todos os *itens* fiscais e subsídios são eliminados; do mesmo modo, os preços de mercado são modificados sempre que reflitam efeitos de ordem fiscal, como é o caso do IVA (CE, 2004).

Outro ajustamento consiste em medir os custos e/ou os benefícios económicos específicos de determinados setores de atividade. Por exemplo, no setor dos transportes é frequente o cálculo das variações dos excedentes do consumidor e do produtor resultantes da prossecução do projeto, sendo este passo um dos mais importantes (CE, 2006). Como será explicado no capítulo seguinte, também este passo é fundamental na avaliação projeto OJM e certamente de outros bens culturais.

Existem ainda situações em que os preços de mercados observados estão distorcidos e por isso não constituem um indicador de bem-estar adequado⁴⁶, pelo que devem ser usados preços que reflitam os custos de oportunidade dos *inputs/ outputs* em questão – preços sombra. Estes preços são calculados mediante a aplicação de fatores de conversão (CE, 2006), isto é, multiplicando os preços de mercado pelos fatores de conversão. É o caso do cálculo do salário de referência ou salario-sombra⁴⁷.

⁴⁶ Regimes de monopólio, barreiras comerciais, regulamentação laboral, informação incompleta, etc.

⁴⁷ As distorções do mercado de trabalho - salários mínimos, prestações de desemprego, etc.- resultam habitualmente num salário financeiro superior ao custo de oportunidade do trabalho. Embora a CE não referencie fatores de conversão específicos para os salários-sombra, recomenda que estes refletiam o real valor do trabalho, sob diferentes regimes de desemprego. Também recomenda que as fórmulas de cálculo dos salários-sombra sejam semelhantes nas várias as regiões de um mesmo Estado-membro. Normalmente, quanto o maior desemprego, menor o salário-sombra, porque não há excesso de força de trabalho disponível (CE, 2006).

Outro passo da análise social consiste em identificar, quantificar e monetizar, dentro do possível, os efeitos positivos ou negativos que incidem sobre a população-alvo e sem preço de mercado⁴⁸. Nestes casos, está-se muitas vezes no domínio dos benefícios e dos custos intangíveis. A necessidade de serem avaliados resulta do fato de estes contribuírem de forma significativa – positiva ou negativamente – para o cumprimento dos objetivos associados ao projeto (*Idem*). Aplicando ao caso dos bens culturais, exemplos de benefícios poderão ser: “educação” dos gostos da população, igualdade no acesso à cultura e preservação das tradições culturais. Por vezes, os fatores de conversão referidos no parágrafo anterior já capturam os principais benefícios e custos que se enquadram nesta categoria; se assim for, este passo não deve ser efetuado de forma a evitar dupla contabilização de efeitos (*Idem*).

Além disso, deve-se ter em consideração as externalidades positivas ou negativas geradas pelo projeto. As externalidades consistem em benefícios ou custos sociais que se manifestam para além do domínio do projeto e influenciam o bem-estar de terceiros sem qualquer compensação monetária. Precisamente por ocorrerem sem compensação monetária, não estão presentes na análise privada e precisam então de ser estimadas e avaliadas na análise social (CE, 2004). Por vezes, também as externalidades podem incluir efeitos sem preço de mercado.

Na análise social, a medição destes efeitos deve refletir o verdadeiro custo de oportunidade para a sociedade, isto é, a afetação de recursos a um dado projeto significa renunciar outras opções possíveis de uso desses recursos, incluindo a realização de projetos alternativos. Logo, o custo de oportunidade está associado àquilo a que o agente económico renuncia na hora de tomar uma decisão (Conceito de. n.d.) – valor de renúncia.

Traduzir todos os efeitos económicos para unidades monetárias significa fazer do “dinheiro” uma medida de bem-estar. Isto permite uma melhor comparação entre as análises privada e social (CE, 2006), nomeadamente no que respeita à comparação dos resultados dos indicadores de desempenho.

⁴⁸ Exemplos de efeitos negativos: aumento do ruído; aumento dos índices de poluição atmosférica, etc.. Exemplos de efeitos positivos: diminuição da sinistralidade, diminuição do tempo de viagem, etc.

Relativamente à taxa social de desconto, esta reflete a visão social sobre como os benefícios e os custos futuros devem ser comparados relativamente aos atuais. Trata-se de uma taxa de eficiência, pelo que difere da taxa de desconto privada quando o mercado de capitais é ineficiente; e incorpora duas componentes: a taxa de preferência temporal pura e a taxa de preferência utilitária (CE, 2008). A primeira é reflexo da impaciência dos consumidores, ou seja, traduz o valor presente atribuído a uma utilidade marginal futura⁴⁹. A segunda mede a compensação pela redução da utilidade presente, por cada unidade de crescimento do rendimento no futuro. Isto significa que, numa economia onde se prevê que o nível de consumo futuro seja superior ao atual, as pessoas necessitam de mais compensação por adiar o consumo (*Idem*).

Posteriormente, calculam-se novamente os indicadores de desempenho.

De forma controlar a fiabilidade dos dados obtidos, efetua-se ainda uma análise de sensibilidade, tanto na ótica privada como na social. O seu objetivo é a seleção das variáveis e parâmetros “críticos” do modelo, ou seja, aqueles cujas variações, positivas ou negativas, têm um efeito mais pronunciado na TIR ou no VAL, no sentido em que originam as alterações mais importantes destes indicadores (CE, 2006).

A medida mais frequente para quantificar a sensibilidade é a elasticidade, ou seja, a variação relativa do VAL face à variação de 1 unidade de uma dada variável-chave do projeto, *ceteris paribus* (Pacheco, 2011).

$$\tau_{X,VAL} = \frac{\frac{\Delta VAL}{VAL}}{\frac{\Delta X}{X}}$$

Equação 8 – Elasticidade do VAL

⁴⁹ Como já foi referido, regra geral, as pessoas valorizam mais o presente comparativamente com o futuro.

Legenda

$\tau_{X,VAL}$ - elasticidade do VAL face a variações da variável X;

VAL – valor atualizado líquido;

X – variável-chave;

$\tau_{X,VAL} > 0 \Rightarrow$ VAL e X correlacionam-se positivamente;

$\tau_{X,VAL} < 0 \Rightarrow$ VAL e X correlacionam-se negativamente.

$|\tau_{X,VAL}| > 1 \Rightarrow$ VAL “elástico” face a variações de X;

$|\tau_{X,VAL}| = 1 \Rightarrow$ VAL “unitário” face a variações de X;

$|\tau_{X,VAL}| < 1 \Rightarrow$ VAL “rígido” face a variações de X;

$|\tau_{X,VAL}| = 0 \Rightarrow$ VAL perfeitamente inelástico face a variações de X.

É importante ter presente que a ACB é distinta da “tomada de decisão”. Deste modo, a ACB faz recomendações, mas não toma decisões (Boardman & Greenberg, et al., 2011). Na ótica social, a análise dos indicadores permite aferir se projeto adiciona bem-estar económico, ou seja, se é desejável ou não, do ponto de vista da eficiência económica e/ou do crescimento económico.

Também é importante ter presente que se avaliação dos custos dos bens culturais não põe grandes problemas, pois estão por natureza expressos em valores monetários, as dificuldades surgem sobretudo com a medição dos benefícios: geralmente estes não estão expressos em moeda (Cruz, 2006).

Finalmente, é importante perceber a multiplicidade de situações em que esta metodologia é utilizada. Com efeito, partindo da esfera das infraestruturas⁵⁰ a ACB foi-se alastrando para outras áreas de políticas públicas, desde ambiente⁵¹, agricultura e pesca⁵², educação⁵³, saúde⁵⁴, segurança e defesa nacional⁵⁵, etc. (Campbell & Brown, 2003).

⁵⁰ Transportes (pontes, estradas), energia (centrais nucleares, barragens) etc.

⁵¹ Tratamento de águas residuais, preservação de espécies em vias de extinção, controlo da poluição, etc.

No caso do setor da cultura, os primeiros estudos económicos remontam aos anos 60 e 70 nos EUA, revelando que o interesse dos economistas pelo mesmo é relativamente recente. Numa altura em que organismos públicos norte-americanos eram confrontados com restrições orçamentais apertadas, o que estava ligado à arte era considerado bem de luxo e, portanto, os respetivos recursos afetos um desperdício (Dupuis, 1985).

Assim sendo, o objetivo destes estudos era determinar o peso das atividades culturais nas economias. Neste contexto, a opção pela metodologia ACB foi uma consequência natural. Baseada em cálculos económico-financeiros, a metodologia constituía um poderoso instrumento de apoio à decisão para os organismos públicos (*Idem*).

Atualmente, a aplicação da metodologia ACB em projetos culturais⁵⁶ é realizada à escala mundial e encontram-se estudos relativos a uma variedade de casos, nomeadamente eventos desportivos⁵⁷ e projetos turísticos⁵⁸. No caso concreto da música, existem estudos sobre festivais de música⁵⁹, entre outros⁶⁰.

No caso português, a análise social custos-benefícios conheceu alguma difusão nos últimos anos, suscitando o interesse de estudiosos e de algumas entidades oficiais. (Abecassis & Cabral, 2000). Existe, no entanto, ainda um grande caminho a percorrer no domínio cultural. Deste modo, ao longo de toda a pesquisa efetuada para este trabalho, apesar de ter encontrado bibliografia portuguesa que refere a importância da ACB na avaliação dos bens culturais, não consegui encontrar nenhum exemplo concreto da sua aplicação.

⁵² Apoios na produção de determinadas culturas, gestão das pescas, etc.

⁵³ Exemplo do estudo sobre os benefícios do ensino especial/ compensatório ao nível pré-escolar (Barnett, 1992).

⁵⁴ Campanhas de vacinação, campanhas de prevenção, etc.

⁵⁵ Combate ao crime criminalidade, investimento no serviço militar, etc.

⁵⁶ Aqui está implícito um conceito lato de cultura, não restringindo-o às artes de espetáculo e incluindo áreas afins como o turismo e a educação.

⁵⁷ Exemplo da ACB feita em 2010 sobre o evento desportivo FIFA 2022 a realizar na Austrália (Access Economics, 2010).

⁵⁸ Exemplo de um estudo sobre atividades recreativas aquáticas (Department of Commerce Washington, D.C, 1971).

⁵⁹ Exemplo do estudo canadiano sobre os impactos do Festival de Folclore (King, 2003).

⁶⁰ Exemplos: ACB associada às mudanças do setor do rádio (DCMS, 2012); estudo sobre os custos e os benefícios da preservação histórica (Hendon, 1983) e ACB de 1 projeto de desenvolvimento de infraestruturas artísticas (Throsby, 1982).

A ANÁLISE CUSTOS BENEFÍCIOS DE OJM

Aspetos Gerais

O objeto de estudo deste trabalho é, como já foi referido, a OJM, na perspetiva de um projeto que combina diversos *inputs para* produzir um determinado conjunto de bens culturais, nomeadamente os concertos de *jazz* e as sessões “O Jazz vai à Escola”.

Trata-se de uma análise *in medias res*, dado que este projeto é avaliado no decurso da sua realização. O objetivo consiste em estimar o desempenho efetivo da OJM, pelo que o cálculo dos *cash flows* apenas incide sobre anos históricos (e não previsionais)⁶¹.

Relativamente à sua vida útil, o horizonte temporal compreende o intervalo de tempo entre 1999⁶² e 2011⁶³. Uma vez que a partir de 2010 a OJM iniciou ensaios regulares⁶⁴, a análise está dividida em 2 períodos distintos:

1º Período – entre 1999 e 2009 (OJM sem ensaios regulares⁶⁵);

2º Período – entre 2010 e 2011 (OJM com ensaios regulares).

Assim, primeiramente efetua-se o cálculo dos indicadores de desempenho específicos de cada período⁶⁶ e, posteriormente, o cálculo dos indicadores relativos à totalidade da vida útil.

O cálculo do CF do projeto é feito a preços constantes, tendo como base o ano de 2011⁶⁷.

⁶¹ Do mesmo modo, não é efetuado cálculo do VR, por não se aplicar neste caso.

⁶² Primeiro ano de atividade da OJM.

⁶³ Último ano completo com informação disponível aquando da elaboração deste trabalho.

⁶⁴ Informação facultada pela OJM (J. Coelho, comunicação pessoal, 28 de Março de 2012).

⁶⁵ Apesar de não ter havido, neste período, ensaios “oficialmente” regulares, o número de concertos projetados no início de cada ano perspetivavam um número mínimo de concertos considerados essenciais para a “vida” de uma orquestra (análise com projeto).

⁶⁶ Relativamente a I_0 , o seu cálculo será posteriormente explicado.

⁶⁷ Este ponto será posteriormente explicado.

Para efeitos de atualização dos CF, estipula-se 2011 como o ano de referência (em ambos os períodos). Deste modo:

$$I_{2011} = \sum_{t=1999}^{2011} (I_t \times (1 + \varepsilon_t)^{2011-t})$$

Equação 9 – Investimento do projeto OJM

$$VA_{2011} = \sum_{t=1999}^{2011} (CF_t \times (1 + \varepsilon_t)^{2011-t})$$

Equação 10 – Valor Atualizado

$$VAL_{2011} = I_{2011} + VA_{2011}$$

Equação 11 – Valor Atualizado Líquido do projeto OJM

$$VAL_{2011} = \sum_{t=1999}^{2011} (I_t \times (1 + TIR)^{2011-t}) + \sum_{t=1999}^{2011} (CF_t \times (1 + TIR)^{2011-t}) = 0$$

Equação 12 – Taxa Interna de Rentabilidade do projeto OJM

$$RBC_{2011} = \frac{\sum_{t=1999}^{2011} (B_t \times (1 + \varepsilon_t)^{2011-t})}{I_{2011} + \sum_{t=1999}^{2011} (C_t \times (1 + \varepsilon_t)^{2011-t})}$$

Equação 13 – Rácio Benefícios-Custo do projeto OJM

No que respeita ao grupo de referência, tratando de uma análise *in media res*, considera-se que o grupo-alvo deve ser aquele em que a OJM teve efetivamente um impacto relevante. Deste modo, este inclui não só os residentes em Portugal, como também os espetadores estrangeiros dos concertos da OJM. Note-se que, apesar da maioria dos apoios da orquestra terem proveniência local, apenas 47% dos concertos⁶⁸ da OJM são realizados dentro da AMP. Deste modo, 35% dos concertos são realizados em espaço nacional mas fora da AMP, e 18% no estrangeiro⁶⁹. Portanto, restringir o grupo de referência ao território da AMP seria redutor.

Finalmente, quanto à definição de 2 cenários:

- o cenário com projeto consiste no que efetivamente se verifica;
- um cenário sem projeto corresponderia a um cenário sem OJM e, portanto, em que tanto os benefícios (privados e sociais) como os custos (privados e sociais) gerados pela OJM seriam inexistentes ou nulos⁷⁰.

Uma vez que financiamento público é determinante para a formação da orquestra, é razoável assumir que sem financiamento público não haveria o projeto OJM.

⁶⁸ Relembre-se que os concertos são os principais bens culturais da OJM.

⁶⁹ Consultar o Apêndice 4 - OJM – concertos - 4 i - Concertos por área geográfica.

⁷⁰ A análise social abordará novamente este ponto aquando do cálculo dos excedentes do consumidor e do produtor.

Análise Privada

Uma vez que a OJM é uma associação sem fins lucrativos, não existem sócios nem acionistas da mesma e por isso coloca-se a questão de que ótica adotar. Assim, na análise privada, opta-se por assumir a ótica dos elementos da orquestra (músicos).

O ponto de partida da análise é o conjunto das Demonstrações Financeiras⁷¹ da OJM facultadas pelo departamento de contabilidade (externo) da OJM⁷². Deste modo, tendo como base esses elementos contabilísticos, a análise privada é desenvolvida por via de construção de tabelas que agregam as receitas e as despesas da OJM, registadas no momento em que efetivamente ocorrem.

De forma a organizá-las pelas diferentes naturezas, tem-se por base a seguinte estrutura de receitas e de custos:

Receitas (1)

Adotando a perspetiva dos promotores, isto é, de quem “compra” os serviços da OJM, as receitas estão organizadas pelos seguintes promotores:

CMM (1.1)

DGArtes (1.2)

⁷¹Isto é, Balanços, Demonstrações de Resultados e ainda Balancetes Gerais. Note-se que os valores presentes nos documentos contabilísticos tratam-se de valores nominais.

OJM. 1999. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 1999;

OJM. 2000. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2000.

OJM. 2001. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2001.

OJM. 2002. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2002.

OJM. 2003. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2003.

OJM. 2004. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2005.

OJM. 2005. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2005.

OJM. 2006. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2006.

OJM. 2007. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2007.

OJM. 2008. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2008.

OJM. 2009. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2009.

OJM. 2010. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2010.

OJM. 2011a. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2011.

⁷² Contabilistas da OJM: Fernando Santos (TOC) e Cláudia Santos.

Outras Entidades (privadas)⁷³ (1.3)

Na análise privada, as entidades públicas⁷⁴ e privadas são consideradas como entidades promotoras ou agentes intermédios, portanto, entidades que contratualizam os serviços da OJM. Isto significa que a orquestra não gere bilheteiras e que as receitas geradas nos concertos são cobradas por esses agentes que, por sua vez, pagam os serviços da OJM. Logo, na análise privada, os ganhos da OJM não provém nem dependem diretamente dos consumidores finais (os espetadores), mas sim das entidades promotoras.

Note-se que na análise privada, a atribuição de financiamento público corresponde, na prática, a uma intervenção na procura de serviços de *Big Band Jazz*.

Custos Intermédios (2)

Esta rúbrica integra uma multiplicidade de despesas, nomeadamente: viagens, deslocações e estadas, trabalhos especializados⁷⁵, publicidade e propaganda, despesas de comunicação, alugueres de viaturas e de equipamentos e outros fornecimentos e serviços externos⁷⁶.

Inclui ainda os honorários de músicos convidados e outros honorários⁷⁷: como se tratam de custos de elementos que não pertencem à orquestra, são integrados nos “custos intermédios” (*contract work*).

Balço de Subsídio e Impostos (3)

Esta rubrica inclui tanto impostos diretos como indiretos.

No 1º caso, tratam-se de impostos efetivamente pagos pela OJM⁷⁸. (3.1)

⁷³ Subsídios privadas, receitas de concertos, peças musicais, etc.

⁷⁴ Note-se que existe um contrato celebrado entre a CMM e a OJM, no qual estão previsto um número mínimo de serviços que a orquestra deve prestar anualmente (OJM, 2011b). No caso da DGArtes, a atribuição de subsídios resulta da candidatura efetuada pela OJM aos apoios diretos quadrienais (DGArtes, n.d.b).

⁷⁵ Despesas com encomendas/ arranjos, agentes de músicos, técnicos de som, produção e gravação de CD, fotografia e vídeo, etc.

⁷⁶ Prestações de serviços musicais, partituras, material de gravação, direitos de autor, produções culturais, etc.

⁷⁷ Serviços de *design*, agenciamento, contabilidade, auditoria, legais, etc.

(3.2)

No 2º caso trata-se do IVA que incide sobre os custos intermédios⁷⁹. É relevante relembrar que os serviços prestados pela OJM estão isentos de IVA⁸⁰. Por este motivo, o IVA incluído nos custos intermédios da OJM não pode ser deduzido, acrescentando ao valor dos mesmos (IVA não dedutível).

Depreciações (4)

As depreciações incluem as amortizações do período do imobilizado da OJM⁸¹.

Salários (5)

Os salários incluem 3 tipos de despesas.

Gastos com pessoal (5.1)

Esta rubrica integra a totalidades dos gastos com pessoal. Estes custos apenas contemplam 1 colaborador, contratado para funções administrativas.

Honorários de elementos da estrutura da OJM (excluindo membros da orquestra) (5.2)

Esta rubrica inclui os honorários de elementos que, embora não integrem o corpo de músicos da orquestra, fazem parte da estrutura da OJM. Nesta situação, apenas se identifica 1 pessoa, responsável pela gestão administrativa e financeira da associação.

Componente fixa dos honorários dos membros da orquestra (músicos) (5.3)

Esta rubrica contém a componente fixa dos honorários dos membros da orquestra (músicos). Neste caso, é pertinente distinguir os 2 períodos de análise e os respetivos pressupostos assumidos:

⁷⁸ Já incluídos em **(2) Custos Intermédios**.

⁷⁹ Também já incluídos em **(2) Custos Intermédios**.

⁸⁰ IVA. CAPÍTULO II - Isenções, SECÇÃO I - Isenções nas operações internas, Artigo 9.º - Isenções nas operações internas. CÓDIGO DO IVA. Destaque para o ponto 8 do referido artigo.

⁸¹ O imobilizado da OJM inclui equipamentos básico e administrativo (computadores, móveis, etc.).

1º Período – Inclui apenas 2 componentes anuais de remuneração:

- *Cachet* mínimo de remuneração das sessões “O Jazz vai à Escola⁸²”: 100€ x número total de sessões x número médio de músicos/ sessão⁸³.
- *Cachet* mínimo de remuneração dos concertos: 100€⁸⁴ x número de elementos⁸⁵ x número total de concertos.

2º Período – Inclui 3 componentes anuais de remuneração:

- Ensaios regulares da OJM: 100€ x 47 semanas⁸⁶ x 18 elementos⁸⁷;
- *Cachet* mínimo de remuneração das sessões “O Jazz vai à Escola⁸³”: 100€ x número total de sessões x número médio de elementos/ sessão⁸³;
- *Cachet* mínimo de remuneração dos concertos: 100€⁷⁹ x número de elementos⁸⁵ x número total de concertos.

Note-se que de acordo com a informação facultada pela OJM, as remunerações por concerto ou sessão foram relativamente estáveis desde 1999⁸⁸.

Rendas (6)

As rendas também se subdividem em 3.

Rendas efetivas (6.1)

Esta rubrica contempla arrendamentos de espaços pela OJM.

⁸² Aplicável nos anos em que efetivamente se realiza esta atividade.

⁸³ Número de sessões “O Jazz vai à Escola por ano”: 8 (1 por escola). Número de elementos por sessão: evidenciados no Apêndice 2 - OJM – elementos da orquestra (J. Coelho, comunicação pessoal, 25 de Junho de 2012).

⁸⁴ A média do *cachet* individual é de 200€ por concerto (J. Coelho, comunicação pessoal, 25 de Junho de 2012). Considera-se que metade desse valor integra a componente fixa dos honorários dos músicos.

⁸⁵ Um concerto inclui, em média 18 elementos: 16 músicos e 2 maestros (J. Coelho, comunicação pessoal, 28 de Março de 2012). No entanto, nos primeiros anos nem todos os músicos são considerados como elementos fixos. Os Apêndices 2 e 4 identificam os elementos fixos da OJM e o número de concertos realizados por ano, respetivamente.

⁸⁶ 47 corresponde ao número anual de ensaios fixos (J. Coelho, comunicação pessoal, 25 de Junho de 2012). Exclui ensaios específicos de cada concerto.

⁸⁷ Número médio de elementos por ensaio: 18 (J. Coelho, comunicação pessoal, 25 de Junho de 2012).

⁸⁸ J. Coelho, comunicação pessoal, 25 de Junho de 2012.

Sede OJM (6.2)

Não existem rendas associadas ao espaço onde está sediada a OJM, uma vez que este foi disponibilizado gratuitamente pela CMM, no âmbito do acordo entre ambas as entidades⁸⁹. Logo, na análise privada, esta rubrica é igual a zero.

Casa da Música (6.3)

Na análise privada, também esta rubrica é igual a zero. Desde 2007 (inclusive), o protocolo estabelecido com a CM inclui a cedência gratuita de espaço, para a realização de ensaios⁹⁰ (J. Coelho, comunicação pessoal, 25 de Junho de 2012).

Juros (7)

Esta rubrica inclui os juros de empréstimos efetivamente suportados pela OJM em cada ano.

Imposto sobre o Rendimento (8)

Pontualmente, existem atividades sujeitas a IRC. No entanto, o impacto deste imposto não é relevante.

Calculam-se ainda as seguintes rubricas:

Despesas de Investimento em Capital Fixo (9)

Esta rubrica inclui as despesas da OJM em imobilizado ou capital fixo e é a única componente de investimento inicial deste projeto.

Neste caso, o investimento é efetuado em simultâneo com a exploração da atividade da OJM – investimento não convencional (Pacheco, 2011) - e, conseqüentemente antecede-se o risco de não existir TIR⁹¹ ou de se verificar o problema das “TIR múltiplas”⁹² (*Idem*). Para evitar estas situações, as despesas de investimento, realizadas em diferentes momentos do tempo, são

⁸⁹ Informação não constante no contrato formal celebrado entre estas entidades, mas confirmado pela CMM (H. Ribeiro, comunicação pessoal, 12 de Novembro de 2012).

⁹⁰ Note-se que a CM dispõe de 10 salas de ensaio que podem arrendadas (CM, n.d.).

⁹¹ A situação de não existir TIR acontece no caso de todos os *cash flow* periódicos terem o mesmo sinal.

⁹² No caso em que se verifica mais do que uma alteração no sinal dos *cash flows* periódicos (Pacheco, 2011).

medidas no início de cada um dos períodos de análise⁹³, ou seja, são atualizadas para 1999 e 2010 tendo como base as taxas de desconto⁹⁴ (convenção).

Despesas de Investimento em Capital Circulante ou Variação de Fundo Maneio (10)

Primeiramente calcula-se o fundo maneio, isto é, o valor dos ativos de curto prazo – clientes, outras conta a receber e disponibilidades – deduzido do valor do passivo de curto prazo – fornecedores e outras contas a pagar (Pacheco, 2011).

No caso das disponibilidades, é usual considerar-se um saldo mínimo de indispensável (*Idem*). Deste modo, para 1999 e 2000 considera-se a totalidade do saldo existente como saldo mínimo; e nos anos seguintes considera-se que a evolução deste saldo acompanha a variação anual das receitas privadas. De seguida, calcula-se a variação anual deste valor.

Neste caso, escolhe-se incluir as exigências de capital circulante diretamente no cálculo do CF (e não do I_0).

Variação da Dívida (11)

Trata-se da variação anual do passivo financeiro da OJM. Esta rubrica é necessária para o cálculo do serviço da dívida. Deste modo:

$$\text{Serviço da dívida} = (7) - (11) \quad (12)$$

De seguida, a partir da estrutura acima definida, calculam-se os seguintes resultados:

$$\text{VABpm} = (1) - (2) \quad (13)$$

$$= (1.1) + (1.2) + (1.3) - (2)$$

$$\text{Lucro antes de impostos, depreciações e juros} = (13) - (5) - (6.1) \quad (14)$$

$$= (1.1) + (1.2) + (1.3) - (2) - (5.1) - (5.2) - (5.3) - (6.1)$$

⁹³ E não nos anos em que efetivamente ocorrem.

⁹⁴ Neste caso, as taxas de desconto privadas.

$$\text{Lucro antes de depreciações e juros} = (14) - (8) \quad (15)$$

$$= (1.1) + (1.2) + (1.3) - (2) - (5.1) - (5.2) - (5.3) - (6.1) - (8)$$

$$\text{Cash Flow Líquido} = (15) - (9) - (10) \quad (16)$$

$$= (1.1) + (1.2) + (1.3) - (2) - (5.1) - (5.2) - (5.3) - (6.1) - (8) - (9) - (10)$$

$$\text{Cash Flow Líquido após serviço dívida} = (16) - (12) \quad (17)$$

$$= (1.1) + (1.2) + (1.3) - (2) - (5.1) - (5.2) - (5.3) - (6.1) - (8) - (9) - (10) - (7) + (11)$$

Deste modo, o cálculo do *cash flow líquido* após serviço da dívida inclui:

- no lado dos benefícios, a totalidades das receitas registadas nas demonstrações financeiras;

- no lado das despesas, os custos intermédios, os salários, as rendas (efetivamente registadas), as despesas de investimento, as variações de fundo maneio, e ainda os fluxos relacionados com o financiamento do projeto (serviço da dívida).

Seguem-se algumas considerações sobre o cálculo do *cash flow líquido* após serviço da dívida.

a) Com efeito, os impostos - (3.1) e (3.2) – são considerados na análise privada, pelo que não são deduzidos no cálculo do lucro antes de depreciações e juros (15).

b) Por não se tratarem de despesas monetárias reais, as depreciações (4) não são contabilizadas como despesas (CE, 2004).

c) Relembre-se que as componentes (6.1) e (6.2) são iguais a zero.

d) Dado que a análise privada adota a perspetiva dos músicos da OJM, assume-se que existe uma componente de remuneração variável que corresponde ao excedente dos músicos, pelo que essa componente não é contemplada no lado das despesas. Para se obter a totalidade do Rendimento do Trabalho, soma-se o *Cash Flow Líquido* após serviço dívida e a componente de remuneração fixa. Portanto:

$$\begin{aligned} \text{Rendimento do Trabalho} &= (17) + (5.3) & (18) \\ &= (1.1) + (1.2) + (1.3) - (2) - (5.1) - (5.2) - (5.3) - (6.1) - (8) - (9) - (10) - (7) + (11) + (5.3) \end{aligned}$$

Todas a rubricas descritas anteriormente encontram-se calculadas a preços correntes, isto é, a preços do próprio ano. Uma vez que está definido o uso de valores reais, ou seja valores deflacionados, para se excluir a alteração no nível geral de preços, todos estas rubricas são deflacionadas para preços de 2011 com base no IPC (INE, 2013)⁹⁵.

$$R_t^r = \frac{R_t^i}{\frac{P_t}{P_{2011}}} \times \frac{P_{2011}}{P_{2011}} \Leftrightarrow R_t^r = \frac{R_t^i}{IPC_t} \times IPC_{2011}$$

Equação 14 – Rubricas a preços constantes

R_t^r – rúbrica (benefício, custo ou investimento) do ano t a preços constantes ou reais;

R_t^i – rúbrica (benefício, custo ou investimento) do ano t a preços nominais;

P_t – Preço de um dado cabaz de bens no ano t;

P_{2011} – Preço de um dado cabaz de bens no 2011;

IPC_t – Índice de Preços no Consumidor do ano t;

IPC_{2011} – Índice de Preços no Consumidor de 2011. $IPC_{2011} = 100$.

De seguida, sendo a OJM uma associação, coloca-se a questão de qual taxa de desconto apropriada na ótica privada (19). Em 1º lugar escolhe-se a Taxa de Juro das Obrigações de Tesouro de Portugal, com maturidade de 10 anos⁹⁶ (BP, 2013) como taxa de reinvestimento da remuneração dos músicos, assumindo que esta é igual à taxa de retorno exigida pelos dos músicos. Uma vez que os *cash flow* calculados já incluem o serviço da dívida, não faz sentido

⁹⁵A opção inicial era usar o IPC de Bens e Serviços Culturais - Cultura - Cinema, teatro, concertos e similares (2011=100) (INE, 2012). Contudo, uma vez que nem todos benefícios e os gastos têm relação direta com os bens culturais (como por exemplo os custos de deslocação), opta-se por utilizar o IPC geral (INE, 2013). O Índice de Preços no Consumidor é um indicador que tem por finalidade medir a evolução no tempo dos preços de um conjunto de bens e serviços considerados representativos da estrutura de consumo da população residente em Portugal (*Idem*).

⁹⁶ Trata-se da maturidade de OT mais próxima do tempo de vida do projeto OJM (13 anos, desde 1999 até 2011). Consultar o Apêndice 6 - Taxas. Em cada ano, a taxa de juro das OT de Portugal corresponde à média das taxas mensais.

calcular o custo médio de oportunidade do capital, isto é, uma taxa que contempla também o custo de oportunidade do capital alheio⁹⁷.

Em 2º lugar, uma vez que as taxas referidas no parágrafo anterior são taxa nominais, calculam-se as taxas reais com base na equação de Fisher:

$$(1 + i_{OT}) = (1 + r_{OT}) \times (1 + \pi) \Leftrightarrow r_{OT} = \frac{(1 + i_{OT})}{(1 + \pi)} - 1$$

Equação 15 – Taxas de Juro Reais do projeto OJM

Legenda:

r_{OT} – taxa de juro real das OT de Portugal, com maturidade de 10 anos;

i_{OT} – taxa de juro nominal das OT de Portugal, com maturidade de 10 anos;

π – variação anual de preços registada em Portugal⁹⁸;

Neste caso, π é obtido a partir do IPC (INE, 2013)⁹⁹.

Segue-se o cálculo dos indicadores de desempenho do projeto para cada um dos 2 tipos de CF calculados: (17) e (18). Para além de VAL, TIR e RBC, calculam-se também: VA, VAL por músico¹⁰⁰ e VA por músico.

⁹⁷ Capital alheio inclui o valor financiado via empréstimos bancários e outros instrumentos de natureza similar (exemplo: livranças).

⁹⁸ Consultar nota 99.

⁹⁹ Adaptando ao caso em estudo, π_t é obtida através das seguintes fórmulas:

$$\alpha_t = \left(\frac{IPC_t - IPC_{2011}}{IPC_{2011}} \right)$$

$$(1 + \alpha_t) = (1 + \pi_t)^{(t-2011)} \Leftrightarrow \pi_t = (1 + \alpha_t)^{\left(\frac{1}{t-2011}\right)} - 1 \Leftrightarrow \pi_t = \frac{1}{(1 + \alpha_t)^{\left(\frac{1}{2011-t}\right)}} - 1, \quad t \neq 2011$$

Relembre-se que os preços de 2011 são tomados como os de referência e por isso o denominador de α_t é o IPC_{2011} . Assim, neste caso, π_t não é uma (verdadeira) taxa de inflação. Em 2011, os CF a preços nominais e a preços reais apresentam o mesmo valor; então, também as taxas de juro nominal e real são iguais. Ou seja:

$r_{OT2011} = i_{OT2011}$. Logo: $IPC_{2011} = 100$; $\pi_{2011} = \alpha_{2011} = 0$

¹⁰⁰ 1º período - Número médio de músicos durante 1999 - 2009. 2º período - Número médio de músicos durante 2010 - 2011. Consultar o Apêndice 2 - OJM – elementos da orquestra.

Por fim, realiza-se uma análise de sensibilidade às seguintes variáveis críticas:

- a) Financiamento público; **(1.1) + (1.2)**
- b) Componente fixa dos honorários dos membros da orquestra (músicos); **(5.3)**
- c) Taxa de desconto. **(19)**

Análise Social

O ponto de partida da análise social é a análise privada. Deste modo, as rubricas identificadas anteriormente sofrem ajustamentos, de forma a refletirem os benefícios e custos sociais¹⁰¹, ou seja, os custos de oportunidade dos *inputs/ outputs*. Segue-se a identificação dos mesmos.

Benefícios Económicos (1)

CMM (1.1)

DGArtes (1.2)

Outras Entidades (privadas) (1.3)

Em 1º lugar, eliminam-se os 3 tipos de receitas incluídas na análise privada.

Assim, do ponto de vista social, os subsídios atribuídos pela CMM e pela DGArtes constituem uma transferência de uns grupos sociais para outros e não um fluxo de caixa. Note-se que na análise social, a atribuição de financiamento público corresponde, na prática, a uma intervenção na oferta de serviços de *Big Band Jazz*, ou seja, este não é contabilizado como benefício social, mas interfere na curva da oferta¹⁰².

No caso das receitas provenientes de entidades privadas, o objetivo é evitar a dupla contabilização dos benefícios económicos (do produtor)¹⁰³.

De seguida, calculam-se os benefícios económicos dos consumidores e do produtor (OJM)¹⁰⁴:

¹⁰¹ Incluindo despesas de investimento.

¹⁰² Embora não se conheça a curva da oferta, as alterações são uma deslocação da curva para a direita e/ou uma alteração do seu declive se (isto é, m fica menor).

¹⁰³ Sobre este ponto, as orientações da CE apontam para a importância de evitar a dupla contabilização de efeitos na análise social (CE, 2006).

¹⁰⁴ Sobre este ponto, seguem-se 2 notas importantes.

Em 1º lugar, na análise social contabilizam-se tanto os benefícios do produtor como dos consumidores (e não apenas o do produtor), uma vez que se assume a ótica da sociedade.

Excedente do Consumidor dos concertos (1.4)

Excedente do Consumidor das sessões “O Jazz vai à Escola” (1.5)

Receitas de bilheteiras (1.6)

Na análise social, trabalha-se como se a orquestra contratualizasse diretamente os serviços com os consumidores finais e assim “capturasse” o excedente do consumidor.

Uma vez que a OJM produz diferentes bens culturais, o ideal seria contabilizar os benefícios associados a cada um deles¹⁰⁵. No entanto, por motivos de limitação de tempo, opta-se apenas por medir os benefícios associados às principais atividades da orquestra: os concertos e as sessões “O Jazz vai à Escola”. Segue-se o cálculo dos respetivos benefícios.

Benefícios dos Consumidores

Excedente do Consumidor dos concertos (1.4)

O excedente do consumidor dos concertos (com projeto) corresponde à diferença entre o montante que os espetadores estavam dispostos a pagar por determinado número de bilhetes da OJM e a quantia que efetivamente pagaram.

Para se proceder ao cálculo do excedente do consumidor dos Concertos tem de se obter a expressão da curva da procura de concertos da OJM. A curva da procura relaciona a quantidade de bilhetes de concertos que os consumidores estavam dispostos a comprar - variável dependente (q) com os preços dos mesmos - variável independente (p). Graficamente, é usual representar a

Em 2º lugar, para se isolar os benefícios específicos deste projeto, as medidas relevantes são as variações dos excedentes do consumidor e do produtor resultantes da intervenção no lado da oferta cultural, por via da atribuição de subsídios públicos. Isto porque, como já foi explicado, (os custos e) os benefícios devem ser avaliados numa base incremental, levando em consideração a diferença entre os cenários com e sem projeto (CE, 2008). Contudo, como já foi referido, neste caso, no cenário sem projeto os benefícios (líquidos) - privados e sociais - seriam inexistentes ou nulos. Logo, na análise social contabiliza-se a totalidade dos excedentes do consumidor e do produtor (do cenário com projeto).

¹⁰⁵ Consultar o Apêndice 3 - OJM - atividades.

curva da procura inversa, representando p no eixo das ordenadas (variável dependente) e q no eixo das abcissas (variável independente) (Smallbusiness, n.d.).

Regra geral, não se conhece a verdadeira procura inversa e pressupõe-se que esta assume a expressão de uma reta (CE, 2008). É o caso deste estudo. Posto isto, para se estimar a equação reduzida da reta¹⁰⁶ da procura, em cada a ano de análise, precisa-se de conhecer (pelo menos) 2 pontos da mesma (QFOJO, n.d.).

O primeiro ponto - E (q_E^* , p_E^*) – corresponde, em cada ano, à quantidade de bilhetes que os consumidores efetivamente compraram - q_E^* - e o preço médio de cada bilhete - p_E^* . Deste modo, é necessário fazer-se o levantamento do histórico de concertos realizados pela OJM¹⁰⁷ e obter, junto das entidades promotoras, os correspondentes número de bilhetes vendidos¹⁰⁸ e preços (nominais)¹⁰⁹. De seguida calcula-se, para cada ano, q_E^* - que corresponde ao somatório do número de bilhetes vendidos – e p_E^* - que corresponde à média dos preços verificados, ponderada pelo número de espetadores por concerto¹¹⁰. Note-se que os preços são convertidos para valores a preços constantes, uma vez que se opta por fazer a análise com base em valores reais. O deflator utilizado é o IPC de Bens e Serviços Culturais - Cultura - Cinema, teatro, concertos e similares (INE, 2013)¹¹¹.

¹⁰⁶ Chama-se equação reduzida da reta quando esta aparece sob a forma de:

$$y = mx + b.$$

Conhecendo 2 pontos de uma determinada reta, pode-se calcular o seu declive – m – e o ponto de interceção no eixo das ordenadas – b (QFOJO, 2013). Neste caso, y corresponde aos preços e x às quantidades (curva da procura inversa).

¹⁰⁷ O Apêndice 4 - OJM - concertos - 4 i - Concertos por área geográfica contém uma tabela com esta informação detalhada.

¹⁰⁸ Note-se que, do total dos concertos, em cerca de 18% não é possível obter informação sobre o número de espetadores, tendo-se assumido, nestes casos, um número igual à média verificada nos concertos com informação disponível no período de 1999 - 2011, isto é, 677 espetadores.

¹⁰⁹ Por vezes, há concertos com diferentes tipos de bilhetes (logo, diferentes preços). Sempre que há informação disponível, calcula-se o preço médio.

¹¹⁰ Note-se que, do total dos concertos, em cerca de 21% não é possível obter informação sobre o preço médio de 1 bilhete. Assim, para cada ano, a média do preço de 1 bilhete é calculada com base nos concertos (realizados nesse ano e) com informação de preços disponível.

¹¹¹ O Apêndice 6 - Taxas contém as taxas de IPC de Bens e Serviços Culturais - Cultura - Cinema, teatro, concertos e similares.

O segundo ponto – $M(q_M, p_M)$ – corresponde à quantidade de bilhetes que os consumidores estariam dispostos a comprar – q_M – se os bilhetes da OJM tivessem um preço igual aos praticados no mercado¹¹² – p_M . Portanto, trata-se de uma situação hipotética. No que respeita aos preços de mercado, utiliza-se - para 2011 - o preço médio dos bilhetes vendidos em espetáculos ao vivo de *Jazz/Blues* realizados em Portugal, divulgado pelo INE (2012). Para o restante período de análise, utiliza-se o preço de 2011¹¹³ deste mesmo tipo de espetáculos¹¹⁴. Para se estimar qual a quantidade de bilhetes que teria sido comprada dados estes preços, utiliza-se a metodologia a seguir descrita.

Em 1º lugar, é importante referir que a variável q é tratada como “número de espetadores”, dado que a cada bilhete correspondente 1 espetador¹¹⁵. Em 2º lugar, verifica-se que, em cada um dos anos de análise, p_M é superior a p_E^* , portanto, aplicando a lei da procura¹¹⁶ – é expectável que da totalidade espetadores que efetivamente assiste aos concertos da OJM - q_E^* - ao preço de p_E^* , apenas uma parcela estaria disposto a pagar p_M . Ou seja:

$$p_M > p_E^* \Rightarrow q_M < q_E^*.$$

O passo seguinte é estimar precisamente essa parcela.

Para prossecução deste passo, opta-se pelo método de valoração contingente, que consiste em inquirir os espetadores sobre o valor máximo que estes estariam dispostos a pagar por 1 bilhete de concerto da OJM. Este tipo de inquérito é feito por questionário¹¹⁷, a 136 espetadores do

¹¹² Entenda-se mercado dos concertos em Portugal.

¹¹³ Inicialmente, o objetivo era obter os preços médios dos bilhetes diretamente das publicações anuais do INE, “Estatísticas da Cultura”. Contudo, nestas edições, ao contrário da relativa a 2011, não havia informação específica sobre os preços de espetáculos de *Jazz/Blues*.

¹¹⁴ Sendo a análise feita com base nos preços de 2011, não é necessário deflacionar este valor para cada um dos anos em análise.

¹¹⁵ Deste modo, por exemplo, se 1 pessoa assiste a 2 concertos da OJM, para efeitos de cálculos equivale a 2 espetadores.

¹¹⁶ A lei da procura diz que, quanto maior o preço de um bem, menor a quantidade procurada do mesmo, *ceteris paribus* (Investopedia, n.d.).

¹¹⁷ Um questionário é um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores, não havendo interação direta entre estes e os inquiridos

concerto “OJM com Música de João Paulo Esteves da Silva”, integrado no programa Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura, e que tem lugar no Centro Cultural Vila Flôr, em Guimarães, a 15 de Novembro de 2012 (CCVF, 2012). Assim, para se saber a disponibilidade máxima para pagar de cada espetador, na última pergunta do questionário propõe-se um preço de partida – neste caso 0€ – e se o inquirido consentir o mesmo, propõem-se preços crescentes até se obter a disponibilidade máxima a pagar. Portanto, a questão é elaborado sob a forma de lançamento de ofertas (leilão) (Cruz, 2006).

Note-se que se considera esta opção preferível à alternativa de elaboração de inquéritos de rua, na medida que a primeira, ao contrário da segunda, inclui apenas espetadores efetivos da OJM¹¹⁸ e, portanto, os resultados são mais fidedignos, isto é, mais próximos da verdadeira disponibilidade a pagar do universo de espetadores efetivos da OJM no período de 1999 - 2011. Além disso, nos questionários não há interação direta com os inqueridos¹¹⁹, permitindo o seu anonimato, pelo que se considera que este tipo de instrumento não cria pressão junto dos inquiridos, no sentido de sobrevalorização da disponibilidade a pagar.

Segue-se o tratamento dos dados obtidos. As respostas à última pergunta são ordenadas por ordem crescente de disponibilidade a pagar e estima-se a percentagem de espetadores cuja disponibilidade a pagar é pelo menos igual à do preço de mercado de 2012, também obtido a partir do preço de 2011¹²⁰, atualizado com base no IPC de Bens e Serviços Culturais - Cultura - Cinema, teatro, concertos e similares (INE, 2013)¹²¹ - φ . Essa percentagem é utilizada no cálculo do q_M de cada um dos anos de análise. Ou seja:

$$q_M = \varphi \times q_E^*.$$

(Amaro, A. Póvoa, A. & Macedo, 2004). O Apêndice 8 - Análise social - questionário – concertos, i - Formulário contém um exemplar do questionário realizado neste estudo.

¹¹⁸ Note-se, contudo, que se tratam de espetadores de um concerto de 2012, portanto fora do período de análise. Trata-se uma limitação inevitável deste trabalho, cujo processo se inicia já em 2012.

¹¹⁹ Ou seja, os questionários são preenchidos individualmente pelas pessoas.

¹²⁰ Na data de elaboração deste trabalho, ainda não estava disponível, “Estatísticas da Cultura 2012” do INE., daí optar-se pelo último dado disponível (2011). Com base no mesmo, calcula-se o preço nominal de 2012, dado que as respostas dos questionários tratam-se de valores nominais.

¹²¹ Consultar nota 113.

Finalmente, com base nos pontos E (q_E^* , p_E^*) e M (q_M , p_M), calcula-se a expressão da reta de procura em cada ano:

$$p = m^{122} \times q + b^{123}$$

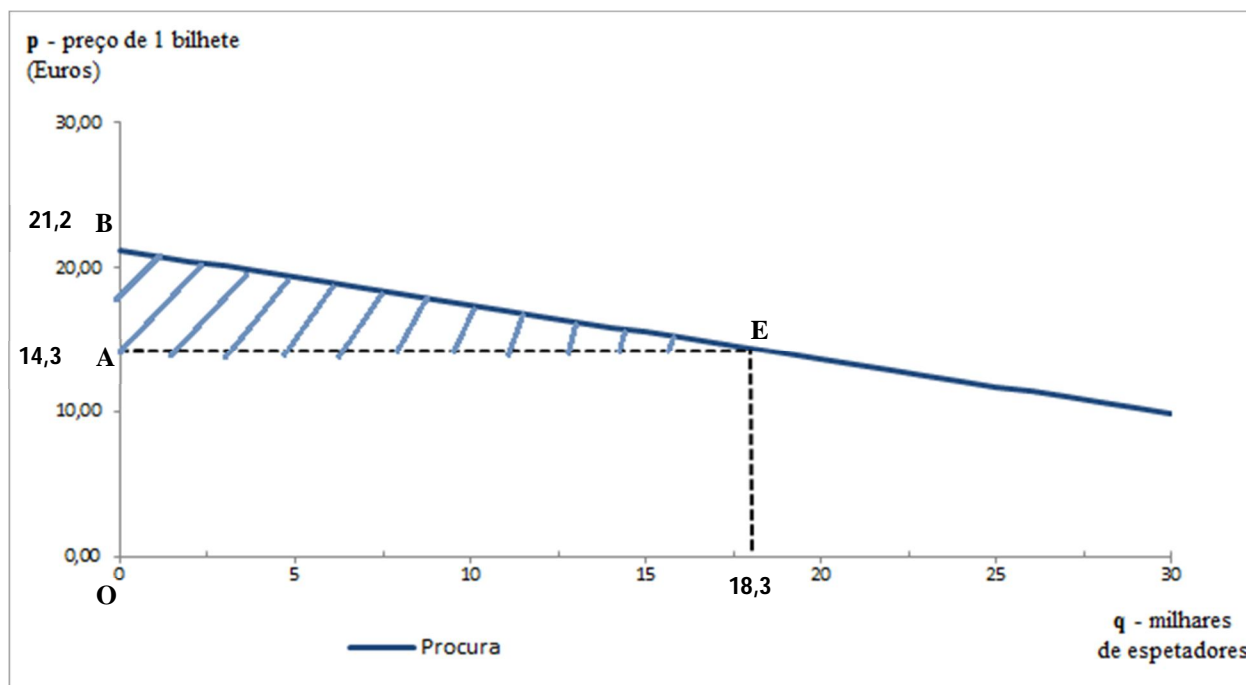


Gráfico 1 - 2011 – Concertos – Excedente do Consumidor

Observando o gráfico e uma vez que a curva da procura tem expressão de uma reta, em termos geométricos, a área do excedente do consumidor corresponde a um triângulo [ABE].

$$\text{Excedente do Consumidor} = \text{Área [ABE]} = \frac{1}{2} \times (p_B - p_E) \times q_E$$

Equação 16 – Concertos - Excedente do Consumidor do projeto OJM

¹²² $m = (p_E^* - p_M) / (q_E^* - q_M)$.

¹²³ Ordenada na origem. Portanto, ao preço médio de b euros, o número de bilhetes que os consumidores estariam dispostos a pagar era zero.

Excedente do Consumidor das sessões "O Jazz vai à Escola" (1.5)

O excedente do consumidor no cenário com projeto corresponde à diferença entre o montante que os encarregados de educação¹²⁴ estavam dispostos a pagar por determinado número de “bilhetes”¹²⁵ para as sessões “O Jazz vai à Escola” realizadas pela OJM e a quantia que efetivamente pagaram.

À semelhança dos concertos, para se proceder ao cálculo do excedente do consumidor, tem de se obter a expressão da curva da procura de sessões “O Jazz vai à Escola” realizadas pela OJM. Assim, a curva atribui a quantidade de bilhetes para as sessões “O Jazz vai à Escola” que os encarregados de educação estavam dispostos a comprar - variável dependente (q) - dados determinados preços dos mesmos - variável independente (p).

Também neste caso, representa-se a curva da procura inversa e pressupõe-se que esta assume a expressão de uma reta, pelo que precisa-se de conhecer (pelo menos) 2 pontos da mesma.

O primeiro ponto – $E (q_E^*, p_E^*)$ – corresponde, em cada ano, ao número de alunos que assistiu às sessões “O Jazz vai à Escola” - q_E^* - e ao preço de cada bilhete - p_E^* . Relativamente ao histórico do número de bilhetes, este é aproximadamente 2.600 por ano¹²⁶. Por sua vez, o preço de cada bilhete suportado pelos encarregados de educação é zero. Isto porque estas atividades fazem parte do contrato celebrado entre a CMM e a OJM (OJM, 2011b), e, portanto, o custo das mesmas é suportado pela CMM.

O segundo ponto – $M (q_M, p_M)$ – corresponde à quantidade de bilhetes que os consumidores estariam dispostos a comprar – q_M – se os bilhetes das sessões “O Jazz vai à Escola” tivessem um preço igual aos praticados no mercado em atividades afins – p_M . Para obtenção do segundo - M

¹²⁴ Uma vez que o público destas sessões é constituído por menores (alunos do 2º e 3º ciclos), considera-se mais correto considerar, no cálculo do excedente do consumidor, os encarregados de educação como os consumidores, na medida que seriam estes que pagariam pelos “bilhetes” para as sessões “O Jazz vai à Escola” (ainda que não fossem os consumidores finais).

¹²⁵ Neste caso, não há propriamente bilhetes mas sim um número de vagas por sessão, limitado ao espaço onde se realizam as sessões e ainda eventualmente a outros critérios definidos pelas escolas (horários das turmas, disponibilidade dos funcionários, etc.). Por convenção, opta-se pela utilização do termo “bilhetes”.

¹²⁶ Informação facultada pela OJM (J. Coelho, comunicação pessoal, 28 de Março de 2012). Note-se que não há registos históricos, pelo que se trata de uma estimativa.

(q_M , p_M) – a ideia inicial era utilizar uma metodologia similar à realizada no caso dos concertos (avaliação contingente). Neste caso, o objetivo era aplicar um questionário junto das escolas do concelho de Matosinhos abrangidas por este programa, de forma a obter – indiretamente - o valor máximo que os encarregados de educação estariam dispostos a pagar por um bilhete¹²⁷ para a sessão “O Jazz vai à Escola”, de acordo com a perceção das escolas. Os questionários chegaram a ser elaborados e enviados para cada uma das escolhas, no entanto devido à dificuldade na obtenção das respostas, teve-se de abandonar esta opção¹²⁸. Consequentemente, escolhe-se um “caminho” alternativo.

Assim, em 1º lugar, faz-se o levantamento de algumas atividades lúdico-didáticas realizadas em 2012 na AMT e calcula-se a média dos preços praticados¹²⁹. Note-se que se tratam de atividades afins às sessões da OJM, no sentido de terem como público-alvo as crianças e os jovens, apresentarem um carácter lúdico e/ou pedagógico e também por se tratarem de atividades procuradas pelas escolas, sendo evidência disso o fato de algumas delas terem preços específicos para grupos escolares.

De seguida, para cálculo de p_M de 2011, atualiza-se essa média com base no IPC de Bens e Serviços Culturais - Cultura - Cinema, teatro, concertos e similares (INE, 2013)¹³⁰. Para p_M dos anos anteriores, utiliza-se o p_M de 2011¹³¹.

De seguida, assume-se que o p_M corresponde à ordenada na origem, isto é, ao preço a partir do qual os encarregados de educação não estariam dispostos a comprar bilhetes para as sessões “O Jazz vai à Escola”. Trata-se de um cenário conservador relativamente à disponibilidade máxima

¹²⁷ Nota: 1 bilhete por aluno e por ano.

¹²⁸ Nota: apenas a Escola Secundária Augusto Gomes devolveu o questionário preenchido.

¹²⁹ Note-se que, em Portugal, não se encontrou preços de mercado relativos às sessões “O Jazz vai à Escola”. Daí a opção por fazer prospeção de atividades consideradas afins. Consultar o Apêndice 7 - Análise social - fatores de conversão.

¹³⁰ O Apêndice 6 - Taxas contém as taxas de IPC de Bens e Serviços Culturais - Cultura - Cinema, teatro, concertos e similares.

¹³¹ Relembre-se que se está a utilizar valores reais.

a pagar, uma vez que se pressupõe que nenhum dos encarregados de educação estaria disposto a pagar uma quantia equivalente à média dos preços que suporta em atividades similares¹³².

Finalmente, com base nos pontos E (q_E^* , p_E^*) e M (q_M , p_M), calcula-se a expressão da reta de procura em cada ano:

$$p = m^{133} \times q + b^{134}.$$

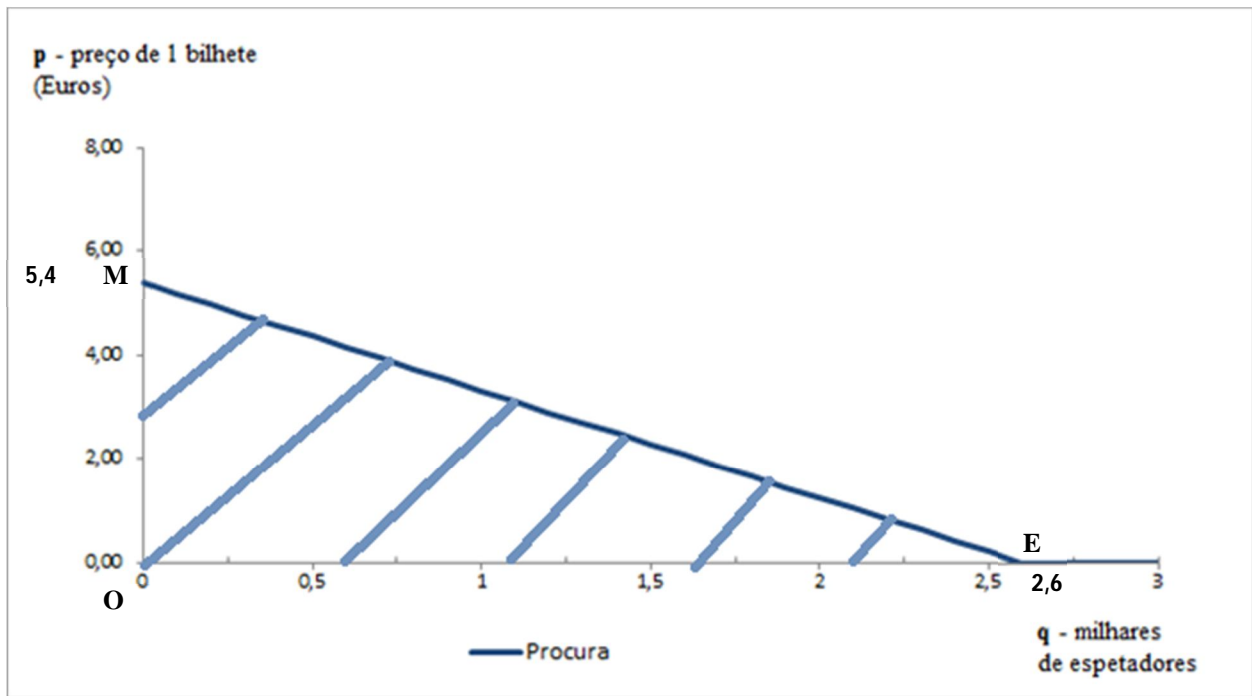


Gráfico 2 - 2011 – Sessões “O Jazz vai à Escola” – Excedente do Consumidor

Observando o gráfico, em 2011, a variação do excedente do consumidor corresponde à área do triângulo [MOE].

$$\text{Excedente do Consumidor} = \text{Área [MOE]} = \frac{1}{2} \times (p_M - p_E) \times q_E$$

Equação 17 – O Jazz vai à Escola - Excedente do Consumidor do projeto OJM

¹³² Como se verá de seguida, o excedente do consumidor das sessões “O Jazz vai à Escola” tem um impacto marginal nos indicadores do projeto. Deste modo, considera-se desnecessário efetuar uma análise de sensibilidade a esta variável, apesar de se ter assumido pressupostos fortes.

¹³³ $m = (p_E^* - p_M) / (q_E^* - q_M)$.

¹³⁴ Ordenada na origem. Portanto, ao preço médio de b euros, o número de bilhetes que os consumidores estariam dispostos a pagar era igual a zero.

Benefícios dos Produtores**Receitas de bilheteiras****(1.6)**

Analisando o “lado” da oferta, no caso do(a)s concertos (sessões “O *Jazz* vai à Escola”):

– A curva da oferta atribui a quantidade de bilhetes de concertos (ou sessões “O *Jazz* vai à Escola”), que a OJM estava disposta a vender – variável dependente (q) - dados determinados preços dos mesmos - variável independente (p) – e tendo em conta a atribuição do FP por parte da CMM e da DGArtes. Em cada ponto, p corresponde ao custo marginal de produção, ou seja, à alteração do custo total associada à variação de uma unidade produzida, sendo que o(s) produtor(e)s produz(em) unidades até o ponto em que o custo marginal de produção iguala o preço de venda (Dupuit, 1844). Neste caso, para cada atividade, esse ponto é E (q_E^* , p_E^*).

– O excedente do produtor do com projeto corresponde à diferença entre o montante pelo qual a OJM estava disposta a vender determinado número de bilhetes de concertos (ou sessões “O *Jazz* vai à Escola”) e o valor que efetivamente recebeu. Pelo que foi referido no parágrafo anterior, o excedente do produtor corresponde à diferença entre as receitas geradas em cada uma das atividades – ou seja “ $q_E^* \times p_E^*$ ” – e o respetivo somatório dos custos marginais de produção, desde q_0 , até q_E^* , isto é, o custo total de produção (Stiglitz, 1999).

Uma vez que neste caso não se conhecem as curvas da oferta de cada atividade, com a dificuldade acrescida de que do ponto de vista da OJM a unidade de produção é o número de concertos (e não o número de bilhetes), opta-se por calcular o excedente do produtor total (em vez de desgregado por atividades). Logo, o excedente do produtor é igual ao somatório das receitas de bilheteiras dos concertos e das sessões “O *Jazz* vai à Escola”, deduzido dos custos totais da OJM.

Inicialmente, contabilizam-se as receitas de bilheteiras. Portanto:

$$\text{Receitas de bilheteiras} = \text{Receitas}_{\text{Concertos}} + \text{Receitas}_{\text{O Jazz vai à Escola}} \quad (1.6)$$

$$\Leftrightarrow \text{Receitas de bilheteiras} = q_{E \text{ Concerto}}^* \times p_{E \text{ Concertos}}^* + q_{E \text{ O Jazz vai à Escola}}^* \times p_{E \text{ O Jazz vai à Escola}}^* \quad 135$$

$$\Leftrightarrow \text{Receitas de bilheteiras} = q_{E \text{ Concertos}}^* \times p_{E \text{ Concertos}}^*$$

De seguida, contabilizam-se os custos que estão na base do cálculo do excedente do produtor, medidos a preços de eficiência.

Custos Intermédios (2)

No caso dos custos intermédios efetua-se a eliminação do IVA todas as rubricas de custos, uma vez que os impostos são considerados uma transferência entre grupos sociais, como já foi referido. Deste modo, a cada componente de custo sobre a qual incide IVA não dedutível¹³⁶ efetua-se a seguinte correção, com base na taxa de IVA verificada em cada ano (AT, n.d)¹³⁷:

$$CIS_t^r = \frac{CIP_t^i}{P_{2011}} \times \frac{P_{2011}}{P_t} - \frac{IVA_t}{P_{2011}} \times \frac{P_{2011}}{P_t} \Leftrightarrow CIS_t^r = \frac{CIP_t^i}{IPC_t} \times IPC_{2011} - \frac{IVA_t}{IPC_t} \times IPC_{2011}$$

$$\Leftrightarrow CIS_t^r = CIP_t^r - \frac{IVA_t}{IPC_t} \times IPC_{2011}$$

Equação 18 – Correção Fiscal (custos intermédios)

Legenda:

CIS_t^r – componente de custo intermédio do ano t a preços de eficiência¹³⁸ e de 2011¹³⁹

CIP_t^i – componente de custo intermédio do ano t a preços de mercado¹⁴⁰ e do ano t¹⁴¹

CIP_t^r – componente de custo intermédio do ano t a preços de mercado¹⁴² e do ano 2011¹⁴³;

¹³⁵ Relembre-se que: $p_{E \text{ O Jazz vai à Escola}}^* = 0$. Logo: $q_{E \text{ O Jazz vai à Escola}}^* \times p_{E \text{ O Jazz vai à Escola}}^* = 0$.

¹³⁶ Consultar o Apêndice 6 – Taxas. Note-se que o IVA não dedutível não incide sobre todas as rubricas de custos. Noutros casos, o IVA não dedutível incide apenas sobre uma parcela (e não sobre a totalidade) das rubricas de custos.

¹³⁷ Taxa normal de IVA em vigor em cada ano (AT, n.d.).

¹³⁸ Isto é, corrigida dos efeitos fiscais (IVA). Logo, CIS_t^r trata-se de um preço de eficiência – análise social.

¹³⁹ Preços reais.

¹⁴⁰ Isto é, não corrigida dos efeitos fiscais (IVA) – análise privada.

¹⁴¹ Preços nominais.

IVA_t – IVA não dedutível do ano t, a preços nominais;

$\frac{IVA_t}{IPC_t} \times IPC_{2011}$ – IVA não dedutível do ano t, a preços de 2011¹⁴⁴.

P_t – Preço de um dado cabaz de bens no ano t;

P_{2011} – Preço de um dado cabaz de bens no 2011;

IPC_t – Índice de Preços no Consumidor do ano t;

IPC_{2011} – Índice de Preços no Consumidor de 2011. $IPC_{2011} = 100$.

Para além que foi descrito anteriormente, na rubrica “outros custos e correções” eliminam-se os itens relativos a impostos pagos pela OJM.

Note-se que no caso dos honorários de músicos convidados e de outros honorários, não se faz mais nenhum tipo de correção, uma vez que se considera que as suas remunerações correspondem ao verdadeiro custo de oportunidade.

Balanço de Subsídios e Impostos (3)

(3.1)

No caso dos impostos efetivamente pagos pela OJM, a sua exclusão na análise social já está refletida no ponto anterior.

(3.2)

No que respeita à eliminação do IVA dedutível, a situação é similar. Note-se que a eliminação é feita rubrica a rubrica (e não apenas de uma vez).

Depreciações (4)

Mais uma vez, por não se tratarem de despesas monetárias reais, as depreciações (4) não são contabilizadas como despesas (CE, 2004). Portanto, o seu cálculo não é necessário.

¹⁴² Consultar nota 140.

¹⁴³ Consultar nota 139.

¹⁴⁴ Também cada uma das componentes de IVA é deflacionada para preços de 2011 com base no IPC (INE, 2013).

Salários (5)

Gastos com pessoal (5.1)

Honorários de elementos da estrutura da OJM (excluindo membros da orquestra) (5.2)

Componente fixa dos honorários dos membros da orquestra (músicos) (5.3)

Em 1º lugar eliminam-se as contribuições da Segurança Social a cargo da associação e incluídas em (5.1), também considerados uma transferência entre grupos sociais (correção fiscal).

De seguida, considera-se que tanto nos gastos com pessoal (5.1), como nos honorários dos membros da orquestra (5.3) e outros elementos da estrutura (5.2), os salários utilizados na análise privada – W – não correspondem ao custo social do trabalho, pelo que se calculam os salários-sombra – SW – isto é, os custos de oportunidade social do trabalho. Para o efeito, opta-se por usar a fórmula simplificada de salário-sombra (CE, 2008)¹⁴⁵:

$$SW_t = W_t \times (1 - u_t) \times (1 - t_t)$$

Equação 19 – Salário-sombra

Legenda:

SW_t – salário-sombra a preços nominais (*shadow wage*);

W_t - salário de mercado (*wage*) a preços nominais;

u_t - taxa de desemprego (*unemployment*);

¹⁴⁵ A CE (2008) considera outras fórmulas possíveis, tendo em conta a informação estatística disponível (salários de reserva, custos de realocação, etc.) e outras questões específicas do mercado de trabalho (nível de desemprego, existência de mercado informal, etc.). Uma vez que não existe informação estatística detalhada, opta-se pela fórmula simplificada. O fator de conversão da mesma é “ $(1 - u) \times (1 - t)$ ” e o seu significado é o de que algumas pessoas aceitam cortes para um nível abaixo do salário nominal líquido de impostos, na proporção direta com a gravidade do desemprego na área (mas normalmente não inferior ao subsídio de desemprego se disponível para elas, quando desempregadas). Esta fórmula provavelmente subestima o salário-sombra, a menos que usado em condições de desemprego involuntário elevado (isto é, mais do que 15% - 20%). Isto porque não são considerados os custos de deslocamento e de relocação (CE, 2008).

t_t - taxa de imposto suportada pelos trabalhadores, isto é, taxa de imposto incidente sobre o salário (*taxes*), incluindo contribuições para a Segurança Social.

Relativamente a u ¹⁴⁶, utiliza-se a taxa de desemprego¹⁴⁷ registada em Portugal em cada um dos anos em análise¹⁴⁸. No que respeita a t ¹⁴⁹, tem-se em consideração a taxa de IRS¹⁵⁰ e ainda a taxa de contribuição para a Segurança Social a cargo do trabalhador¹⁵¹.

Finalmente, para se obter os salários-sombra a preços reais, deflacionam-se os valores calculados anteriormente com base no IPC (INE, 2013)¹⁵².

Rendas (6)

Rendas efetivas (6.1)

Relativamente às rendas consideradas na análise privada, não se fazem correções na análise social.

Contudo, coloca-se a questão de incluir-se o custo de oportunidade associado à cedência de espaços a favor da OJM a custo zero na análise privada.

Sede OJM (6.2)

No que respeita à sede da OJM, qualquer alternativa de uso desse espaço excluiria a sua venda ou arrendamento¹⁵³ (H. Sousa, comunicação pessoal, 12 de Novembro de 2012). Por este motivo, não se considera nenhum valor.

¹⁴⁶ Consultar o Apêndice 6 - Taxas.

¹⁴⁷ Taxa que permite definir o peso da população desempregada sobre o total da população ativa (Eurostat, 2013).

¹⁴⁸ O ideal seria usar a taxa de desemprego no setor cultural. No entanto, verifica-se ausência de dados disponíveis. Seria possível contratar os serviços do INE para estimar esta taxa, no entanto havia um pagamento associado (INE, Apoio ao cliente, comunicação pessoal, 1 de Junho de 2012).

¹⁴⁹ Consultar o Apêndice 6 - Taxas.

¹⁵⁰ No caso de (5.1) e de (5.2), consultam-se as tabelas de IRS específicas de cada ano (AT, 2013). (Nota. Tabela para não casado, 0 dependentes, Portugal Continental). Para (5.3), dada a diversidade de situações (isto é, diferentes níveis de honorários), opta-se por utilizar a taxa de IRS de 15% em cada ano. Note-se que para saber a situação específica de cada músico, teria de se ter conhecimento sobre a totalidade do rendimento de cada músico em cada ano, incluindo em atividades fora de OJM, o que não era exequível.

¹⁵¹ Por simplificação utiliza-se, a taxa no regime dos trabalhadores dependentes, ou seja, 11% (ISS, 2012).

¹⁵² Consultar o Apêndice 6 - Taxas.

¹⁵³ Isto deriva do fato de se tratar de um anexo do jardim da Casa da Juventude de Matosinhos.

Casa da Música (6.3)

Relativamente à cedência gratuita de espaço pela CM para a realização de ensaios, o 1º passo consiste em estimar o número de ensaios realizados na CM. São contabilizadas 2 situações: ensaios semanais e ensaios específicos dos concertos. No 1º caso estima-se 47 ensaios anuais¹⁵⁴ (J. Coelho, comunicação pessoal, 25 de Junho de 2012). No 2º caso, trata-se do número de concertos realizados pela OJM na CM e já levantados aquando do cálculo dos benefícios referidos em (1.4). Segundo a informação obtida, cada ensaio corresponde a uma diária de 100 euros (*Idem*).

Juros (7)

Nesta rubrica não se efetuam ajustamentos.

Imposto sobre o Rendimento (8)

Nesta caso, elimina-se o valor do IRC pago pela OJM, já que os impostos são considerados uma transferência entre grupos sociais.

Despesas de Investimento em Capital Fixo (9)

Nesta rubrica não se efetuam ajustamentos.

Despesas de Investimento em Capital Circulante ou Variação de Fundo Maneyo (10)

Nesta rubrica não se efetuam ajustamentos.

Variação da Dívida (11)

Nesta rubrica não se efetuam ajustamentos.

Portanto, considera-se que as rubricas (7), (9), (10) e (11) já refletem o seu verdadeiro custo de oportunidade.

¹⁵⁴ 47 corresponde ao número anual de ensaios fixos no período 2010 – 2011. No período 2007 – 2009, uma parte considerável dos ensaios da OJM, ainda que não “formalmente fixos” foi já realizada na CM, tendo-se estimado que o seu número tenha sido correspondente ao número anual de ensaios fixos no período 2010 – 2011.

$$\text{Serviço da dívida} = (7) - (11) \quad (12)$$

Pelo que foi referido em (7) e (11), esta rubrica também não sofre alterações.

De seguida, a partir da estrutura acima definida, calculam-se os seguintes resultados:

$$\text{Benefícios Sociais - Custos intermédios sociais} = (1) - (2) \quad (13)$$

$$= (1.4) + (1.5) + (1.6) - (2)$$

$$\text{Lucro antes de depreciações e juros} = (13) - (5) - (6) \quad (14)$$

$$= (1.4) + (1.5) + (1.6) - (2) - (5.1) - (5.2) - (5.3) - (6.1) - (6.2) - (6.3)$$

$$\text{Cash Flow Líquido} = (14) - (9) - (10) \quad (15)$$

$$= (1.4) + (1.5) + (1.6) - (2) - (5.1) - (5.2) - (5.3) - (6.1) - (6.2) - (6.3) - (9) - (10)$$

$$\text{Cash Flow Líquido após serviço dívida} = (15) - (12) \quad (16)$$

$$= (1.4) + (1.5) + (1.6) - (2) - (5.1) - (5.2) - (5.3) - (6.1) - (6.2) - (6.3) - (9) - (10) - (12)$$

= Receitas de bilheteiras + Excedente(s) do Consumidor – Custos do projeto OJM a preços de eficiência

= Excedente(s) do Consumidor + Excedente do Produtor

$$\text{Excedente do Produtor} = (16) - (1.4) - (1.5) \quad (17)$$

$$= (1.6) - (2) - (5.1) - (5.2) - (5.3) - (6.1) - (6.2) - (6.3) - (9) - (10) - (12)$$

$$\text{Rendimento do Trabalho} = (17) + (5.3) \quad (18)$$

$$= (1.6) - (2) - (5.1) - (5.2) - (6.1) - (6.2) - (6.3) - (9) - (10) - (12)$$

Deste modo, o cálculo do *cash flow líquido* após serviço da dívida inclui:

- no lado dos ganhos, a totalidades das receitas de bilheteiras e dos excedentes dos consumidores;

- no lado das despesas, os custos intermédios a preços de eficiência, os salários-sombra, as rendas sociais, as despesas de investimento, as variações de fundo maneio, e ainda os fluxos relacionados com o financiamento do projeto (serviço da dívida).

Seguem-se algumas considerações sobre o cálculo do *cash flow líquido* após serviço da dívida.

- a) Com efeito, relembra-se que os pontos (1.1), (1.2), (1.3) e (8) não são considerados na análise social, pelos motivos já explicados.

- b) Note-se que apesar de todos os impactos deverem ser considerados, tal não é possível devido a limitações de tempo e metodológicas. Deste modo, no que respeita à medição dos benefícios dos bens culturais, apenas se consideram os relacionados com o seu valor de troca¹⁵⁵, excluindo-se a medição de benefícios intangíveis e de externalidades positivas. De forma similar, do lado dos gastos, exclui-se a medição de custos intangíveis e de externalidades negativas. Além disso, apenas se tem em conta as 2 principais atividades da orquestra, como já foi explicado.

- c) Note-se também que pelo fato da análise social incluir correções fiscais, não faz sentido calcular uma medida de *cash flow* antes e depois de impostos, tal como acontece na análise privada.

- d) Tendo em conta as correções efetuada em cada rubrica, calculam-se os fatores de conversão médios aplicados¹⁵⁶, evidenciados no Apêndice 9.

- e) De uma forma simplificada, os benefícios sociais são iguais à disponibilidade a pagar (pelos concertos e pelas sessões “O Jazz vai à Escola”), uma vez que as receitas de bilheteiras -

¹⁵⁵ Consultar nota 36.

¹⁵⁶ As correções foram feitas rubrica a rubrica e ano a ano e portanto, para cada rubrica não existe um fator de conversão mas vários.

sendo benefícios dos produtores e custos dos consumidores - têm um efeito agregado social nulo.

Logo:

$$\text{Cash Flow Líquido após serviço dívida} = (15) - (12) \quad (16)$$

$$= (1.4) + (1.5) + (1.6) - (2) - (5.1) - (5.2) - (5.3) - (6.1) - (6.2) - (6.3) - (9) - (10) - (12)$$

= Receitas de bilheteiras + Excedente(s) do Consumidor – Custos do projeto OJM a preços de eficiência

= Receitas de bilheteiras + Disponibilidade a pagar – Receitas de bilheteiras – Custos do projeto OJM a preços de eficiência

= Disponibilidade a pagar – Custos do projeto OJM a preços de eficiência

Relativamente à taxa de desconto apropriada na ótica social **(19)**, decide-se seguir as orientações da CE. Com base no crescimento económico de longo prazo e nas taxas puras de preferência pelo presente, a CE propõe os seguintes parâmetros de referência indicativos para a taxa real de desconto social: 5,5% para os “países da Coesão” e 3,5% para os outros (CE, 2006). Uma vez que Portugal integra os países da Coesão (CE, n.d.), a taxa utilizada é 5,5%.

Segue-se o cálculo dos indicadores de desempenho do projeto. Mais uma vez, calculam-se os indicadores com base nos 2 tipos de CF calculados: **(16)** e **(18)**. À semelhança da análise privada, para além de VAL, TIR e RBC, calculam-se também: VA, VAL por músico¹⁵⁷ e VA por músico.

Repare-se que na análise social, o Rendimento do Trabalho **(18)** apenas inclui os benefícios da OJM (incluindo a componente fixa de remuneração dos músicos) e não os benefícios totais da sociedade. Estes são dados pelo **Cash Flow Líquido após serviço dívida (16)**. Portanto, se o total dos benefícios líquidos dos consumidores e do produtor¹⁵⁸ for positivo, então o projeto em estudo é viável no sentido que representa criação de riqueza (*Idem*).

¹⁵⁷ 1º período - Número médio de músicos durante 1999 - 2009. 2º período - Número médio de músicos durante 2010-2011. Consultar o Apêndice 2 - OJM – elementos da orquestra.

¹⁵⁸ Como já foi referido excedente do produtor é igual às receitas de bilheteiras subtraídas do custo total de produção. Note-se que os custos de produção incluem, neste caso, o serviço da dívida (juros e amortizações de capital).

Por fim, realiza-se uma análise de sensibilidade às seguintes variáveis críticas:

- | | | |
|-----------|--|--------------|
| a) | Concertos – preço médio de 1 bilhete (individual); | p_E^* |
| b) | Concertos – quantidades de bilhetes vendidos; | q_E^* |
| c) | Componente fixa dos honorários dos membros da orquestra (músicos); | (5.3) |
| d) | Taxa de desconto. | (19) |

Resultados

1. Quais os benefícios e os custos do projeto OJM?

Análise Privada¹⁵⁹

Segue-se a identificação dos benefícios privados¹⁶⁰ do projeto OJM.

| Análise Privada - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|------------------------------------|---------------|---------------|----------------|---------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| Benefícios Privados | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Ganhos | | | | | | | | | | | | | |
| CMM - Câmara Municipal Matosinhos | 33.857 | 39.501 | 31.540 | 36.620 | 41.391 | 40.435 | 67.773 | 65.731 | 106.927 | 135.498 | 210.213 | 207.305 | 200.000 |
| DGArtes - Direção-Geral das Artes | 0 | 0 | 28.386 | 0 | 59.130 | 57.764 | 79.068 | 76.686 | 74.849 | 41.692 | 70.632 | 69.655 | 51.744 |
| Outras Entidades (privadas) | 0 | 32.918 | 67.071 | 62.014 | 24.930 | 17.752 | 42.493 | 55.708 | 68.587 | 150.430 | 101.676 | 83.058 | 118.805 |
| Total - Benefícios Privados | 33.857 | 72.419 | 126.996 | 98.634 | 125.451 | 115.950 | 189.334 | 198.124 | 250.363 | 327.619 | 382.521 | 360.018 | 370.549 |

Quadro 1 – Benefícios privados, valores reais (preços de 2011), Euros

¹⁵⁹ OJM. 1999. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 1999;
 OJM. 2000. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2000.
 OJM. 2001. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2001.
 OJM. 2002. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2002.
 OJM. 2003. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2003.
 OJM. 2004. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2005.
 OJM. 2005. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2005.
 OJM. 2006. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2006.
 OJM. 2007. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2007.
 OJM. 2008. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2008.
 OJM. 2009. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2009.
 OJM. 2010. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2010.
 OJM. 2011a. Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2011.

¹⁶⁰ Consultar o Apêndice 5 - OJM - distribuição das receitas por promotores e atividades.

Como já foi referido, os serviços contratualizados por entidades públicas representam uma média de 69% do total das suas receitas durante o período 1999 - 2011. Além disso, o peso dos apoios da CMM (poder local) é em média de 69% do total dos apoios públicos no período 1999 - 2011, sendo os restantes 31% atribuídos pela DGArtes.

Além disso, desde 1999 até 2011 verifica-se uma tendência crescente dos benefícios privados, tanto provenientes de entidades públicas como privadas, o que é o reflexo do crescimento da OJM. Repare-se, por exemplo, que o total dos benefícios privados registados em 2011 é cerca de 11 vezes o total de benefícios privados registados em 1999.

Segue-se a identificação dos custos privados do projeto OJM.

ANÁLISE CUSTOS-BENEFÍCIOS DE ORQUESTRA DE JAZZ DE MATOSINHOS

| Análise Privada - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|---|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Custos Intermédios | | | | | | | | | | | | | |
| Músicos convidados | 11.939 | 27.849 | 53.328 | 24.759 | 20.684 | 32.411 | 40.875 | 30.707 | 38.864 | 44.302 | 19.015 | 26.220 | 13.756 |
| Alugueres - equipamentos | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1.031 | 410 | 199 | 1.939 | 275 | 505 | 1.093 | 265 |
| Alugueres - viaturas | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 399 | 1.828 | 4.109 | 2.112 | 1.409 | 405 | 0 | 0 |
| Trabalhos especializados | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3.034 | 35.044 | 8.154 | 20.016 | 30.141 | 30.335 | 13.132 |
| Outros Honorários (excluí músicos) | 0 | 977 | 0 | 731 | 2.395 | 6.296 | 18.101 | 20.585 | 26.431 | 25.355 | 26.082 | 23.693 | 26.854 |
| Publicidade e propaganda | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1.548 | 2.001 | 3.272 | 3.826 | 13.816 | 2.510 | 1.273 | 1.186 |
| Vigilância e segurança | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 718 |
| Conservação e reparação | 0 | 169 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 483 | 0 | 91 | 95 | 191 |
| Ferramentas e utensílios de desgaste rápido | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 40 | 1.239 |
| Livros e documentação técnica | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 60 | 0 | 26 | 26 | 0 | 40 |
| Material de escritório | 0 | 79 | 0 | 110 | 352 | 3.709 | 209 | 63 | 91 | 430 | 235 | 453 | 418 |
| Artigos para oferta | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1.689 | 649 | 0 | 1.867 | 2.627 | 0 | 0 | 0 |
| Material informático | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 880 |
| Viagens, deslocações e estadas | 2.332 | 0 | 9.582 | 5.190 | 5.055 | 9.828 | 24.554 | 33.506 | 62.428 | 32.075 | 51.335 | 49.639 | 36.439 |
| Comunicação | 0 | 0 | 0 | 24 | 92 | 3 | 217 | 381 | 833 | 254 | 1.626 | 2.725 | 2.127 |
| Contecioso e Notariado | 0 | 11 | 0 | 12 | 12 | 0 | 13 | 0 | 33 | 25 | 26 | 0 | 553 |
| Custas de Tribunal | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 66 | 0 | 0 |
| Outros serviços especializados | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 141 |
| Outros serviços | 0 | 5.235 | 6.906 | 11.346 | 2.123 | 985 | 653 | 112 | 16.309 | 11.273 | 17.350 | 9.127 | 8.130 |
| Outros custos & correcções | 0 | 144 | 2 | 1.205 | 0 | 520 | -48 | 1.180 | 2.021 | 55 | 6.646 | 696 | -1.211 |
| Total - Custos Intermédios Privados (pm) | 14.271 | 34.464 | 69.817 | 43.378 | 30.713 | 58.418 | 92.497 | 129.218 | 165.392 | 151.937 | 156.058 | 145.388 | 104.858 |
| Rendas - Total | | | | | | | | | | | | | |
| Rendas - espaços | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 43 | 386 | 370 | 1.535 | 363 | 4.144 | 1.151 | 472 |
| Rendas - Total | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 43 | 386 | 370 | 1.535 | 363 | 4.144 | 1.151 | 472 |
| Salários | | | | | | | | | | | | | |
| Gastos com Pessoal | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 15.756 | 11.609 | 15.796 | 13.668 | 12.109 |
| Honorários - elementos da estrutura | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1.876 | 14.074 | 15.963 | 18.200 |
| Honorários - orquestra - componente fixa | 9.774 | 24.022 | 20.487 | 12.085 | 11.826 | 21.604 | 32.079 | 39.000 | 43.840 | 33.353 | 62.013 | 145.114 | 131.600 |
| Salários - Total | 9.774 | 24.022 | 20.487 | 12.085 | 11.826 | 21.604 | 32.079 | 39.000 | 59.596 | 46.838 | 91.883 | 174.745 | 161.909 |
| Imposto sobre o rendimento | 0 | 749 | 1.058 | 0 | 0 | 50 | 0 | 205 | 106 | 141 | 44 | 0 | 0 |
| Total - Custos Privados | 24.045 | 58.486 | 90.304 | 55.463 | 42.539 | 80.064 | 124.961 | 168.588 | 226.524 | 199.138 | 252.085 | 321.284 | 267.239 |

Quadro 2 – Custos Privados, valores reais (preços de 2011), Euros

A evolução positiva das receitas privadas, em especial do nível de financiamento público¹⁶¹, permite à OJM ir criando uma organização cada vez mais sólida e estruturada, com o conseqüente reflexo na estrutura de custos da organização¹⁶². Repare-se, por exemplo, que o total dos custos privados registados em 2011 é cerca de 11 vezes o total de custos privados registados em 1999¹⁶³.

Os quadros anteriores excluem as despesas de investimento. Segue-se análise destas rubricas.

| Análise Privada - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|--|----------------|---------------|---------------|----------------|----------------|----------------|---------------|----------------|---------------|----------------|---------------|--------------|---------------|
| | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Despesas de Investimento em Capital Fixo | -18.230 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | -4.867 | - |
| Despesas de Investimento em Capital Circulante | 521 | -3.233 | 17.199 | -12.049 | -21.577 | -48.008 | 21.311 | -15.464 | 22.646 | -31.430 | 16.129 | 6.930 | -6.491 |
| Total de Despesas Investimento | -17.709 | -3.233 | 17.199 | -12.049 | -21.577 | -48.008 | 21.311 | -15.464 | 22.646 | -31.430 | 16.129 | 2.063 | -6.491 |

Quadro 3 – Despesas de investimento, análise privada, valores reais (preços de 2011), Euros

O investimento em capital fixo contempla valores pequenos e, portanto, estes não são determinantes para a viabilidade do projeto OJM. Relembre-se que estas despesas são medidas no início de cada um dos períodos de análise (1999 e 2010).

No caso do investimento em capital circulante, em alguns anos este valor assume valor negativo, o que se traduz em desinvestimento.

Segue-se a apresentação dos quadros relativos ao serviço da dívida, cujos valores também afetam os *cash flows* do projeto.

¹⁶¹ Consultar o Quadro 1 – Benefícios privados, valores reais (preços de 2011), Euros.

¹⁶² Claro que existem outros fatores justificativos dos custos. Por exemplo, em 2001 o aumento de custos está relacionado com a participação da OJM no evento “Porto 2011 – Capital Europeia da Cultura” (OJM, n.d.). Por sua vez, 2009 e 2010 são os anos em que a orquestra regista os maiores números de concertos realizados no estrangeiro: 10 e 11 respetivamente. Seguem-se os anos de 2007 e 2011: 5 e 6 respetivamente. O Apêndice 4 contém informação relativa aos concertos.

¹⁶³ Trata-se do mesmo valor registado para os benefícios privados, o que evidencia que os custos e os benefícios privados têm crescido na mesma proporção.

| Análise Privada - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|--------------------------------|----------|-----------|-----------|-----------|------------|-----------|-----------|------------|---------------|---------------|----------------|--------------|--------------|
| | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Juros | 0 | 31 | 38 | 13 | 106 | 46 | 70 | 181 | 776 | 226 | 1.013 | 1.832 | 1.978 |
| Varição - dívida | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | -10.693 | 10.423 | -20.408 | 1.414 | 6.432 |
| Serviço da dívida | 0 | 31 | 38 | 13 | 106 | 46 | 70 | 181 | -9.916 | 10.648 | -19.395 | 3.246 | 8.410 |

Quadro 4 – Serviço da dívida, análise privada, valores reais (preços de 2011), Euros

Em termos agregados, o serviço da dívida diminui o VAL pelo montante correspondente ao valor dos juros pagos pela OJM durante 1999 – 2011, aproximadamente.

Apresenta-se ainda o quadro com as taxas de atualização dos *cash flows*.

| Análise Privada - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|--------------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|
| | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Taxa de Desconto | 2,14% | 2,96% | 2,72% | 2,70% | 2,02% | 2,02% | 1,36% | 2,04% | 2,69% | 3,09% | 1,65% | 1,68% | 10,24% |

Quadro 5 – Taxas (reais) de desconto, análise privada

No ano 2011, taxa real de desconto apresenta um valor muito superior à dos restantes anos, em virtude do elevado aumento da Taxa de Juro (nominal) das Obrigações de Tesouro de Portugal, com maturidade de 10 anos (BP, 2013)¹⁶⁴.

Finalmente, com base nos quadros anteriores calculam-se os *cash flows* do projeto, que servem de base para a resposta do ponto seguinte.

¹⁶⁴ Consultar o Apêndice 6 - Taxas.

ANÁLISE CUSTOS-BENEFÍCIOS DE ORQUESTRA DE JAZZ DE MATOSINHOS

| Análise Privada - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|---|--------|--------|--------|--------|--------|---------|---------|--------|---------|---------|---------|---------|---------|
| | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| VABpm | 19.586 | 37.955 | 57.179 | 55.255 | 94.738 | 57.533 | 96.838 | 68.906 | 84.970 | 175.682 | 226.463 | 214.629 | 265.691 |
| Lucro antes de impostos, depreciações e juros -> ótica privada | 9.811 | 13.933 | 36.692 | 43.171 | 82.912 | 35.886 | 64.373 | 29.536 | 23.838 | 128.481 | 130.436 | 38.733 | 103.310 |
| Lucro antes de depreciações e juros -> ótica privada | 9.811 | 13.184 | 35.634 | 43.171 | 82.912 | 35.837 | 64.373 | 29.330 | 23.733 | 128.340 | 130.393 | 38.733 | 103.310 |
| Cash Flow Líquido -> ótica privada (músicos) | -7.898 | 9.951 | 52.833 | 31.122 | 61.336 | -12.171 | 85.683 | 13.866 | 46.379 | 96.910 | 146.522 | 40.797 | 96.819 |
| Cash Flow Líquido após serviço dívida -> ótica privada (músicos) | -7.898 | 9.919 | 52.795 | 31.109 | 61.230 | -12.218 | 85.613 | 13.685 | 56.295 | 86.262 | 165.916 | 37.551 | 88.409 |
| Cash Flow Líquido / N° de músicos -> ótica privada (músicos) | -878 | 1.102 | 5.866 | 2.828 | 6.123 | -719 | 4.506 | 652 | 3.128 | 3.594 | 6.381 | 1.502 | 4.210 |
| Rendimento do Trabalho -> ótica privada (músicos) | 1.877 | 33.941 | 73.282 | 43.194 | 73.056 | 9.386 | 117.692 | 52.685 | 100.135 | 119.615 | 227.929 | 182.665 | 220.009 |
| Rendimento do Trabalho / N° de elementos -> ótica privada (músicos) | 209 | 3.771 | 8.142 | 3.927 | 7.306 | 552 | 6.194 | 2.509 | 5.563 | 4.984 | 8.767 | 7.307 | 10.477 |

Quadro 6 – Cash Flows privados, valores reais (preços de 2011), Euros

Deste modo:

- *Cash Flow* Líquido privado: positivo em todos o período em análise, com exceção dos anos 1999 e 2004.
- *Cash Flow* Líquido privado após serviço dívida: positivo em todos o período em análise, com exceção dos anos 1999 e 2004.
- Rendimento do Trabalho: positivo em todo o período em análise.

Análise Social

Segue-se a identificação dos benefícios sociais do projeto OJM.

| Análise Social - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|---|----------------|---------------|----------------|---------------|---------------|---------------|---------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| Benefícios Sociais | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Ganhos | | | | | | | | | | | | | |
| Receitas - Bilheteiras | 96.310 | 36.856 | 40.254 | 23.070 | 31.411 | 21.125 | 24.634 | 47.621 | 121.084 | 59.062 | 107.482 | 236.532 | 261.519 |
| Excedente do Consumidor - Concertos | 9.543 | 55.458 | 69.005 | 45.776 | 49.522 | 34.955 | 35.663 | 70.851 | 364.415 | 68.191 | 232.444 | 40.408 | 63.520 |
| Excedente do Consumidor - O Jazz vai à Escola | 0 | 7.007 | 0 | 0 | 0 | 0 | 7.007 | 7.007 | 7.007 | 7.007 | 7.007 | 7.007 | 7.007 |
| Total - Benefícios Sociais | 105.853 | 99.320 | 109.259 | 68.846 | 80.933 | 56.081 | 67.304 | 125.478 | 492.506 | 134.259 | 346.933 | 283.947 | 332.046 |

| Análise Social - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|---|----------------|---------------|----------------|---------------|---------------|---------------|---------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| Disponibilidade a pagar -> ótica social | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Disponibilidade a pagar - concertos | 105.853 | 92.313 | 109.259 | 68.846 | 80.933 | 56.081 | 60.298 | 118.472 | 485.500 | 127.253 | 339.927 | 276.940 | 325.039 |
| Disponibilidade a pagar - O Jazz vai à Escola | 0 | 7.007 | 0 | 0 | 0 | 0 | 7.007 | 7.007 | 7.007 | 7.007 | 7.007 | 7.007 | 7.007 |
| Total - Benefícios Sociais | 105.853 | 99.320 | 109.259 | 68.846 | 80.933 | 56.081 | 67.304 | 125.478 | 492.506 | 134.259 | 346.933 | 283.947 | 332.046 |

Quadro 7 – Benefícios sociais, valores reais (preços de 2011), Euros

Repare-se que o valor do excedente do consumidor das sessões “O Jazz vai à Escola” é relativamente pequeno, pelo que tem um impacto marginal nos indicadores do projeto. Isto explica-se sobretudo pela reduzida quantidade de sessões realizadas por ano¹⁶⁵. Dividindo o excedente do consumidor pelo número de bilhetes, este rácio é em regra superior no caso dos concertos, como era expetável tendo como base as diferenças entre a disponibilidade máxima a pagar por 1 bilhete de concerto e a disponibilidade máxima a pagar por 1 bilhete das sessões “O Jazz vai à Escola”¹⁶⁶.

¹⁶⁵ Consultar o Apêndice 10 - Análise social – excedente do consumidor.

¹⁶⁶ Sugere-se comparar, para cada um dos anos, os preços dos bilhetes dos concertos e das sessões “O Jazz vai à Escola” correspondentes às ordenadas na origem (curvas da procura inversas de cada bem).

ANÁLISE CUSTOS-BENEFÍCIOS DE ORQUESTRA DE JAZZ DE MATOSINHOS

| Análise Social - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|---|------|------|------|------|------|------|------|------|-------|------|-------|------|------|
| Concertos | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Excedente do Consumidor/ N° de bilhetes | 1,67 | 9,20 | 9,57 | 9,96 | 9,33 | 9,47 | 9,08 | 9,16 | 10,93 | 8,39 | 10,18 | 2,64 | 3,47 |
| | | | | | | | | | | | | | |
| Análise Social - in media res | | | | | | | | | | | | | |
| O Jazz vai à Escola | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Excedente do Consumidor/ N° de bilhetes | 0,00 | 2,69 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 2,69 | 2,69 | 2,69 | 2,69 | 2,69 | 2,69 | 2,69 |

Quadro 8 – Excedente do Consumidor por bilhete, valores reais (preços de 2011), Euros

Como já foi referido, uma outra forma de apresentar os benefícios sociais é evidenciando a disponibilidade a pagar (de cada tipo de bem oferecido pela OJM), sendo as conclusões idênticas. Repare-se que, no caso das sessões “O Jazz vai à Escola”, o valor do excedente do consumidor das é igual ao da disponibilidade a pagar em cada ano, o que se explica pelo facto das receitas de bilheteiras desta atividade serem nulas, como já foi referido.

Segue-se a identificação dos custos sociais do projeto OJM.

ANÁLISE CUSTOS-BENEFÍCIOS DE ORQUESTRA DE JAZZ DE MATOSINHOS

| Análise Social - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|--|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Custos Intermédios | | | | | | | | | | | | | |
| Músicos convidados | 11.939 | 27.849 | 53.328 | 24.759 | 20.684 | 32.411 | 40.875 | 30.707 | 38.864 | 44.302 | 19.015 | 26.220 | 13.756 |
| Alugueres - equipamentos | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 852 | 339 | 164 | 1.616 | 229 | 417 | 889 | 216 |
| Alugueres - viaturas | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 330 | 1.511 | 3.396 | 1.760 | 1.175 | 335 | 0 | 0 |
| Trabalhos especializados | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3.010 | 33.759 | 7.611 | 19.965 | 29.663 | 29.962 | 12.853 |
| Outros Honorários (excluí músicos) | 0 | 977 | 0 | 731 | 2.395 | 6.296 | 18.101 | 20.226 | 25.774 | 24.337 | 25.574 | 21.787 | 24.325 |
| Publicidade e propaganda | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1.279 | 1.654 | 2.704 | 3.189 | 11.513 | 2.074 | 1.035 | 964 |
| Vigilância e segurança | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 584 |
| Conservação e reparação | 0 | 145 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 402 | 0 | 75 | 77 | 155 |
| Ferramentas e utensílios de desgaste rápido | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 33 | 1.008 |
| Livros e documentação técnica | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 50 | 0 | 22 | 22 | 0 | 33 |
| Material de escritório | 0 | 68 | 0 | 93 | 296 | 3.065 | 173 | 52 | 76 | 359 | 194 | 369 | 340 |
| Artigos para oferta | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1.396 | 537 | 0 | 1.556 | 2.189 | 0 | 0 | 0 |
| Material informático | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 880 |
| Viagens, deslocações e estadas | 1.994 | 0 | 8.052 | 4.362 | 4.248 | 8.122 | 20.292 | 27.691 | 52.023 | 26.729 | 42.426 | 40.357 | 29.625 |
| Comunicação | 0 | 0 | 0 | 20 | 78 | 2 | 179 | 317 | 713 | 212 | 1.344 | 2.252 | 1.754 |
| Contecioso e Notariado | 0 | 11 | 0 | 12 | 12 | 0 | 13 | 0 | 33 | 25 | 26 | 0 | 553 |
| Custas de Tribunal | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 66 | 0 | 0 |
| Outros serviços especializados | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 141 |
| Outros serviços | 0 | 5.210 | 6.359 | 10.448 | 2.062 | 886 | 628 | 93 | 15.791 | 10.727 | 17.298 | 9.127 | 6.610 |
| Outros custos & correcções | 0 | 0 | 0 | 1.056 | 0 | 456 | -48 | 1.002 | 87 | 0 | 5.815 | 373 | -1.489 |
| Total - Custos Intermédios Sociais (cf) | 13.932 | 34.259 | 67.739 | 41.480 | 29.774 | 55.095 | 87.264 | 120.161 | 149.495 | 141.782 | 144.344 | 132.478 | 92.306 |
| Rendas - Total | | | | | | | | | | | | | |
| Rendas - espaços | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 43 | 386 | 370 | 7.435 | 6.263 | 9.744 | 6.751 | 6.072 |
| Rendas - Total | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 43 | 386 | 370 | 7.435 | 6.263 | 9.744 | 6.751 | 6.072 |
| Salários | | | | | | | | | | | | | |
| Gastos com Pessoal | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 9.821 | 7.382 | 9.697 | 8.341 | 7.299 |
| Honorários - elementos da estrutura | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1.528 | 9.940 | 10.816 | 11.889 |
| Honorários - orquestra - componente fixa | 6.871 | 16.976 | 14.463 | 8.433 | 8.130 | 14.788 | 21.697 | 26.378 | 29.554 | 22.584 | 41.025 | 94.498 | 84.821 |
| Salários - Total | 6.871 | 16.976 | 14.463 | 8.433 | 8.130 | 14.788 | 21.697 | 26.378 | 39.376 | 31.493 | 60.662 | 113.655 | 104.010 |
| Imposto sobre o rendimento | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Total - Custos Sociais | 20.804 | 51.236 | 82.202 | 49.913 | 37.904 | 69.926 | 109.346 | 146.909 | 196.306 | 179.537 | 214.751 | 252.884 | 202.388 |

Quadro 9 – Custos Sociais, valores reais (preços de 2011), Euros

Na análise social, nos anos 2004, 2005, 2006 e 2008 os benefícios são inferiores aos custos. Isto explica-se sobretudo por 3 motivos.

Em 1º lugar, pela volatilidade dos benefícios contabilizados na análise social que são diretamente dependentes das quantidades e dos preços de bilhetes vendidos. No caso dos concertos¹⁶⁷, 2004 e 2005 correspondem aos anos em que os números de espetadores (ou de bilhetes vendidos) registam os valores mais baixos¹⁶⁸.

| Concertos | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|----------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|-------|--------|--------|--------|
| Nº de bilhetes | 5.716 | 6.030 | 7.212 | 4.595 | 5.307 | 3.691 | 3.926 | 7.732 | 33.327 | 8.129 | 22.831 | 15.297 | 18.311 |

| O Jazz vai à Escola | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|---------------------|------|-------|------|------|------|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Nº de bilhetes | 0 | 2.600 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2.600 | 2.600 | 2.600 | 2.600 | 2.600 | 2.600 | 2.600 |

Quadro 10 – Nº de espetadores efetivos ou nº de bilhetes vendidos

Em 2º lugar, pela referida evolução positiva do da estrutura de custos da organização. Repare-se, por exemplo, que o total dos custos sociais registados em 2011 é cerca de 10 vezes o total de custos sociais registados em 1999.

Em 3º lugar, porque - do ponto de vista da OJM - a unidade de produção não é o número de bilhetes vendidos, mas sim o número de concertos realizados. Nesta perspetiva, existe, em regra, uma relação positiva entre o número de concertos e o nível de custos (privados e/ ou sociais). Assim, repare-se que 2006 e 2008 registam números elevados de concertos realizados.

Segue-se análise a análise despesas de investimento.

¹⁶⁷ Consultar nota 170.

¹⁶⁸ Para informação detalhada sobre o número de bilhetes por concerto, consultar o Apêndice 4 - OJM - concertos - 4 ii - Número de espetadores e preço médio por concerto.

ANÁLISE CUSTOS-BENEFÍCIOS DE ORQUESTRA DE JAZZ DE MATOSINHOS

| Análise Social - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|--|----------------|---------------|---------------|----------------|----------------|----------------|---------------|----------------|---------------|----------------|---------------|--------------|---------------|
| | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Despesas de Investimento em Capital Fixo | -14.996 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | -3.129 | |
| Despesas de Investimento em Capital Circulante | 521 | -3.233 | 17.199 | -12.049 | -21.577 | -48.008 | 21.311 | -15.464 | 22.646 | -31.430 | 16.129 | 6.930 | -6.491 |
| Total de Despesas Investimento | -14.475 | -3.233 | 17.199 | -12.049 | -21.577 | -48.008 | 21.311 | -15.464 | 22.646 | -31.430 | 16.129 | 3.801 | -6.491 |

Quadro 11 – Despesas de investimento, análise social, valores reais (preços de 2011), Euros

Relembre-se que, de acordo com os pressupostos assumidos, os valores relativos ao investimento em capital fixo e circulante são iguais¹⁶⁹ nas óticas privada e social, pelo que as conclusões são iguais.

Segue-se a apresentação dos quadros relativos ao serviço da dívida, cujos valores também afetam os *cash flows* do projeto.

| Análise Social - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|-------------------------------|----------|-----------|-----------|-----------|------------|-----------|-----------|------------|---------------|---------------|----------------|--------------|--------------|
| | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Juros | 0 | 31 | 38 | 13 | 106 | 46 | 70 | 181 | 776 | 226 | 1.013 | 1.832 | 1.978 |
| Varição - dívida | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | -10.693 | 10.423 | -20.408 | 1.414 | 6.432 |
| Serviço da dívida | 0 | 31 | 38 | 13 | 106 | 46 | 70 | 181 | -9.916 | 10.648 | -19.395 | 3.246 | 8.410 |

Quadro 12 – Serviço da dívida, análise privada, valores reais (preços de 2011), Euros

Também de acordo com os pressupostos assumidos, aos valores relativos ao serviço da dívida são iguais nas análises privada e social, pelo que as conclusões são similares.

¹⁶⁹ Contudo, dado que as análises privadas e sociais têm taxas de desconto distintas, os valores do investimento em capital fixo atualizados para 1999 e 2010 assumem valores diferentes em cada uma das análises. Consultar o Apêndice 6 - Taxas.

ANÁLISE CUSTOS-BENEFÍCIOS DE ORQUESTRA DE JAZZ DE MATOSINHOS

De seguida, apresenta-se o quadro com as taxas de atualização dos *cash flows*.

| Análise Social - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|-------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Taxa de Desconto | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% |

Quadro 13 – Taxas (reais) de desconto, análise social

Relembre-se que, na análise social, as taxas reais de desconto estão de acordo com as orientações da CE (CE, 2006).

Finalmente, com base nos quadros anteriores calculam-se os *cash flows* do projeto, que servem de base para a resposta do ponto seguinte.

| Análise Social - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|--|---------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|-----------------|----------------|-----------------|----------------|----------------|----------------|
| | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Benefícios Sociais - Custos Intermédios Sociais | 91.921 | 65.061 | 41.520 | 27.366 | 51.159 | 985 | -19.959 | 5.317 | 343.012 | -7.522 | 202.589 | 151.468 | 239.739 |
| Lucro antes de depreciações e juros - ótica social | 85.050 | 48.084 | 27.057 | 18.933 | 43.029 | -13.845 | -42.042 | -21.431 | 296.201 | -45.278 | 132.183 | 31.062 | 129.657 |
| Cash Flow Líquido -> ótica social | 70.575 | 44.851 | 44.256 | 6.884 | 21.452 | -61.853 | -20.731 | -36.895 | 318.847 | -76.708 | 148.311 | 34.864 | 123.166 |
| Cash Flow Líquido após serviço dívida -> ótica social | 70.575 | 44.819 | 44.218 | 6.871 | 21.347 | -61.899 | -20.802 | -37.076 | 328.763 | -87.356 | 167.706 | 31.618 | 114.756 |
| Cash Flow Líquido / N° de músicos -> ótica social | 7.842 | 4.980 | 4.913 | 625 | 2.135 | -3.641 | -1.095 | -1.766 | 18.265 | -3.640 | 6.450 | 1.265 | 5.465 |
| Excedente do Produtor | 61.032 | -17.645 | -24.787 | -38.904 | -28.175 | -96.855 | -63.472 | -114.934 | -42.659 | -162.554 | -71.745 | -15.797 | 44.230 |
| Rendimento do Trabalho -> ótica social | 67.903 | -669 | -10.324 | -30.472 | -20.045 | -82.067 | -41.775 | -88.556 | -13.105 | -139.970 | -30.720 | 78.701 | 129.051 |
| Rendimento do Trabalho / N° de músicos -> ótica social | 7.545 | -74 | -1.147 | -2.770 | -2.005 | -4.827 | -2.199 | -4.217 | -728 | -5.832 | -1.182 | 3.148 | 6.145 |

Quadro 14 – Cash Flows sociais, valores reais (preços de 2011), Euros

Deste modo:

- *Cash Flow* Líquido: positivo em todos o período em análise, com exceção dos anos 2004, 2005, 2006 e 2008.
- *Cash Flow* Líquido após serviço dívida: positivo em todos o período em análise, com exceção dos anos 2004, 2005, 2006 e 2008.
- Excedente do Produtor: negativo em todo o período em análise, com exceção dos anos 1999 e 2011.
- Rendimento do Trabalho: negativo em todo o período em análise, com exceção dos anos 1999, 2010 e 2011.

Análise Privada vs. Análise Social

Em todos os anos em análise, o total dos ganhos privados da orquestra é superior ao das receitas de bilheteiras. Isto explica-se sobretudo pelo fato do valor recebido, pela OJM, por cada bilhete de concerto¹⁷⁰ ser superior ao preço médio suportado por cada espetador.

| Análise Privada - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|--|-------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|-------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Concertos | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Financiamento Público/ N° de bilhetes | 5,92 | 4,59 | 8,31 | 7,97 | 18,94 | 20,34 | 28,19 | 15,30 | 5,07 | 20,26 | 9,68 | 16,60 | 11,36 |
| Financiamento Privado/ N° de bilhetes | 0,00 | 5,46 | 9,30 | 13,50 | 4,70 | 4,81 | 10,82 | 5,79 | 2,06 | 18,50 | 4,45 | 4,76 | 6,49 |
| Valor médio recebido por cada bilhete | 5,92 | 10,04 | 17,61 | 21,46 | 23,64 | 25,15 | 39,02 | 21,09 | 7,13 | 38,76 | 14,13 | 21,37 | 17,85 |

| Análise Privada - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| O Jazz vai à Escola | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Financiamento Público/ N° de alunos | N.D. | 4,56 | N.D. | N.D. | N.D. | N.D. | 5,21 | 5,06 | 4,94 | 4,81 | 4,85 | 4,78 | 3,94 |
| Valor médio recebido por cada aluno | N.D. | 4,56 | N.D. | N.D. | N.D. | N.D. | 5,21 | 5,06 | 4,94 | 4,81 | 4,85 | 4,78 | 3,94 |

Quadro 15 – Valor médio recebido por cada bilhete, valores reais (preços de 2011), Euros

| Concertos | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|--|-------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-------|-------|
| Preço médio suportado pelos expetadores | 16,85 | 6,11 | 5,58 | 5,02 | 5,92 | 5,72 | 6,27 | 6,16 | 3,63 | 7,27 | 4,71 | 15,46 | 14,28 |
| | | | | | | | | | | | | | |
| O Jazz vai à Escola | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Preço médio suportado pelos encarregados de educação | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |

Quadro 16 – Preço médio de 1 bilhete, valores reais (preços de 2011), Euros¹⁷¹

¹⁷⁰ Relembre-se que os concertos são a principal atividade da OJM.

¹⁷¹ Concertos – Consultar o Apêndice 4 - OJM - concertos - 4 ii - Número de espetadores e preço médio por concerto.

Além, disso, verifica-se que, regra geral, o total dos benefícios privados é superior ao total dos benefícios sociais¹⁷². No entanto, existem 3 exceções: os anos de 1999, 2000 e 2007. Para se compreender isto, é preciso ter presente que:

- no caso do produtor (OJM), as receitas de bilheteiras são inferiores aos benefícios da análise privada, como já foi referido;
- no caso dos consumidores, para além das suas preferências, a restrição orçamental dos mesmos pode justificar o valor do(s) excedente(s) do consumidor¹⁷³;

Durante o período 1999 - 2011, os custos sociais são inferiores aos custos privados, fato que era previsível, tendo em conta as correções efetuadas aos primeiros (e descritas anteriormente)¹⁷⁴ de forma a refletirem preços de eficiências. As rendas¹⁷⁵ constituem uma exceção, devido à contabilização, na análise social, do custo de oportunidade associado à cedência de espaços a favor da OJM a custo zero na análise privada.

Comparando os benefícios e os custos privados, os primeiros são superiores aos segundos em todo o período em análise, o que evidencia a sustentabilidade da orquestra¹⁷⁶.

¹⁷² Receitas de bilheteiras + Excedente do Consumidor.

¹⁷³ O Apêndice 10 contém o cálculo do excedente do consumidor por atividade.

¹⁷⁴ Isto é, correções fiscais no caso dos custos intermédios, e cálculo dos preços-sombra no caso dos salários. Consultar o Apêndice 10 - Análise social – excedente do consumidor.

¹⁷⁵ O Apêndice 11 contém o cálculo das rendas a preços de eficiência (análise social).

¹⁷⁶ Relembre-se que este projeto conta já com 13 anos de atividade, para além dos anos fora do período em análise (2012 e seguintes).

2. Será que a OJM é viável numa perspetiva privada? E numa perspetiva social?

Análise Privada

Começando pela perspetiva privada, nos 2 períodos em análise:

- VAL > 0 euros;
- |TIR|¹⁷⁷ > Taxa de Desconto:
- RBC > 1.

| Cash Flow Líquido após serviço dívida -> ótica privada (músicos) | 1999-2009 | 2010-2011 | Total |
|--|-----------|-----------|---------|
| Taxa de Desconto (média) | 2,31% | 5,96% | 2,87% |
| VALP - atualizado para 2011 | 606.364 | 126.591 | 732.956 |
| VAP - atualizado para 2011 | 624.594 | 128.257 | 752.851 |
| Número total de músicos | 16 | 23 | 17 |
| VALP / músico | 37.898 | 5.504 | 43.115 |
| VAP / músico | 39.037 | 5.576 | 44.285 |
| TIRP | 259,7% | -335,4% | 259,7% |
| RBCP | 1,39 | 1,21 | 1,34 |

Quadro 17 – Indicadores do *Cash Flow* líquido privado após serviço da dívida, valores reais (preços de 2011), Euros

Conclusão: na perspetiva privada, o projeto OJM é viável, na medida que representa criação de valor para os membros da orquestra (músicos).

¹⁷⁷ Quando a TIR assume valores negativos, significa que os CF do período em questão são todos positivos.

Analisando o Rendimento do Trabalho privado, uma vez que este se trata do *Cash Flow* líquido privado após serviço da dívida antes de se deduzir a componente de rendimento fixa dos membros da orquestra, era expetável que os indicadores do projeto apresentem resultados melhores que os constantes no Quadro 17. Deste modo, nos 2 períodos em análise:

- VAL > 0 euros;
- |TIR|¹⁷⁸ > Taxa de Desconto; ou TIR¹⁷⁹ = N.D.;
- RBC > 1.

| Rendimento do Trabalho -> ótica privada (músicos) | 1999-2009 | 2010-2011 | Total |
|---|------------------|------------------|--------------|
| Taxa de Desconto (média) | 2,31% | 5,96% | 2,87% |
| VALP - atualizado para 2011 | 960.251 | 405.746 | 1.365.996 |
| VAP - atualizado para 2011 | 978.481 | 407.411 | 1.385.892 |
| Número total de músicos | 16 | 23 | 17 |
| VALP / músico | 60.016 | 17.641 | 80.353 |
| VAP / músico | 61.155 | 17.714 | 81.523 |
| TIRP | N.D. | -220,4% | N.D. |
| RBCP | 0,79 | 2,23 | 1,89 |

Quadro 18 – Indicadores do Rendimento do Trabalho privado, valores reais (preços de 2011), Euros

Conclusão: na perspetiva privada, o rendimento atualizado do trabalho é positivo.

¹⁷⁸ Consultar nota 179.

¹⁷⁹ Nestes casos, não é possível atribuir valor à TIR, devido ao referido problema das TIR múltiplas. Quando isto acontece, as conclusões são tomadas com base nos restantes indicadores do projeto.

Por fim, efetuando-se uma análise de sensibilidade, assumindo uma variação percentual de 10% em cada uma das rubricas identificadas identificada, *ceteris paribus*, as conclusões relativamente à viabilidade do projeto são similares.

| Cash Flow Líquido após serviço dívida -> ótica privada (músicos) | | | | |
|--|-----------------|------------------------------------|------------------|--------------|
| Variável-chave | Variação | VALP - atualizado para 2011 | | |
| | | 1999-2009 | 2010-2011 | Total |
| Cenário Base | - | 606.364 | 126.591 | 732.956 |
| Financiamento Público | 10% | 752.073 | 179.928 | 932.001 |
| | -10% | 460.656 | 73.255 | 533.911 |
| Honorários - orquestra - componente fixa | 10% | 570.976 | 98.676 | 669.652 |
| | -10% | 641.753 | 154.507 | 796.260 |
| Taxa de Desconto (média) | 10% | 613.256 | 126.655 | 739.910 |
| | -10% | 599.574 | 126.528 | 726.102 |
| Rendimento do Trabalho -> ótica privada (músicos) | | | | |
| Variável-chave | Variação | VALP - atualizado para 2011 | | |
| | | 1999-2009 | 2010-2011 | Total |
| Cenário Base | - | 960.251 | 405.746 | 1.365.996 |
| Financiamento Público | 10% | 1.105.959 | 459.082 | 1.565.041 |
| | -10% | 814.542 | 352.409 | 1.166.952 |
| Honorários - orquestra - componente fixa | 10% | 960.251 | 405.746 | 1.365.996 |
| | -10% | 960.251 | 405.746 | 1.365.996 |
| Taxa de Desconto (média) | 10% | 971.942 | 406.053 | 1.377.995 |
| | -10% | 948.741 | 405.438 | 1.354.179 |

Quadro 19 – Análise de sensibilidade – valor do VAL – Análise privada, valores reais (preços de 2011), Euros

| Cash Flow Líquido após serviço dívida -> ótica privada (músicos) | | | |
|--|--------------------------|------------------|--------------|
| Variável-chave | Elasticidade VALP | | |
| | 1999-2009 | 2010-2011 | Total |
| Financiamento Público | 2,40 | 4,21 | 2,72 |
| Honorários - orquestra - componente fixa | -0,58 | -2,21 | -0,86 |
| Taxa de Desconto (média) | 0,11 | 0,00 | 0,09 |
| Rendimento do Trabalho -> ótica privada (músicos) | | | |
| Variável-chave | Elasticidade VALP | | |
| | 1999-2009 | 2010-2011 | Total |
| Financiamento Público | 1,52 | 1,31 | 1,46 |
| Honorários - orquestra - componente fixa | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Taxa de Desconto (média) | 0,12 | 0,01 | 0,09 |

Quadro 20 – Análise de sensibilidade – elasticidade do VAL, Análise privada

No caso do *Cash flow* líquido após serviço da dívida:

- existe uma correlação positiva entre o FP e o VALP, sendo o VALP bastante “elástico” face a variações do FP;
- existe uma correlação negativa entre a componente fixa do rendimento dos membros da orquestra (músicos) e o VALP, sendo o VALP pouco “elástico” face a variações da componente fixa do rendimento dos membros da orquestra (músicos), com exceção do período 2010 - 2011;

- existe uma correlação positiva entre a taxa de desconto e o VALP, sendo o VALP pouco “elástico” face a variações da taxa de desconto¹⁸⁰.

No caso do Rendimento do Trabalho:

- existe uma correlação positiva entre o FP e o VALP, sendo o VALP bastante “elástico” face a variações do FP;
- não existe correlação entre a componente fixa do rendimento dos membros da orquestra (músicos) e o VALP, uma vez que o rendimento do trabalho não é afetado pela componente fixa do rendimentos dos membros da orquestra (músicos);
- existe uma correlação positiva entre a taxa de desconto privada e o VALP, sendo o VALP pouco “elástico” face a variações da taxa de desconto¹⁸¹.

¹⁸⁰ Neste caso, como os CF são capitalizados para o ano de 2011, quanto maior a taxa de desconto, maior o VAL, *ceteris paribus*.

¹⁸¹ Consultar nota 180.

Análise Social

No que respeita à análise social, nos 2 períodos em análise:

- VAL > 0 euros;
- $|TIR|^{182} > \text{Taxa de Desconto}$; ou $TIR^{183} = \text{N.D.}$;
- RBC > 1.

| Cash Flow Líquido após serviço dívida -> ótica social | 1999-2009 | 2010-2011 | Total |
|---|------------------|------------------|--------------|
| Taxa de Desconto (média) | 5,50% | 5,50% | 5,50% |
| VALS - atualizado para 2011 | 658.543 | 148.113 | 806.656 |
| VAS - atualizado para 2011 | 673.539 | 149.849 | 823.388 |
| Número total de músicos | 16 | 23 | 17 |
| VALS / músico | 41.159 | 6.440 | 47.450 |
| VAS / músico | 42.096 | 6.515 | 48.435 |
| TIRS | N.D. | -463,0% | N.D. |
| RBCS | 1,40 | 1,31 | 1,38 |

Quadro 21 – Indicadores do *Cash Flow* líquido social após serviço da dívida, valores reais (preços de 2011), Euros

Conclusão: o projeto OJM representa criação de riqueza para os membros da sociedade, como um todo (produtores e consumidores).

¹⁸² Consultar nota 177.

¹⁸³ Consultar nota 179.

No que respeita ao Rendimento do Trabalho social, no total do período 1999 - 2011:

- VAL < 0 euros (apesar de VAL > 0 euros, durante 2010 – 2011);
- |TIR|¹⁸⁴ > Taxa de Desconto;
- RBC < 1 (apesar de VAL > 1, durante 2010 – 2011);

| Rendimento do Trabalho -> ótica social | 1999-2009 | 2010-2011 | Total |
|--|-----------|-----------|----------|
| Taxa de Desconto (média) | 5,50% | 5,50% | 5,50% |
| VALS - atualizado para 2011 | -477.348 | 212.080 | -265.267 |
| VAS - atualizado para 2011 | -462.352 | 213.817 | -248.535 |
| Número total de músicos | 16 | 23 | 17 |
| VALS / músico | -29.834 | 9.221 | -15.604 |
| VAS / músico | -28.897 | 9.296 | -14.620 |
| TIRS | 36,7% | -264,0% | 34,3% |
| RBCS | 0,83 | 1,51 | 0,92 |

Quadro 22 – Indicadores do Rendimento do Trabalho social, valores reais (preços de 2011), Euros

Conclusão: na análise social, o rendimento de trabalho atualizado da OJM é negativo.

Pelo que foi referido anteriormente, também o excedente do produtor atualizado é negativo. Logo, apesar do efeito total social do projeto OJM ser positivo, este representa destruição de riqueza para o produtor (portanto, para membros da orquestra da OJM). Isto é o reflexo do (não) “efeito Baumol” ou *cost disease*¹⁸⁵ e da dependência direta, dos benefícios sociais, relativamente ao número e

¹⁸⁴ Consultar nota 177.

¹⁸⁵ “Efeito Baumol” ou “*cost disease*” explicado posteriormente.

preços dos bilhetes vendidos, entre outros fatores. No entanto, isto pode não ser perceptível pelos membros da OJM (músicos), na medida que eles avaliam os seus benefícios (líquidos) com base nos preços da análise privada.

Por fim, efetuando-se uma análise de sensibilidade, assumindo uma variação percentual de 10% em cada uma das rubricas identificadas identificada, *ceteris paribus*, as conclusões relativamente à viabilidade do projeto são similares.

ANÁLISE CUSTOS-BENEFÍCIOS DE ORQUESTRA DE JAZZ DE MATOSINHOS

| Cash Flow Líquido após serviço dívida -> ótica social | | | | |
|---|-----------------|------------------------------------|------------------|--------------|
| Variável-chave | Variação | VALS - atualizado para 2011 | | |
| | | 1999-2009 | 2010-2011 | Total |
| Cenário Base | - | 658.543 | 148.113 | 806.656 |
| Concertos - Preço médio bilhete (individual) | 10% | 684.547 | 163.392 | 847.938 |
| | -10% | 632.540 | 132.834 | 765.374 |
| Concertos - quantidades de bilhetes vendidos | 10% | 882.412 | 209.834 | 1.092.246 |
| | -10% | 569.753 | 97.007 | 666.759 |
| Honorários - orquestra - componente fixa | 10% | 629.625 | 129.661 | 759.285 |
| | -10% | 687.462 | 166.564 | 854.027 |
| Taxa de Desconto (média) | 10% | 681.268 | 148.287 | 829.554 |
| | -10% | 636.772 | 147.939 | 784.711 |
| Rendimento do Trabalho -> ótica social | | | | |
| Variável-chave | Variação | VALS - atualizado para 2011 | | |
| | | 1999-2009 | 2010-2011 | Total |
| Cenário Base | - | -477.348 | 212.080 | -265.267 |
| Concertos - Preço médio bilhete (individual) | 10% | -390.371 | 263.186 | -127.185 |
| | -10% | -564.324 | 160.974 | -403.349 |
| Concertos - quantidades de bilhetes vendidos | 10% | -390.371 | 263.186 | -127.185 |
| | -10% | -564.324 | 160.974 | -403.349 |
| Honorários - orquestra - componente fixa | 10% | -477.348 | 212.080 | -265.267 |
| | -10% | -477.348 | 212.080 | -265.267 |
| Taxa de Desconto (média) | 10% | -486.300 | 212.513 | -273.787 |
| | -10% | -468.402 | 211.648 | -256.755 |

Quadro 23 – Análise de sensibilidade – valor do VAL – Análise social, valores reais (preços de 2011), Euros

| Cash Flow Líquido após serviço dívida -> ótica social | | | |
|---|--------------------------|------------------|--------------|
| Variável-chave | Elasticidade VALS | | |
| | 1999-2009 | 2010-2011 | Total |
| Concertos - Preço médio bilhete (individual) | 0,39 | 1,03 | 0,51 |
| Concertos - quantidades de bilhetes vendidos | 1,35 | 3,45 | 1,73 |
| Honorários - orquestra - componente fixa | -0,44 | -1,25 | -0,59 |
| Taxa de Desconto (média) | 0,33 | 0,01 | 0,27 |
| Rendimento do Trabalho -> ótica social | | | |
| Variável-chave | Elasticidade VALS | | |
| | 1999-2009 | 2010-2011 | Total |
| Concertos - Preço médio bilhete (individual) | -1,82 | 2,41 | -5,21 |
| Concertos - quantidades de bilhetes vendidos | -1,82 | 2,41 | -5,21 |
| Honorários - orquestra - componente fixa | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Taxa de Desconto (média) | 0,19 | 0,02 | 0,32 |

Quadro 24 – Análise de sensibilidade – elasticidade do VAL, Análise social

No caso do *Cash flow* líquido após serviço da dívida:

- existe uma correlação positiva entre o preço médio dos bilhetes dos concertos e o VALS, sendo o VALS pouco “elástico” face a variações do preço médio dos bilhetes dos concertos, com exceção do período 2010 – 2011;
- existe uma correlação positiva entre as quantidades de bilhetes de concertos vendidos e o VALS, sendo o VALS bastante “elástico” face a variações das quantidades de bilhetes de concertos vendidos, sobretudo no período 2010 – 2011;

- existe uma correlação negativa entre a componente fixa do rendimento dos membros da orquestra (músicos) e o VALS, sendo o VALS pouco “elástico” face a variações da componente fixa do rendimento dos membros da orquestra (músicos), com exceção do período 2010 – 2011;
- existe uma correlação positiva entre a taxa de desconto social e o VALS, sendo o VALS pouco “elástico” face a variações da taxa de desconto¹⁸⁶;

No caso do Rendimento do Trabalho:

- existe uma correlação positiva entre o preço médio dos bilhetes dos concertos e o VALS, sendo o VALS bastante “elástico” face a variações do preço médio dos bilhetes dos concertos;
- existe uma correlação positiva entre as quantidades de bilhetes de concertos vendidos e o VALS, sendo o VALS bastante “elástico” face a variações das quantidades de bilhetes de concertos vendidos;
- não existe correlação entre a componente fixa do rendimento dos membros da orquestra (músicos) e o VALS, uma vez que o rendimento do trabalho não é afetado pela componente fixa do rendimentos dos membros da orquestra (músicos);
- existe uma correlação positiva entre a taxa de desconto e o VALP, sendo o VALP pouco “elástico” face a variações da taxa de desconto¹⁸⁷.

Por fim, repare-se que, do ponto de vista do produtor (OJM), o impacto – na evolução das receitas de bilheteiras - associado a uma variação de 10% do preço médio dos bilhetes dos concertos é igual ao associado a uma variação de 10% quantidades de bilhetes de concertos vendidos, pelo que a os resultados da análise de sensibilidade do VALS do Rendimento do Trabalho são iguais nas 2 situações.

¹⁸⁶ Consultar nota 180.

¹⁸⁷ Consultar nota 179.

Contudo, do ponto de vista dos ganhos dos consumidores, as 2 situações têm impactos diferentes, uma vez que a variação do excedente do consumidor associada a uma variação da quantidade é superior ao da variação do preço dos bilhetes¹⁸⁸. Logo, o VALS do *Cash flow* líquido após serviço da dívida é mais sensível a variações da quantidade de bilhetes de concertos vendidos do que a variações do preço médio dos mesmos.

¹⁸⁸ Matematicamente, isto explica-se pelo fato da fórmula excedente do consumidor corresponder à área de um triângulo que tem no comprimento o número expetadores ou de bilhetes vendidos (q) e na altura os preços dos mesmos (p).

3. Caso o Projeto represente um sacrifício de riqueza, que razões podem justificar o referido sacrifício e/ou o seu suporte por parte das políticas públicas?

Após medir o valor líquido social e os restantes indicadores, em especial os indicadores da análise social¹⁸⁹, conclui-se que o projeto OJM (não só é viável do ponto de vista privado como) gera riqueza para a sociedade, o que *per si* pode justificar o suporte por parte das políticas públicas¹⁹⁰. No entanto, podia acontecer a situação deste representar um sacrifício de riqueza para a sociedade: continuava a fazer sentido a existência de FP? Esta questão coloca “em cima da mesa” vários tipos de considerações.

Em 1º lugar, as características específicas dos bens culturais – designadamente o seu carácter de bem público – justifica a intervenção estatal (Cruz, 2006). Faz sentido assumir que os bens oferecidos pela OJM tratam-se de bens públicos, uma vez que:

- até determinado ponto, o consumo de um bem por uma pessoa não impede outras de o consumirem simultaneamente¹⁹¹; no caso dos concertos ao ar livre pode mesmo verificar-se a não rivalidade pura;
- a exclusão ou não é possível ou, caso seja possível, não é desejável.

A não exclusão presente nos bens públicos pode colidir com o pressuposto de maximização da utilidade implícita na análise ACB. O que acontece é que a eficiência é um objetivo implícito da ACB mas, num dado projeto, podem existir outros objetivos mais importantes¹⁹². (Boardman & Greenberg, et al., 2011). Assim, se existir o reconhecimento de que os benefícios coletivos dos bens culturais ultrapassam o benefício económico (*Idem*), então o sacrifício de riqueza justifica-se. Exemplificando, o poder público assume uma atitude paternalista:

¹⁸⁹ Consultar o Quadro 21 – Indicadores do *Cash Flow* líquido social após serviço da dívida, valores reais (preços de 2011), Euros

¹⁹⁰ Intervenção pública no lado da oferta cultural.

¹⁹¹ Portanto, nem todos se tratam de bens públicos puros porque há possibilidade de existir rivalidade. Exemplo: os concertos estão limitados à capacidade dos espaços. Depois de se atingir essa capacidade, há congestionamento.

¹⁹² Sobre isto, o Apêndice 12 - Valor total de um bem – aplicação aos concertos da OJM identifica diferentes tipos de benefícios (valores) associados aos bens, exemplificando o caso dos concertos da OJM. Destacam-se os valores de Inovação e de Mérito.

- procurando educar culturalmente os gostos dos portugueses (Cruz, 2006); neste caso pode enquadrar-se o projeto “O Jazz vai à Escola”;
- protegendo atividades culturais mais orientadas para os valores artísticos do que com os ganhos financeiros (*Idem*); neste caso pode-se incluir as composições e os arranjos originais da OJM¹⁹³, apesar da gestão da orquestra ser feita numa base de sustentabilidade económica e financeira;
- potenciando o acesso de todos os grupos sociais aos bens culturais; repare-se que cerca de 31% dos espetadores do concerto “OJM com Música de João Paulo Esteves da Silva” que preenchem o questionário tratam-se de desempregados, reformados e estudantes¹⁹⁴.

Além disso, bens públicos puros tipicamente não são fornecidos no mercado ou, quando são fornecidos, verifica-se sub-procura ou sobre-oferta dos mesmos. (Stiglitz, 1999). É razoável assumir que é o caso dos bens da OJM, uma vez que o número de orquestras de jazz existente em Portugal é muito limitado¹⁹⁵.

Em 2º lugar, a ACB do projeto OJM baseia-se em pressupostos fortes e, portanto, a interpretação dos resultados deve ser cuidada.

Um dos pressupostos consiste em assumir que as preferências dos consumidores se mantêm inalteradas:

- durante o período 1999 – 2011, uma vez que a evolução da disponibilidade máxima a pagar ao longo dos anos apenas acompanha o IPC;
- nos cenários com e sem projeto, o que se traduz numa única curva da procura para cada ano em estudo (análise social) e para cada tipo de bem;

¹⁹³ Relembre-se que se trata de uma organização sem fins lucrativos.

¹⁹⁴ Consultar o Apêndice 8 - Análise social - questionário – concertos; iii - Situação profissional

¹⁹⁵ Principais orquestras de Jazz em Portugal: Big Band da Nazaré; Big Band do Hot Clube de Portugal; L.U.M.E. - Lisbon Underground Music Ensemble; Orquestra de Jazz do Algarve; Orquestra de Jazz de Leiria; OJM - Orquestra de Jazz de Matosinhos e Reunion Big Jazz Band.

Tratam-se de pressupostos fortes, na medida que os 210 concertos dados pela OJM durante os 13 anos de análise podem ter contribuído para “educar” os gostos dos consumidores, relativamente à música *Jazz* e assim alterado a curva da procura¹⁹⁶. Contudo, são limitações justificadas, uma vez que:

- este estudo trata-se de uma análise *in media res*, já não sendo por isso possível acompanhar as preferências dos espetadores dos concertos de *Big Band Jazz* ao longo desses 13 anos.
- a comparação das preferências dos consumidores nos cenários com e sem projeto, em cada ano, implicaria por exemplo ter 2 grupos de estudo similares - um abrangido pelo projeto e outro não abrangido – que à partida não seria possível.

Outro pressuposto forte é o de assumir que os agentes exprimem - através de questionários - o valor que efetivamente atribuem aos bens em questão (Cruz, 2006). No caso em concreto, o questionário procura medir a disponibilidade a pagar dos espetadores para assegurar um benefício¹⁹⁷. No entanto, a pergunta poderia ter sido feita de uma outra forma: qual o valor máximo que os espetadores estariam dispostos a aceitar para tolerar uma perda¹⁹⁸. Teoricamente, ambos os valores deveriam conduzir a resultados iguais. Contudo, estudos realizados comprovam que a disponibilidade a pagar para obter um benefício tende a ser menor do que a quantia a receber para tolerar uma perda (Bateman et al, 2002).

Outro pressuposto consiste em assumir que a OJM captura a totalidade do excedente do consumidor. No entanto, no “lado” dos custos não se contabilizam os gastos associados à gestão dos espaços, o que se traduz na subvalorização dos gastos. Outro exemplo é fato de alguns concertos serem dados em parceria com outros músicos e bandas e/ou integrados no âmbito de festivais, festas, etc. Neste caso coloca-se a questão de como repartir os benefícios entre todos.

¹⁹⁶ Possíveis alterações da curva da procura “provocadas” pela alteração dos gostos dos consumidores: a curva da procura desloca-se (para a direita); o declive da curva da procura altera-se (isto é, $|m|$ fica menor).

¹⁹⁷ Neste caso, o benefício consiste em assistir a 1 concerto da OJM.

¹⁹⁸ Neste caso, a perda consiste em deixar de assistir a 1 concerto da OJM.

Por outro lado, opta-se pela não mensuração dos benefícios associados aos restantes bens culturais oferecidos pela OJM¹⁹⁹, o que se traduz na subvalorização dos benefícios.

Em 3º lugar, constata-se que a evolução do *Cachet* mínimo por concerto dos membros da orquestra é a mesma durante todo o período em análise²⁰⁰. Isto pode ser o reflexo do (não) “efeito Baumol” ou *cost disease*²⁰¹. Embora seja inegável que a tecnologia influencia a produtividade no setor cultural, em termos comparativos o seu papel é inferior neste setor, o qual continua fortemente dependente do trabalho dos artistas (Cruz, 2006). Por exemplo, a preparação de um o concerto por uma orquestra de *Jazz* requer, sensivelmente, o mesmo trabalho que há 100 anos atrás, porque o número de músicos que a compõem e o número de ensaios necessários tendem a ser fixos. Assim, de forma a garantir a sustentabilidade da OJM por via da contenção de custos, o *Cachet* mínimo por concerto dos membros da orquestra não acompanha a evolução dos salários da economia durante todo o período 1999 – 2011²⁰².

Além disso, o fato de a associação trabalhar em alguns projetos com outras entidades levanta a questão das sinergias, que não foram mensuradas neste trabalho. Por exemplo, qual é o valor dos benefícios associados ao protocolo com a CM? E com a CMM? Para os organismos públicos trata-se, na verdade, de uma questão fundamental. É que, regra geral, estes têm de fazer uma seleção dos vários projetos possíveis e é importante perceber as relações entre os mesmos, isto é,

¹⁹⁹ Consultar o Apêndice 3 - OJM - atividades.

²⁰⁰ Portanto, no caso da análise privada foi de 100€ para todo o período 1999 – 2011 (J. Coelho, comunicação pessoal, 25 de Junho de 2012) - valores nominais.

²⁰¹ Baumol (1966) apresentou uma especificidade da economia da cultura: a evolução da produtividade cultural não acompanha a evolução dos custos, pois a componente tecnológica não tem um impacto produtivo na cultura tão elevado como noutros setores de atividade. Se os salários na Economia crescem de acordo com a produtividade e se os salários dos artistas tendem a seguir o salário na Economia, não sendo estes acompanhados por aumentos de produtividade, gera-se um *cost disease*, aumentando o fosso entre salários e produtividade no setor das artes.

²⁰² A longo prazo, este problema pode levar à falência das artes do espetáculo (*Idem*) se nada for feito.

Associado a este ponto, Cruz (2006) refere que existem bens culturais em que é possível minimizar esse fosso, através:

- da sua expansão via venda de gravações - como pode ser caso dos Cds da OJM;
- ou das emissões em grande escala por via dos meios de comunicação - como pode ser o caso dos concertos da OJM.

No entanto, acrescentou que, atualmente, o descontrolo relativo à falta de respeito dos direitos de propriedade na Internet atenua o efeito destas medidas (*Idem*).

se são independentes e mutuamente exclusivos ou se são complementares entre si (Boardman & Greenberg, et al., 2011).

Finalmente, pode-se ir mais longe e questionar se haverá impactos que simplesmente não têm preço. O que acontece é, quando se atribuí valor monetário a todos os impactos - positivos e negativos - há o risco de diminuição da percepção do valor (qualitativo) dos mesmos, ao permitir a sua comparação direta²⁰³ com os bens e serviços transacionados no mercado. Contudo, é questionável se alguns deles pura e simplesmente não estão à venda, em nenhuma e qualquer circunstância (Boardman & Greenberg, et al., 2011). Será o caso da música de *big bands jazz*?

²⁰³ Isto é, através de unidades monetárias.

CONCLUSÕES

Aplicando a ACB ao projeto OJM²⁰⁴ este não só é sustentável do ponto de vista privado, como representa geração de riqueza para a sociedade durante o período 1999 – 2011, o que *per si* pode justificar o suporte por parte das políticas públicas.

No entanto, o excedente do produtor é negativo aos preços cobrados nos concertos e nas sessões “O Jazz vai à Escola”. Assim, pode-se pressupor que a OJM não está a agir tendo em vista a maximização do seu lucro (mas garantindo a sua sustentabilidade em termos privados) e, portanto, está a oferecer os bens culturais abaixo do custo (social) de oportunidade.

Isto pode significar que os preços cobrados nos concertos estão, em média, abaixo dos preços de eficiência, isto é, dos preços que maximizam o bem-estar social; por sua vez, as quantidades efetivas são superiores às quantidades eficientes²⁰⁵. Ou seja, apesar do total dos benefícios líquidos do projeto OJM para a sociedade ser positivo, a sociedade não se encontra no seu estado ótimo²⁰⁶, uma vez que existem sacrifícios de riqueza (no “lado” do produtor). Dito de outro modo, é possível encontrar uma outra afetação de recursos que gera ainda mais riqueza. Esta última análise não é realizada neste trabalho.

Nesta perspetiva, a atribuição de financiamento público à OJM tem em vista outros contributos para além da maximização da utilidade implícita na análise ACB. Neste caso, pode-se invocar os argumentos referidos no capítulo anterior²⁰⁷, nomeadamente o fato do poder público poder assumir uma atitude paternalista:

- procurando educar culturalmente os gostos dos portugueses (Cruz, 2006);
- protegendo atividades culturais mais orientadas para os valores artísticos do que com ganhos financeiros (*Idem*);

²⁰⁴ Sugere-se que esta metodologia seja complementada por outras metodologias

²⁰⁵ Neste sentido, na análise social, nem todos os *outputs* do projeto são medidos em termos de custo de oportunidade (preços de eficiência).

²⁰⁶ Ótimo de Pareto.

²⁰⁷ O capítulo anterior reflete sobre a situação dos benefícios líquidos do projeto OJM para a serem negativos. Neste caso, apenas se pressupõe que – apesar do VALS do projeto ser positivo – existem estados da economia onde os benefícios líquidos para a sociedade seriam maiores que os verificados. No entanto, os argumentos que justificam a existência deste projeto são similares numa situação ou noutra.

- potenciando o acesso de todos os grupos sociais aos bens culturais²⁰⁸.

Alternativamente, pode-se assumir outra perspectiva. Deste modo, apesar do excedente do produtor (OJM) ser negativo, o projeto confere benefícios líquidos para a sociedade como um todo, sendo que os “ganhos” dos consumidores (excedente do consumidor) compensam as “perdas” do produtor, (critério Kaldor-Hicks)²⁰⁹. Logo, uma outra interpretação poderá ser a de que, não só o VALS do cenário com projeto é superior ao VALS do cenário sem projeto²¹⁰, como também que o estado que maximiza o bem-estar social pressupõe “perdas” para o produtor.

Claro que, uma vez a criação de valor para a sociedade se deve ao efeito positivo no lado da procura (excedente do consumidor), deve-se ter especial cuidado na interpretação dos resultados sociais obtidos, tendo presente os pressupostos assumidos nomeadamente no cálculo dos benefícios sociais.

Repare-se que, ainda que os ganhos dos consumidores não compensassem as perdas do produtor²¹¹, ou seja, que OJM representasse um sacrifício de riqueza para a sociedade como todo, tendo em conta os referidos argumentos explicados no capítulo anterior²¹², poderia continuar a justificar-se a continuidade da orquestra e, por conseguinte, a atribuição do financiamento público a este projeto.

A realização deste trabalho levanta algumas questões. Segue-se a identificação das mais relevantes.

²⁰⁸ O Apêndice 12 - Valor total de um bem – aplicação aos concertos da OJM identifica outras justificações.

²⁰⁹ Logo, um projeto que adiciona bem-estar económico não tem necessariamente que constituir uma melhoria à Pareto.

²¹⁰ Pelo que já foi referido, o VALS do cenário sem projeto seria igual a 0.

²¹¹ Benefícios líquidos negativos.

²¹² Consultar notas 207 e 208.

Com efeito, o fato de alguns concertos terem sido dados em parceria com outros músicos e bandas e/ou serem integrados no âmbito de festivais, festas, etc. coloca a questão de como repartir as receitas de bilheteiras por todas as entidades (análise social)²¹³.

Além disso, existe a questão de qual será o valor associado aos restantes bens culturais oferecidos pela OJM e não mensurados no trabalho?²¹⁴ Relembre-se que, no “lado” dos custos, foram contabilizados a totalidades dos mesmos e não apenas os relativos aos concertos e às sessões “O Jazz vai à Escola”, pela dificuldade em repartir os custos pelas diferentes atividades da orquestra. Isto também explica os resultados verificados ao nível do excedente do produtor. No entanto, os 2 referidos bens constituem os principais bens da OJM, pelo que a maioria dos custos estão diretamente ligadas à sua produção, em especial dos concertos e, por isso, pode-se afirmar que mesmo contabilizando os *outputs* associados à restante oferta cultural da OJM, o excedente do produtor manter-se-ia negativo.

Outra questão deriva do fato da OJM trabalhar em algumas parcerias com outras entidades: como medir as sinergias resultantes dessas parcerias (e não mensuradas neste trabalho)? Por exemplo, qual é o valor dos benefícios associados ao protocolo com a CM? E com a CMM?

Assim, enquanto que a 1ª questão preocupa-se com a possível sobrevalorização de alguns benefícios sociais (pela não repartição de alguns ganhos), as 2 últimas têm a ver com a subvalorização do total dos benefícios sociais (pela não contabilização de alguns *outputs*).

Aplicar a ACB ao nível do desenvolvimento cultural tem-se revelado difícil (Dupuis, 1985). No entanto, apesar das limitações identificadas, isto não significa que a seja impossível a sua aplicabilidade, mas simplesmente que a ACB precisa de alguns refinamentos para que possa ser operacional no campo cultural (*Idem*)²¹⁵.

²¹³ Relembre-se que neste estudo, a OJM “captura” a totalidade das receitas da OJM e do excedente do consumidor.

²¹⁴ Consultar o Apêndice 3 - OJM - atividades.

²¹⁵ Precisamente para contornar as limitações identificadas, alguns estudos existentes têm-se baseado nos métodos utilizados nas análises custos-benefícios ao nível do meio-ambiente, onde já existem grandes avanços (Dupuis, 1985).

Deste modo, a complexidade da avaliação dos bens culturais não pode servir de desculpa para a sua não realização. Dentro das limitações existentes e mesmo tendo de abdicar de alguns elementos de avaliação, as escolhas no domínio cultural devem ser sustentadas por uma avaliação o mais objetiva possível (Cruz, 2006).

Esta objetividade é especialmente relevante no domínio das escolhas públicas, de forma a haver equidade na definição da política cultural e neutralidade contra a tentação de responder a influências de *lobbying* político ou ideológico (*Idem*).

É aqui que reside o maior desafio e possivelmente o maior contributo deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

- Fontes eletrónicas

Câmara Municipal de Matosinhos. n.d. *Música Clássica em Matosinhos*. [Cons. 2013/01/21; 00H 30M]. Disponível em <http://www.cm-matosinhos.pt/pages/469> [quoted as CE].

Casa da Música. n.d, [Cons. 2013/03/03; 16H 24M] Disponível em <http://www.casadamusica.com/Rental/default.aspx?channelID=3E931C04-4EEA-4680-96A6-287FE9EFB78A&id=86AA6B55-95F1-417B-A6E7-AD1F9C755FEC&l=3E931C04-4EEA-4680-96A6-287FE9EFB78A> [quoted as CM].

Centro Cultural Vila Flôr. n.d., *Guimarães Jazz – Programa*. [Cons. 2012/11/01; 09H 00M] Disponível em <http://www.ccvf.pt/conteudo.php?id=19&cat=4&prog=all&on=false&evento=3080> [quoted as CCVF].

Comissão Europeia. n.d., *Os Fundos. Fundo de Coesão*. [Cons. 2012/06/06; 00H 30M]. Disponível em http://ec.europa.eu/regional_policy/thefunds/cohesion/index_pt.cfm [quoted as CE].

Comissão Europeia. 2012. *How is the budget decided?* [Cons. 2013/02/27; 19H 50M]. Disponível em http://ec.europa.eu/budget/explained/management/deciding/decide_en.cfm [quoted as CE].

Conceito de. n.d. *Custo de Oportunidade*. [Cons. 2013/02/28; 12H 45M]. Disponível em <http://conceito.de/custo-de-oportunidade>.

Direção Geral das Artes. n.d.a., *Apoio às Artes*. [Cons 2013/01/21; 00H 30M]. Disponível em <http://www.dgartes.pt/contents.php?month=1&year=2013§ionID=27§ionParentID=&lang=pt> [quoted as DGArtes].

Direção Geral das Artes. n.d.b, *Apoios Quadrienais 2009-2012 – Resultados Finais – Música*. [Cons 2013/0307; 20H 00M]. Disponível em http://www.dgartes.pt/file_access.php?file=/10.10.0.86177812396187700.pdf [quoted as DGArtes].

EUobserver.com. 2012. *EU culture budget: small and likely to get smaller*. 25 de Outubro de 2010 [Cons 2013/02/27; 20H 43M]. Disponível em <http://euobserver.com/culture/117961>.

Governo de Portugal – Secretário de Estado da Cultura. n.d., *Mecenato Cultural*. [Cons. 2013/01/19; 20H 25M]. Disponível em <http://www.portugal.gov.pt/pt/os-ministerios/primeiro-ministro/secretario-de-estado-da-cultura/quero-saber-mais/sobre-o-ministerio/mecenato-cultural.aspx>.

Henderson. D. R. n.d. *Rent Seeking*. [Cons. 2013/02/27; 16H 00M]. <http://www.econlib.org/library/Enc/RentSeeking.html>.

Infoescola. n.d., *Elasticidade-preço da oferta*. Disponível em [Cons. 2013/02/26; 21H 30M]. <http://www.infoescola.com/economia/elasticidade-preco-da-oferta/>.

Investopedia. n.d., *Economics Basics: Supply and Demand*. [Cons. 2013/02/26; 16H 10M]. Disponível em <http://www.investopedia.com/university/economics/economics3.asp#axzz2M1Pd0GLj>.

Online. 2012. *Guimarães 2012: Durão Barroso destaca "valor económico" da cultura para a Europa*. 21 de Janeiro de 2012. [Cons. 2012/02/11; 21H 30M]. Disponível em <http://www.ionline.pt/portugal/guimaraes-2012-durao-barroso-destaca-valor-economico-da-cultura-europa>.

Marxists. n.d., *Glossary - Exchange-value*. [Cons. 2012/03/08; 20H 00M]. Disponível em <http://www.marxists.org/glossary/terms/e/x.htm>.

Orquestra de Jazz de Matosinhos. n.d., *A Orquestra*. [Cons. 2012/02/11; 21H 00M]. Disponível em <http://www.ojm.pt/PT/a-orquestra/ojm> [quoted as OJM].

Quinta do Fojo - Queirã. 2013. *Função do 1º grau*. [2013/02/23; 20H 00M]. Disponível em <http://qfojo.net/funcoes/Algebra3-4.htm> [quoted as QFOJO].

Smallbusiness. n.d., *Differences Between Demand Curve and Inverse*. [Cons. 2012/06/28; 18H 00M]. Disponível em <http://smallbusiness.chron.com/differences-between-demand-curve-inverse-19311.html>.

Wikipedia. n.d., *Big band*. [Cons. 2012/06/28; 18H 00M]. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Big_band.

- Fontes estatísticas

Banco de Portugal. 2013. *Taxa de rentabilidade de OT a taxa fixa, por prazo residual - 10 anos (mensal)*. [Cons. 2013/03/07; 22H 30M]. Disponível em [http://www.bportugal.pt/EstatisticasWeb/\(S\(pqyy3v45imzsb0450ti1kvzg\)\)/SeriesCronologicas.aspx](http://www.bportugal.pt/EstatisticasWeb/(S(pqyy3v45imzsb0450ti1kvzg))/SeriesCronologicas.aspx) [quoted as BP].

Estatísticas Europeias. 2013. *Unemployment rate, annual average, by sex and age groups (%)*. [Cons. 2013/03/03; 12H 00M]. Disponível em http://appsso.eurostat.ec.europa.eu/nui/show.do?dataset=une_rt_a&lang=en [quoted as Eurostat].

Instituto Nacional de Estatística. 2012. *Estatísticas da cultura - 2011*. [Cons. 2013/02/24; 18H 00M]. Disponível em

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=149181316&PUBLICACOESmodo=2 [quoted as INE].

Instituto Nacional de Estatística. 2013. *Índice de preços no consumidor*. [Cons. 2013/02/09; 22H 00M]. Disponível em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0003862&contexto=bd&selTab=tab2 [quoted as INE].

Instituto da Segurança Social. 2012. *Cálculo das Contribuições*. [Cons. 2013/02/09; 22H30]. Disponível em <http://www4.seg-social.pt/calculo-das-contribuicoes1> [quoted as ISS].

Portal das Finanças. 2013. *Tabelas de Retenção do IRS*. [Cons. 2013/03/03; 19H 40M]. Disponível em http://info.portaldasfinancas.gov.pt/pt/apoio_contribuinte/tabela_ret_doelib/ [quoted as AT].

Portal das Finanças. n.d. *Estatísticas do Imposto Sobre o Valor Acrescentado*. [Cons. 2013/02/09; 22H 20M]. Disponível em http://info.portaldasfinancas.gov.pt/pt/dgci/divulgacao/estatisticas/Estatisticas_IVA/ [quoted as AT].

Bibliografia

Abecassis, F. & Cabral, N. 2000. *Análise Económica e Financeira de Projetos* (4ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Access Economics. 2010. *Cost benefit analysis of the 2022 FIFA World Cup*. Department of Resources, Energy and Tourism.

Amaro, A. Póvoa, A. & Macedo, L., 2004. *A arte de fazer questionários. Unpublished work*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Barnett, W.C. 1992. *Benefits of compensatory pre-school education*. Journal of Human Resources.

Bateman, I., Carson, R., Day, B., Hanemann, M., Hanley, N., T. Hett, T., et al. 2002. *Economic Valuation with Stated Preference Techniques: a Manual*. Department for Transport, UK and Edward Elgar Publishing.

Baumol, w. & Bowen, H.. 1966. *Performing Arts: The Economic Dilemma*. New York. Foundation.

Boardman, A. & Greenberg, D. H. et al. 2011. *Cost-Benefit Analysis: Concepts and Practice*. (4th ed.). Prentice Hall.

Campbell, H. F. & Brown, R. P. C. 2003. *Benefit-Cost Analysis: Financial and Economic Appraisal using Spreadsheet*. Cambridge University Press.

Comissão Europeia. 2004. *EVALSED: The resource for the evaluation of Socio-Economic Development*. European Commission [quoted as CE].

Comissão Europeia. 2006. *The New Programming Period 2007-201. Guidance on the methodology for carrying our cost-benefit analysis*. Working Paper No 4, Directorate-General Regional Policy [quoted as CE].

Comissão Europeia. 2008. *Guide to Cost-Benefit Analysis of Investment Projects: Structural Funds, Cohesion Fund and Instrument for Pre-Accession*. Directorate-General Regional Policy [quoted as CE].

Comissão Europeia. 2011. *Communication from the Commission to European Parliament, the European Council, the European Economic and Social Committee and the Committee of Regions - A Budget for Europe 2020*. European Commission [quoted as CE].

Conselho da Europa. 2012. *Compendium of Cultural Policies and Trends in Europe (13th edition)*. ERICarts [quoted as COE].

Conselho da Europa. 2013. *European Council – 7/8 February 2013 – Conclusions (Multiannual Financial Framework)*. European Council [quoted as COE].

Cruz, J. M. N. 2006. *Bem Público “Cultura”: Especificidades da Política Cultural*. Separata da Revista da Faculdade de Direito da Universidade do Porto. Ano III – 2006. Coimbra Editora.

Damodaran. Aswath. n.d. *Measuring Investment Returns - I: The Mechanics of Investment Analysis*. Stern School of Business

Decreto-lei número. 194/ 1980 (1980.Jun.19) **DIÁRIO DA REPÚBLICA: I SÉRIE. N.º139 pp 1404 – 1423.**

Department for Culture, Media and Sport. 2012. *Cost-Benefit Analysis of Radio Switchover*, Department for Culture, Media and Sport [quoted as DCMS].

Department of Commerce Washington, D.C. 1971. *The Economics of Water-based Outdoor Recreation: A Survey and Critique*. Report No. 71-78, United States Army Engineer Institute for Water Resources.

Dupuis, X. 1985. *Applications and Limitations of cost-benefit analysis as applied to cultural development*. No. CC/CSP/CP/12–CC/88/WS/33, United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization [quoted as UNESCO].

Dupuit, J. 1844. *On the Measurement of the Utility of Public Works*. Traduzido por R. H. Barback. 1952. International Economic Papers.

Fisher, I. 1930. *The Theory of interest as determined by Impatience to Spend Income and Opportunity to Invest it*. The Macmillan Company, New York.

Frey, B. 2000. *Arts & Economics: Analysis and Cultural Policy*. Springer-Verlag, Berlin.

Hendon, W. S. 1983. *Benefits and Costs of Historic Preservation*. The University of Akron.

IVA. **CAPÍTULO II - Isenções, SECCÃO I - Isenções nas operações internas, Artigo 9.º - Isenções nas operações internas. CÓDIGO DO IVA.**

King, Emily. M. 2003. *Accounting for Culture: A Social Cost-Benefit Analysis of The Stan Rogers Folk Festival*. Dalhousie University.

OJM. 1999. *Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 1999*.

OJM. 2000. *Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2000*.

OJM. 2001. *Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2001*.

OJM. 2002. *Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2002*.

OJM. 2003. *Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2003.*

OJM. 2004. *Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2005.*

OJM. 2005. *Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2005.*

OJM. 2006. *Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2006.*

OJM. 2007. *Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2007.*

OJM. 2008. *Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2008.*

OJM. 2009. *Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2009.*

OJM. 2010. *Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2010.*

OJM. 2011a. *Demonstrações Financeiras a 31 de Dezembro de 2011.*

OJM. 2011b. *Contrato Programa entre a Câmara Matosinhos e a Associação Orquestra Jazz de Matosinhos.*

Oliveira, F. G. 2009. *Análise e Avaliação de Políticas Públicas – O Papel do Governo.* Apresentado na 2ª aula da cadeira de Análise e Avaliação de Políticas Públicas, no ano letivo 2009/2010, Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto [quoted as UCP].

Pacheco, L. P. K. 2011. *Finanças Empresariais – Avaliação de Investimentos.* Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto [quoted as UCP].

Parlamento Europeu. 2006. *Financing the Arts and the Culture in the European Union.* IP/B/CULT/ST/2005_104, Directorate-General Internal Policies of the Union [quoted as PE].

Stiglitz, J. 1999. *Economics of the Public Setor*, (3rd ed.), W.W. Norton & Company.

Throsby, C.D. 1982. *Social and Economic Benefits from Regional Investment in Art Facilities: Theory and Application*. Journal of Cultural Economics.

Zerbe, R. O. J & Dively, D. D. 1994. *Benefit-Cost Analysis: In Theory and Practice*. New York, Harper Collins College Publishers.

APÊNDICES

1. OJM – estrutura 2012¹

| | | |
|-------------|---|---|
| Direções | <p>Direção artística: Pedro Guedes Direção musical: Pedro Guedes e Carlos Azevedo Direção executiva: Pedro Guedes e Jorge Coelho</p> |  |
| Associações | <p>Associação OJM e TOAP: Susana Silva e Genoveva</p> |  |
| Orquestra | <p>Equipa artística permanente: Pedro Guedes Carlos Azevedo e 18 músicos</p> |  |

¹ Quadro construído com na informação facultada pela OJM (J. Coelho, comunicação pessoal, 28 de Março de 2012).

2. OJM – elementos da orquestra¹

| Elementos da Orquestra | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|----------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Álvaro Nogueira Pinto | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| André Carvalho Fernandes | | | | | | | | X | | X | X | X | X |
| Andreia Maria da Silva Santos | | | | | | | | | | | | X | X |
| António Torres Pinto | | | | | X | X | | | | | | | X |
| Carlos Azevedo | X | X | X | X | X | | X | X | X | X | X | X | X |
| Daniel Ferreira Dias | | | | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Demien Cabaud | | | | | | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Erick Poirier | | | | | | X | X | X | X | X | X | X | |
| Gileno Santana dos Santos | | | | | | | | | | X | X | X | X |
| Gonçalo Nuno Dias | | | | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| João Guimarães Ferreira | | | | | | | X | X | X | X | X | | |
| João Pedro Lima Brandão | | | | | | | | X | | X | X | X | X |
| José Carlos Barbosa | | | | | | | | | | X | X | X | X |
| José Henriques Lopes Silva | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| José Luís da Cunha Moreira Rego | X | X | X | X | X | | X | X | | X | X | X | |
| José Pedro Coelho | X | | | | | X | | | | | X | | |
| José Pedro Guedes | | X | X | X | | X | X | X | X | X | X | X | X |
| José Pedro Malheiro Sousa | | | | | | | X | X | X | X | X | X | X |
| José Telmo Rodrigues Marques | | | | | | X | X | X | X | X | X | X | |
| Marcos Cavaleiro Silva | | | | | | | | X | X | X | X | X | X |
| Mário Fernando Dias Santos | X | X | X | X | | X | X | | X | X | X | X | X |
| Michael Charles Laurent | | | | | | X | X | X | X | | X | X | |
| Michäel Joussein | | | | | | X | X | X | X | | X | X | |
| Nick Marchione | | | | | | | | | | X | | | |
| Paulo Jorge dos Santos Perfeito | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Rogério Paulo Ribeiro | X | X | X | X | X | X | X | X | | X | X | X | X |
| Rui Pedro Lima da Silva Teixeira | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| Susana Santos Silva | | | | | | X | X | X | X | X | X | X | X |



¹ Quadros construídos com na informação facultada pela OJM (J. Coelho, comunicação pessoal, 25 de Junho de 2012).

| Análise Privada - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Número total de músicos da OJM* | 9 | 9 | 9 | 11 | 10 | 17 | 19 | 21 | 18 | 24 | 26 | 25 | 21 |
| Concertos - N° médio de músicos da OJM (por ensaio) | 9 | 9 | 9 | 11 | 10 | 17 | 18 | 18 | 18 | 18 | 18 | 18 | 18 |
| O Jazz vai à Escola - N° médio de músicos da OJM (por sessão) | 0,0 | 7,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 8,5 | 8,5 | 8,5 | 8,5 | 8,5 | 8,5 | 7,0 |
| * Excluí músicos convidados | | | | | | | | | | | | | |

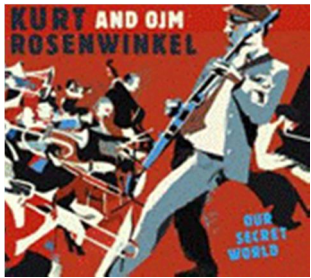
3. OJM - atividades²¹⁸

| Atividades | Descrição | Exemplos |
|---|--|--|
| Matosinhos | Acordo com a CMM que prevê a realização de pelo menos 5 concertos por ano. | <ul style="list-style-type: none"> • 2011 - 1ª parte do concerto no Festival de Matosinhos em <i>Jazz</i> - Concerto com o quarteto de cordas de Matosinhos, para a orquestra de <i>Jazz</i> e Quarteto de Cordas; apresentação de duas encomendas feitas pela CMM • 2011 - 2ª parte do concerto no Festival de Matosinhos em <i>Jazz</i> - Apresentação do CD gravado com a cantora Maria João, “Amoras e Framboesas”. • 2011 - Concertos "UMA VIAGEM PELOS TEMPOS DO JAZZ", sumula do ciclo desenvolvido nos anos anteriores com o mesmo nome, com o crítico Manuel Jorge Veloso. |
| Concertos/ Espetáculos Vários (nacional e internacional) | Repertórios novos e/ou já apresentados, desde concertos de 'clássicos' de <i>big band</i> até concertos com a Maria João, ou convidados internacionais. | <ul style="list-style-type: none"> • 2011 - 2º ciclo de apresentação do disco “<i>OUR SECRET WORLD</i>”, gravado com o guitarrista/ compositor Kurt Rosenwinkel para a Wommusic, no famoso clube Birdland de Nova Iorque. • 2011 - Concertos com a compositora Maria Schneider, em vários espaços, em vários espaços do país. • 2011 - Concertos ELLINGTON, BASIE E GOODMAN, de repertório clássico de <i>big band</i>, em vários espaços do país. |
| Casa da Música | Normalmente, repertórios novos. Em 2012 realizou-se um acordo que prevê a criação e 2 novos projetos pela OJM. A ideia é estrear repertórios novos que depois alimentam outros concertos nos anos seguintes. | <ul style="list-style-type: none"> • 2011 - Concerto de apresentação de arranjos originais da música de João Paulo Esteves da Silva, na Casa da Música, Porto. • 2011 - Novo concerto com o saxofonista Lee Konitz, na Casa da Música, com arranjos originais de Ohad Talmor. |

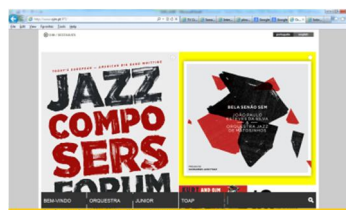
²¹⁸Quadro construído com base na informação facultada pela OJM (J. Coelho, comunicação pessoal, 28 de Março de 2012).

| Atividades | Descrição | Exemplos | | |
|---|----------------------------|---|---|--|
| Programas para Crianças e Jovens | O Jazz vai à Escola | <p>Programa educativo de formação para o <i>jazz</i> e para a música em geral. Elementos da OJM formam agrupamentos que se deslocam às escolas do concelho de Matosinhos e apresentam uma história da escrita e da improvisação no <i>jazz</i>, pela prática, fazendo música e envolvendo os alunos. O programa-se complementa-se com <i>workshops</i> realizadas nas Casas de Juventude de Matosinhos.</p> |  | <ul style="list-style-type: none"> • 2011 e 2012 - sessões de Outubro a Novembro, chegando a cerca de 2600 alunos. Em 2011 foram refeitos os conteúdos do programa formativo “O Jazz vai à Escola”, com ótimos resultados práticos – e “feedback” muito positivo por parte das escolas e dos professores envolvidos. |
| | Orquestra Júnior | <p>Uma segunda orquestra, como etapa natural da relação que a OJM tem com a formação de novos músicos. Começou os ensaios em 2012. Deverá ser mais que um viveiro uma escola viva.</p> |  | <ul style="list-style-type: none"> • Primeiras apresentações em 2012. |

| Atividades | Descrição | Exemplos |
|-----------------------------------|---|--|
| <p>Várias Editoras</p> | <p>Discografia variada, via editoras portuguesas (Universal e Wommusic); norte-americanas (Omnitone e Fresh Sound New Talent); e também via edição de autor.</p> | <ul style="list-style-type: none"> • 2011 - Edição do disco “Amoras e Framboesas” pela editora Universal Music. |
| <p>Produção Cds / DVDs</p> | <p>A editora de <i>jazz</i>, na qual a Orquestra tem uma participação maioritária. Tem a direção artística do guitarrista André Fernandes. Edita muitos novos valores do <i>jazz nacional</i>, <i>cruzados com</i> nomes relevantes do panorama internacional. O seu catálogo tem hoje 50 referências vivas. Está distribuído nacional/internacionalmente (<i>compact records</i>).</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Em 2012 a OJM começa a editar a sua música pela TOAP. |



| Atividades | Descrição | Exemplos | |
|------------------------|---|---|--|
| OJM site | <p>Programação de um site novo que permite criar uma família de sites distribuindo corretamente o universo da orquestra</p> | <p>• 2012 - Família de sites: ojm.pt > orquestra.ojm.pt > cara.ojm.pt > junior.ojm.pt > toap.ojm.pt > etc.</p> | |
| Outros Projetos | Guimarães 2012 | <p>Grande projeto novo, juntando novos compositores, vozes e a OJM. Inclui a gravação e edição de um CD de toda a música encomendada para o projeto</p> | <p>• 2012 - Projeto integrado em "Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura.</p> |



| Atividades | Descrição | Exemplos |
|------------------------|---|--|
| Protocolos | <p>Protocolos com outros espaços (em Lisboa, Madrid, etc....). Objetivo: fazer cerca de 3 a 4 salas logo no primeiro ano do protocolo/ projeto.</p> | <p>• 2011/ 2012 - Criação de um curso profissional de <i>Jazz</i>, que resulta de um protocolo com a Escola de Musica Óscar da Silva, a Escola Augusto Gomes e a CMM e que se materializou com a aprovação de uma candidatura submetida ao Ministério da Educação. Programa curricular definido pela OJM.</p> |
| Outros Projetos | Composers Forum, ON2 | <p>• Um ciclo de eventos, a ser apresentado entre 2012 e 2013 em Matosinhos. Participação: Concertos - têm na sua base a <i>Big Band</i> da OJM que toca com os compositores/ músicos convidados - um norte-americano e outro europeu. Conferência - Participam, para além do diretor artístico, os dois músicos/compositores e ainda um moderador internacional convidado para o efeito. <i>Workshop</i> - também conta com a participação de músicos/compositores convidados</p> |



4. OJM – concertos

i. Concertos por área geográfica

| Ano | Total | Portugal | | Estrangeiro |
|--------------|------------|---------------------------------------|-------------------------------------|-------------|
| | | Dentro da Área Metropolitana do Porto | Fora da Área Metropolitana do Porto | |
| 1999 | 8 | 4 | 4 | 0 |
| 2000 | 14 | 12 | 2 | 0 |
| 2001 | 18 | 10 | 8 | 0 |
| 2002 | 9 | 3 | 6 | 0 |
| 2003 | 10 | 4 | 4 | 2 |
| 2004 | 11 | 3 | 7 | 1 |
| 2005 | 12 | 8 | 4 | 0 |
| 2006 | 16 | 5 | 10 | 1 |
| 2007 | 19 | 9 | 5 | 5 |
| 2008 | 14 | 8 | 5 | 1 |
| 2009 | 29 | 16 | 3 | 10 |
| 2010 | 27 | 10 | 6 | 11 |
| 2011 | 23 | 7 | 10 | 6 |
| Total | 210 | 99 | 74 | 37 |
| Média | 16 | 8 | 6 | 3 |

ii. Número de espetadores¹ e preço médio por concerto²

| Concerto OJM | Data | Local | Número Espetadores | Preço médio por bilhete (individual) |
|---|------------------------|--|--------------------|--------------------------------------|
| Programa Cultural: Viseu Naturalmente – Fim de Semana com Jazz ³ | 03 de Julho de 1999 | Parque Aquilino Ribeiro (ao ar livre), Viseu | 400 | 0,00 € ⁴ |
| OJM + João Moreira – 8ª Edição de Jazz no Parque ⁵ | 18 de Julho de 1999 | Jardins de Serralves, Porto | 483 | 7,50 € ⁴ |
| Concerto OJM ⁶ | 22 de Julho de 1999 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € ⁴ |
| Concerto OJM ⁶ | 23 de Julho de 1999 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € ⁴ |
| Concerto OJM ⁶ | 24 de Julho de 1999 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € ⁴ |
| Festival de Vilar de Mouros '99 ⁷ | 22 de Agosto de 1999 | Recinto do Festival, Caminha | 3.333 | N.D |
| x Bienal Internacional de Arte ⁸ | 28 de Agosto de 1999 | Recinto da Feira, Vila Nova de Cerveira | 148 | 14,96 € ⁴ |
| Festa do Avante | 05 de Setembro de 1999 | Auditório 1º Maio, Quinta da Atalaia, Seixal | N.D | N.D |
| Festival dos 700 dias do Arrábida Shopping ⁹ | 20 de Janeiro de 2000 | Arrábida Shopping, Piso 0 – Praça Norte, Vila Nova de Gaia | 120 | 0,00 € ⁴ |
| FIL – Turismo de Matosinhos | 21 de Janeiro de 2000 | Feira Internacional de Lisboa, Lisboa | N.D | N.D ⁴ |
| Concerto OJM ⁶ | 26 de Maio de 2000 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € ⁴ |
| Concerto OJM ⁶ | 27 de Maio de 2000 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € ⁴ |
| Concerto p/ Gravação de RDP | 28 de Maio de 2000 | Jardim Basílio Teles, Matosinhos | N.D | N.D |
| Concerto OJM | 06 de Julho de 2000 | Museu do Carro Elétrico, Porto | N.D | N.D |
| Concerto OJM ⁶ | 07 de Julho de 2000 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € ⁴ |
| Concerto OJM ⁶ | 08 de Julho de 2000 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € ⁴ |
| Concerto OJM | 09 de Julho de 2000 | Paços da Cultura, S. João da Madeira | N.D | N.D |

| | | | | |
|---|------------------------|--|-------------------|----------------------|
| Festival Internacional de Música de Espinho ¹⁰ | 16 de Julho de 2000 | Academia de Música de Espinho, Praça do Município, Espinho | 600 | 0,00 € ⁴ |
| Concerto OJM | 20 de Julho de 2000 | Mercado Ferreira Borges, Porto | N.D | N.D |
| Concerto OJM ¹¹ | 14 de Outubro de 2000 | Salão Nobre da Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos | 200 | 0,00 € ⁴ |
| Concerto OJM ¹² | 15 de Novembro de 2000 | Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco | 150 | 0,00 € ⁴ |
| Jovens na Rua – Natal 2000 ¹³ | 20 de Dezembro de 2000 | Norte Shopping, Matosinhos | N.D | 0,00 € ⁴ |
| 5ª Edição Festival de Jazz da Guarda ¹⁴ | 07 de Março de 2001 | Auditório Municipal da Câmara Municipal da Guarda, Guarda | 98 | 4,12 € ⁴ |
| Festival de Jazz de Braga | 24 de Março de 2001 | Auditório do Parque de Exposições, Braga | 950 ¹⁵ | N.D |
| Trofa Bar - Rota jazz 2001 ¹⁶ | 04 de Maio de 2001 | Trofa | 400 | 0,00 € ⁴ |
| Concerto OJM ¹⁷ | 10 de Maio de 2001 | ISCAC, Coimbra | 250 | 0,00 € ⁴ |
| Matosinhos em Jazz ¹⁸ | 24 de Maio de 2001 | Grande Auditório da Exponor, Leça da Palmeira, Matosinhos | 450 | 7,50 € ⁴ |
| Feira dos Animais | 10 de Junho de 2001 | Grande Auditório da Exponor, Leça da Palmeira, Matosinhos | N.D | N.D |
| Ordem dos Médicos | 30 de Junho de 2001 | Matosinhos | N.D | N.D |
| Festival de Jazz de Tomar ¹⁹ | 13 de Julho de 2001 | Lagares D'El Rei, Tomar | 100 | 0,00 € ⁴ |
| Festival de Jazz de Tomar ¹⁹ | 20 de Julho de 2001 | Lagares D'El Rei, Tomar | 100 | 0,00 € ⁴ |
| Concerto OJM ⁶ | 20 de Julho de 2001 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € ⁴ |
| Concerto OJM ²⁰ | 22 de Julho de 2001 | Loures | N.D | N.D |
| Concerto OJM | 06 de Setembro de 2001 | Museu do Carro Elétrico, Porto | N.D | N.D |
| Concerto OJM ²¹ | 20 de Outubro de 2001 | Casa das Artes de Famalicão, Famalicão | 300 | 5,00 € ⁴ |
| Jazz Português ²² | 21 de Outubro de 2001 | Centro Cultural de Belém, Pequeno Auditório Lisboa | 462 | 7,48 € ⁴ |

| | | | | |
|--|------------------------|---|-----|----------------------|
| Ciclo de Música Cultura Politécnica ¹² | 29 de Outubro de 2001 | Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco | 220 | 0,00 € ⁴ |
| Concerto de Encerramento da Porto 2001 | 24 de Novembro de 2001 | Teatro Rivoli, Porto | N.D | N.D |
| Concerto OJM ⁶ | 30 de Novembro de 2001 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € ⁴ |
| Concerto OJM ⁶ | 01 de Dezembro de 2001 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € ⁴ |
| Concerto OJM, Festival de Jazz de Torres Vedras | 05 de Abril de 2002 | Teatro Cine (exterior), Torres Vedras | N.D | 0,00 € ⁸ |
| Concerto OJM | 10 de Abril 2002 | Aula Magna UTAD, Vila Real | N.D | N.D |
| Concerto OJM ²³ | 11 de Maio de 2002 | Portimão | 85 | 2,00 € |
| Festival Internacional de Big Band's da Nazaré ²⁴ | 07 de Julho de 2002 | Cine Teatro da Nazaré, Nazaré | 250 | 2,00 € |
| Concerto OJM | 19 de Julho de 2002 | Teatro do Campo Alegre, Porto | N.D | N.D |
| Concerto OJM | 20 de Julho de 2002 | Teatro do Campo Alegre, Porto | N.D | N.D |
| Festival de Jazz de Lagos ²⁵ | 17 de Agosto de 2002 | Centro Cultural de Lagos, Lagos | 200 | 8,00 € |
| Concerto OJM | 20 de Outubro de 2002 | Teatro Sá da Bandeira, Porto | N.D | N.D |
| Concerto OJM | 31 de Outubro de 2002 | Teatro Municipal de Bragança, Bragança | N.D | N.D |
| Concerto OJM | 02 de Maio de 2003 | Bom Jesus, Braga | N.D | N.D |
| Concerto OJM | 03 de Maio de 2003 | Bom Jesus, Braga | N.D | N.D |
| Festival de Jazz de Matosinhos ¹⁸ | 24 de Maio de 2003 | Grande Auditório da Exponor, Leça da Palmeira, Matosinhos | 500 | 7,50 € |
| Lisboa em Festa ²⁶ | 07 de Junho de 2003 | Teatro Municipal de São Luiz, Sala Principal, Lisboa | 500 | 12,00 € |
| OJM + Carla Bley - Festival em Obra Aberta ²⁷ | 20 de Junho de 2003 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 700 | 5,00 € |
| Concerto OJM - Festival Paços Brandão ²⁸ | 28 de Junho de 2003 | Museu do Papel, Paços de Brandão, Sta. Maria da Feira | 100 | 0,00 € |
| Concerto OJM ²⁹ | 28 de Outubro de 2003 | Auditório Municipal de Vila do Conde, Vila do Conde | 300 | 0,00 € |

APÊNDICES

| | | | | |
|---|------------------------|--|-----|---------|
| Viseu Naturalmente - Fim de Semana com Jazz - O Jazz desce à cidade | 04 de Julho 2003 | Parque Aquilino Ribeiro (ao ar livre), Viseu | 500 | 0,00 € |
| Concerto OJM | 28 de Novembro de 2003 | Multiusos de Redondela, Espanha | N.D | N.D |
| Concerto OJM | 20 de Dezembro de 2003 | Tuy, Espanha | N.D | N.D |
| OJM + Mark Turner | 16 de Maio de 2004 | Teatro Rivoli, Porto | N.D | N.D |
| Jazz in' Tondela - 1º Festival de Jazz Acert ³⁰ | 09 de Junho de 2004 | Associação Cultural e Recreativa de Tondela, - Auditório Ar livre, Tondela | 186 | 0,00 € |
| Concerto OJM | 28 de Agosto de 2004 | Verin, Espanha | N.D | N.D |
| Concerto OJM ⁶ | 24 de Setembro de 2004 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € |
| Concerto OJM ⁶ | 25 de Setembro de 2004 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € |
| OJM + Rich Perry - Dia Mundial da Música ²² | 01 de Outubro de 2004 | Centro Cultural de Belém, Grande Auditório, Lisboa | 500 | 10,00 € |
| OJM + Rich Perry - Dourojazz ³¹ | 02 de Outubro de 2004 | Grande Auditório do Teatro Municipal de Vila Real, Vila Real | 356 | 4,25 € |
| OJM + Mark Turner - Festival de Jazz de Guimarães ³² | 16 de Novembro de 2004 | Auditório Nobre da Universidade do Minho, Guimarães | 495 | 0,00 € |
| Concerto OJM ³³ | 19 de Novembro de 2004 | Centro Cultural Paredes de Coura, Paredes de Coura - Escolas | 188 | 0,00 € |
| Concerto OJM ³³ | 19 de Novembro de 2004 | Centro Cultural Paredes de Coura, Paredes de Coura - Público em Geral | 70 | 2,00 € |
| Concerto OJM - DouroJazz ³⁴ | 27 de Novembro de 2004 | Teatro Municipal de Bragança, Bragança | 93 | 10,00 € |
| OJM + Rick Margitza ³⁵ | 17 de Abril 2005 | Casa da Música, Sala 2, Porto | 274 | 10,00 € |
| Jazz ao Centro Clube ³⁶ | 30 de Abril de 2005 | Pavilhão Multidesportos, Coimbra | 300 | 0,00 € |
| OJM invites Chris Cheek ³⁵ | 13 de Maio de 2005 | Casa da Música, Sala 2, Porto | 114 | 10,00 € |
| Festival de Jazz de Torre de Moncorvo ³⁷ | 17 de Junho 2de 2005 | Cine Teatro de Moncorvo | 120 | 0,00 € |
| OJM + Chris Cheek & Jordi Rossi ⁶ | 09 de Setembro de 2005 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € |

| | | | | |
|---|-------------------------|---|-------|----------------------|
| OJM + Chris Cheek & Jordi Rossi | 15 de Setembro de 2005 | Museu do Carro Elétrico, Porto | N.D | N.D |
| Festival de Jazz da Alta Estremadura ³⁸ | 30 de Setembro de 2005 | Mercado de Sant'Ana - Centro Cultural, Leiria | 700 | 10,00 € |
| Concerto OJM - Dia Mundial da Música ³⁹ | 01 de Outubro de 2005 | Porto de Leixões, Leça da Palmeira, Matosinhos | 80 | 0,00 € |
| Congresso Médico ²⁷ | 13 de Outubro de 2005 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 449 | 0,00 € |
| Concerto OJM ⁴⁰ | 05 de Novembro de 2005 | Teatro Virgínia, Torres Novas | 80 | 8,13 € |
| OJM + Dieter Glawischnig | 25 de Novembro de 2005 | Paços da Cultura, S. João da Madeira | N.D | N.D |
| OJM + Dieter Glawischnig ³⁵ | 26 de Novembro de 2005 | Casa da Música, Sala 2, Porto | 231 | 5,00 € |
| In Jazz 2006 ⁴¹ | 23 de Fevereiro de 2006 | Cineteatro de Alcobaça | 90 | 8,00 € |
| In Jazz 2006 | 23 de Fevereiro de 2006 | Teatro Municipal de Faro, Faro | N.D | N.D |
| OJM + Lee Konitz & Ohad Talmor ⁴² | 10 de Março de 2006 | Culturgest, Grande Auditório, Lisboa | 596 | 8,54 € |
| OJM + Lee Konitz & Ohad Talmor ²⁷ | 12 de Março de 2006 | Casa da Música, Porto | 572 | 10,00 € |
| OJM + Lee Konitz & Ohad Talmor ⁴³ | 16 de Março de 2006 | Café-Concerto ESMAE, Porto | 200 | 0,00 € |
| OJM + Lee Konitz & Ohad Talmor - InJazz 2006 ⁴⁴ | 17 de Março de 2006 | Teatro Aveirense, Aveiro | 157 | 7,40 € |
| InJazz 2006 ⁴⁵ | 31 de Março de 2006 | Quinta do Taipal, Montemor-o-Velho | 234 | 3,00 € |
| Lee Konitz & Ohad Talmor - Festival de Jazz de Matosinhos ¹⁸ | 12 de Maio de 2006 | Grande Auditório da Exponor, Leça da Palmeira, | 550 | 8,75 € |
| Concerto OJM ⁴⁶ | 10 de Junho de 2006 | Auditório da Lavra, Lavra, Matosinhos | 300 | 3,00 € |
| Festival de Jazz de Lagoa | 18 de Junho de 2006 | Parque Municipal do "Sítio das Fontes", Lagoa, Faro | N.D | 8,00 € ⁴⁷ |
| c/ Lee Konitz & Ohad Talmor - Festival de Jazz de Torres Vedras ⁴⁸ | 01 de Julho de 2006 | Teatro Cine, Torres Vedras | 237 | 5,00 € |
| Jazz na Praça da Erva ⁴⁹ | 29 de Julho de 2006 | Praça da República, Viana do Castelo | 1.500 | 0,00 € |
| Festival de Jazz de Monforte de Lemos | 26 de Agosto de 2006 | Auditório de Monforte de Lemos, Espanha | N.D | N.D |

APÊNDICES

| | | | | |
|--|------------------------|--|----------------------|-----------------------|
| OJM & Chris Cheek ⁶ | 01 de Setembro 2006 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € |
| OJM & Chris Cheek - Festa do Avante | 03 de Setembro de 2006 | Auditório 1º Maio, Quinta da Atalaia, Seixal | N.D | N.D |
| OJM + Lee Konitz & Ohad Talmor - DouroJazz ³¹ | 07 de Outubro de 2006 | Grande Auditório do Teatro Municipal de Vila Real, Vila Real | 364 | 8,50 € |
| OJM & Mário Laginha - Ibero Jazz 2007 ⁵⁰ | 25 de Janeiro de 2007 | Teatro Rosália Castro, A Corunha, Espanha | 107 | 16,00 € |
| OJM & Mário Laginha | 26 de Janeiro de 2007 | Paços da Cultura, S. João da Madeira, S. João da Madeira | N.D | 10,00 € ⁵¹ |
| OJM & Rich Perry, John Riley & Nick Marcione "Thad Jones & Bob Brookmeyer" ³⁵ | 16 de Março de 2007 | Casa da Música, Sala 2, Porto | 275 | 10,00 € |
| OJM & Rich Perry, John Riley & Nick Marcione "Thad Jones & Bob Brookmeyer" ⁵² | 17 de Março de 2007 | Teatro Municipal de Almada, Sala Principal, Almada | 122 | 11,00 € |
| OJM invites Mark Turner – Festival de Jazz de Matosinhos ¹⁸ | 19 de Abril de 2007 | Grande Auditório da Exponor, Leça da Palmeira, Matosinhos | 500 | 8,75 € |
| OJM invites Mark Turner - Lançamento do novo disco | 20 de Abril de 2007 | Maxime, Lisboa | N.D | 15,00 € ⁵³ |
| OJM invites Mark Turner | 21 de Abril de 2007 | Salão Brasil, Coimbra | N.D | N.D |
| Perico Sambeat ³⁵ | 15 de Junho de 2007 | Casa da Música, Sala 2, Porto | 187 | 10,00 € |
| Lee Konitz | 25 de Junho de 2007 | Carnegie Hall, Nova Iorque, E.U.A. | N.D | N.D |
| OJM invites Chris Cheek ⁵⁴ | 26 de Junho de 2007 | Jazz Gallery, Nova Iorque, E.U.A. | 15 | 10,19 € |
| OJM invites Chris Cheek ³² | 13 de Julho de 2007 | Jardim do Centro Cultural Vila Flor, Guimarães | 500 | 0,00 € |
| Brosella Folk & Jazz 2007, Bruxelas | 15 de Julho de 2007 | Bruxelas, Bélgica | 25.000 ⁵⁵ | 0,00 € ⁵⁶ |
| OJM Invites John Hollenbeck (Drums) - Jazz no Parque ⁵ | 28 de Julho de 2007 | Jardins de Serralves, Porto | 403 | 7,50 € |
| Lee Konitz & Ohad Talmor ³⁵ | 11 de Outubro 2007 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 182 | 15,00 € |
| Go down festival - Lee Konitz, Portology ⁵⁷ | 15 de Outubro 2007 | Teatro Manzoni, Milão | 959 | 13,00 € |
| Repertório Original | 28 de Novembro de 2007 | FNAC, Sta. Catarina, Porto | N.D | 0,00 € ⁵⁸ |

| | | | | |
|---|------------------------|---|-------|---------|
| Repertório Original, Carlos Azevedo e Pedro Guedes - "Semana de encerramento do Portugal Jazz 2007" ²² | 04 de Dezembro de 2007 | Centro Cultural de Belém, Grande Auditório, Lisboa | 448 | 8,00 € |
| Repertório Original, Carlos Azevedo e Pedro Guedes - Semana Comemorativa dos 20 anos do edifício da CMM ⁶⁵ | 08 de Dezembro de 2007 | Paços do Concelho, Câmara Municipal de Matosinhos | 450 | 0,00 € |
| Dee Dee Bridgewater ³⁵ | 15 de Dezembro de 2007 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 796 | 20,00 € |
| OJM invites Chris Cheek, BragaJazz ⁵⁹ | 06 de Março de 2008 | Theatro Circo de Braga, Braga | 188 | 10,00 € |
| OJM invites Chris Cheek ⁴² | 28 de Março de 2008 | Culturgest, Grande Auditório, Lisboa | 441 | 10,30 € |
| OJM invites Chris Cheek – Concerto duplo, com a Brussels Jazz Orchestra ³⁵ | 29 de Março de 2008 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 543 | 20,00 € |
| Jim Mcneely - Matosinhos em Jazz ¹⁸ | 22 de Maio de 2008 | Grande Auditório da Exponor, Leça da Palmeira, Matosinhos | 868 | 8,75 € |
| Repertório Português para Big Band ⁶⁰ | 02 de Julho de 2008 | Cineteatro Jardim da Casa Municipal da Cultura, Seia | 90 | 0,00 € |
| Repertório Português para Big Band ²² | 13 de Julho de 2008 | Centro Cultural de Belém, Grande Auditório, Lisboa | 1.200 | 5,00 € |
| Thad Jones | 17 de Julho de 2008 | Efanor, Matosinhos - Concerto Privado | N.D | N.D |
| Orquestra Nacional do Porto + OJM ³⁵ | 18 de Julho de 2008 | Casa da Música, Espaço Exterior, Porto | 1.182 | 7,50 € |
| Kurt Rosenwinkel - Ciclo "Som da Surpresa – Ciclo Internacional de Jazz de Oeiras" 2008 ⁶¹ | 20 de Setembro de 2008 | Auditório Municipal Ruy de Carvalho, Carnaxide | 169 | 6,24 € |
| Kurt Rosenwinkel ³⁵ | 21 de Setembro de 2008 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 373 | 20,00 € |
| 3 Tenores ⁶² | 15 de Novembro de 2008 | Cineteatro Constantino Nery, Matosinhos | 235 | 0,00 € |
| Thad Jones | 04 de Dezembro de 2008 | Casa da Musica, Porto - Concerto Privado | 955 | 0,00 € |
| Thad Jones | 06 de Dezembro de 2008 | Mosteiro S. Bento da Vitória, Porto - Concerto Privado | N.D | N.D |
| OJM + Drumming – grupo de percussão - Are More Festival ⁶³ | 12 de Dezembro de 2008 | Auditório Martín Codax, Vigo, Espanha. | 532 | 0,00 € |
| Portology ⁶ | 16 de Janeiro de 2009 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € |

| | | | | |
|--|-----------------------|---|-------------------|---------|
| Lee Konitz & Ohad Talmor | 22 de Janeiro de 2009 | Jazz Standard - Nova Iorque, E.U.A | 150 ⁶⁴ | N.D |
| Lee Konitz & Ohad Talmor | 22 de Janeiro de 2009 | Jazz Standard - Nova Iorque, E.U.A | 150 ⁶⁴ | N.D |
| Lee Konitz & Ohad Talmor | 23 de Janeiro de 2009 | Jazz Standard - Nova Iorque, E.U.A | 150 ⁶⁴ | N.D |
| Lee Konitz & Ohad Talmor | 23 de Janeiro de 2009 | Jazz Standard - Nova Iorque, E.U.A | 150 ⁶⁴ | N.D |
| Lee Konitz & Ohad Talmor | 24 de Janeiro de 2009 | Jazz Standard - Nova Iorque, E.U.A | 150 ⁶⁴ | N.D |
| Lee Konitz & Ohad Talmor | 24 de Janeiro de 2009 | Jazz Standard - Nova Iorque, E.U.A | 150 ⁶⁴ | N.D |
| Lee Konitz & Ohad Talmor | 24 de Janeiro de 2009 | Jazz Standard - Nova Iorque, E.U.A | 150 ⁶⁴ | N.D |
| Lee Konitz & Ohad Talmor | 24 de Janeiro de 2009 | Jazz Standard - Nova Iorque, E.U.A | 150 ⁶⁴ | N.D |
| Lee Konitz & Ohad Talmor | 25 de Janeiro de 2009 | Jazz Standard - Nova Iorque, E.U.A | 150 ⁶⁴ | N.D |
| Lee Konitz & Ohad Talmor | 25 de Janeiro de 2009 | Jazz Standard - Nova Iorque, E.U.A | 150 ⁶⁴ | N.D |
| OJM + Drumming – Grupo de Percussão ³⁵ | 21 de Março de 2009 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 607 | 15,00 € |
| Ciclo de concertos Uma Viagem pelos tempos do Jazz I - As Origens da Big Band ⁶² | 04 de Abril de 2009 | Cineteatro Constantino Nery, Matosinhos | 94 | 10,00 € |
| Uma viagem pelos tempos do Jazz | 13 de Abril de 2009 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € |
| Duke Ellington | 27 de Abril de 2009 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € |
| Maria Schneider - Festival Jazz Matosinhos ¹⁸ | 14 de Maio de 2009 | Grande Auditório da Exponor, Leça da Palmeira, Matosinhos | 945 | 8,75 € |
| Duke Ellington | 18 de Maio de 2009 | B-Flat Jazz Club, Matosinhos | 225 | 10,00 € |
| Repertório Português para Big Band – "7ª Festa do Jazz" ²⁶ | 28 de Junho de 2009 | Teatro Municipal de São Luiz, Sala Principal, Lisboa | 392 | 25,00 € |
| Repertório Thad Jones - "Serralves em Festa: 40h non-stop" ⁵ | 30 de Maio de 2009 | Jardins de Serralves, Porto | 3.000 | 0,00 € |
| Ciclo de concertos Uma viagem pelos tempos do Jazz II - O jazz também já se dança? ⁶² | 18 de Julho de 2009 | Cineteatro Constantino Nery, Matosinhos | 124 | 10,00 € |

APÊNDICES

| | | | | |
|---|--------------------------|---|---------------------|-----------------------|
| Maria Rita e OJM ⁶⁵ | 01 de Agosto de 2009 | Marginal de Matosinhos, Matosinhos | 12.000 | 0,00 € |
| As Noites do Harlem | 02 de Agosto de 2009 | Jardins da Quinta das Lágrimas, Coimbra | 1.000 ⁶⁴ | 25,00 € ⁶⁶ |
| Maria Rita - Allgarve Sta. Eulália ⁶⁷ | 05 de Agosto de 2009 | Hotel Real de Santa Eulália, Albufeira | 500 | 30,00 € |
| As Noites do Harlem ⁶⁸ | 18 de Setembro de 2009 | Auditório do Centro de Artes, Ovar | 175 | 5,00 € |
| 3 Tenores, Chris Cheek, Mark Turner, Andy Scheppard ³⁵ | 04 de Outubro de 2009 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 435 | 15,00 € |
| Ciclo de concertos Uma viagem pelos tempos do Jazz III - Consagração do Swing ⁶² | 07 de Novembro de 2009 | Cineteatro Constantino Nery, Matosinhos | 211 | 10,00 € |
| O jazz também já se dança? ⁶⁹ | 20 de Novembro de 2009 | Cineteatro de Estarreja, Estarreja | 102 | 4,25 € |
| OJM + Maria João ³⁵ | 12 de Dezembro de 2009 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 686 | 15,00 € |
| Ciclo de concertos Uma viagem pelos tempos do Jazz IV As Big Bands e o Jazz Moderno ⁶² | 19 de Dezembro de 2009 | Cineteatro Constantino Nery, Matosinhos | 160 | 10,00 € |
| Sextas Culturais Águeda 2010, Concerto Ellington · Basie · Goodman ⁷⁰ | 15 de Janeiro de 2010 | Cineteatro São Pedro, Águeda | 450 | 5,00 € |
| Concerto Ellington · Basie · Goodman | 29 de Janeiro de de 2010 | Coimbra - Concerto Privado | 500 ⁷¹ | N.D |
| OJM + ONP - Orquestra Nacional do Porto - Jazz Transatlântico ²² | 26 de Fevereiro de 2010 | Centro Cultural de Belém, Grande Auditório, Lisboa | 542 | 11,50 € |
| OJM + ONP - Orquestra Nacional do Porto - Jazz Transatlântico ³⁵ | 27 de Fevereiro de 2010 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 1.070 | 20,00 € |
| OJM convida Carla Bley ³⁵ | 11 de Abril de 2010 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 626 | 20,00 € |
| Ciclo de concertos Uma viagem pelos tempos do Jazz IV As Big Bands e o Jazz Moderno 2, Matosinhos em Jazz ⁶² | 08 de Maio de 2010 | Cineteatro Constantino Nery, Matosinhos | 172 | 10,00 € |
| Concerto - Matosinhos em Jazz ¹⁸ | 13 de Maio de 2010 | Grande Auditório da Exponor, Leça da Palmeira, Matosinhos | 229 | 8,75 € |
| Ciclo de concertos Uma viagem pelos tempos do Jazz VI Outros reflexos da modernidade nas Big Bands ⁶² | 03 de Julho de 2010 | Cineteatro Constantino Nery, Matosinhos | 103 | 10,00 € |
| Concerto conhece a Orquestra ⁶⁵ | 17 de Julho de 2010 | Marginal de Matosinhos, Matosinhos | 400 | 0,00 € |

| | | | | |
|--|------------------------|--|---------------------|-----------------------|
| Concerto a arte da Big Band – "5 Orquestras de Jazz em Portugal" ⁷² | 26 de Agosto de 2010 | Jardim São Pedro de Alcântara, Bairro Alto, Lisboa | 750 | 0,00 € |
| Concerto OJM - Festa do Avante | 04 de Setembro de 2010 | Auditório 1º Maio, Quinta da Atalaia, Seixal | 5.000 ⁷¹ | N.D |
| Concerto OJM invites Kurt Rosenwinkel - Lançamento do Cd "Our Secret World" | 08 de Setembro de 2010 | Iridium Jazz Club, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷¹ | 26,19 € ⁷³ |
| Concerto OJM invites Kurt Rosenwinkel - Lançamento do Cd "Our Secret World" | 08 de Setembro de 2010 | Iridium Jazz Club, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷¹ | 26,19 € ⁷³ |
| Concerto OJM invites Kurt Rosenwinkel - Lançamento do Cd "Our Secret World" | 09 de Setembro de 2010 | Iridium Jazz Club, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷¹ | 26,19 € ⁷³ |
| Concerto OJM invites Kurt Rosenwinkel - Lançamento do Cd "Our Secret World" | 09 de Setembro de 2010 | Iridium Jazz Club, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷¹ | 26,19 € ⁷³ |
| Concerto OJM invites Kurt Rosenwinkel - Lançamento do Cd "Our Secret World" | 10 de Setembro de 2010 | Iridium Jazz Club, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷¹ | 26,19 € ⁷³ |
| Concerto OJM invites Kurt Rosenwinkel - Lançamento do Cd "Our Secret World" | 10 de Setembro de 2010 | Iridium Jazz Club, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷¹ | 26,19 € ⁷³ |
| Concerto OJM invites Kurt Rosenwinkel - Lançamento do Cd "Our Secret World" | 11 de Setembro de 2010 | Iridium Jazz Club, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷¹ | 26,19 € ⁷³ |
| Concerto OJM invites Kurt Rosenwinkel - Lançamento do Cd "Our Secret World" | 11 de Setembro de 2010 | Iridium Jazz Club, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷¹ | 26,19 € ⁷³ |
| Concerto OJM invites Kurt Rosenwinkel - Lançamento do Cd "Our Secret World" | 12 de Setembro de 2010 | Iridium Jazz Club, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷¹ | 26,19 € ⁷³ |
| Concerto OJM invites Kurt Rosenwinkel - Lançamento do Cd "Our Secret World" | 12 de Setembro de 2010 | Iridium Jazz Club, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷¹ | 26,19 € ⁷³ |
| Concerto OJM invites Kurt Rosenwinkel - Lançamento do Cd "Our Secret World" - Berklee Beantown Jazz Festival | 15 de Setembro de 2010 | Berklee Performance Center, Boston, E.U.A. | 1.600 ⁷¹ | 16,84 € ⁷⁴ |
| Concerto OJM invites Kurt Rosenwinkel - Lançamento do Cd "Our Secret World", Ciclo Jazz Galp ³⁵ | 03 de Outubro de 2010 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 643 | 15,00 € |
| Concerto OJM invites Kurt Rosenwinkel - Lançamento do Cd "Our Secret World" | 04 de Outubro de 2010 | Lux, Lisboa | 500 ⁷¹ | N.D |

| | | | | |
|--|-------------------------|---|---------------------|-----------------------|
| Concerto Uma viagem pelos tempos do Jazz VII – Quando as várias fusões convivem com os neoclassicismos ⁶² | 16 de Outubro de 2010 | Cineteatro Constantino Nery, Matosinhos | 186 | 10,00 € |
| Concerto Uma Viagem pelos Tempos do Jazz VIII – As Big Bands e o presente/futuro do Jazz ⁶² | 04 de Dezembro de 2010 | Cineteatro Constantino Nery, Matosinhos | 176 | 10,00 € |
| Concerto 1º Festival Porta-Jazz ⁷⁵ | 07 de Dezembro de 2010 | Galerias de Paris, Porto | 350 | 0,00 € |
| Concerto OJM convida João Paulo Esteves da Silva “Fantasmas” ³⁵ | 05 de Fevereiro de 2011 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 477 | 30,00 € |
| Maria João, 9ª Festa do Jazz de São Luíz ²⁶ | 01 de Abril de 2011 | Teatro Municipal de São Luiz, Sala Principal, Lisboa | 730 | 22,50 € |
| Concerto Uma viagem pelos tempos do Jazz ²² | 16 de Abril de 2011 | Centro Cultural de Belém, Pequeno Auditório Lisboa | 450 | 6,50 € |
| OJM + Quarteto/ Cordas e OJM + Maria João ¹⁸ | 12 de Maio de 2011 | Grande Auditório da Exponor, Leça da Palmeira, Matosinhos | 600 | 8,75 € |
| Concerto Ellington · Basie · Goodman - “Música em Leiria” | 05 de Junho de 2011 | Praça Rodrigues Lobo, Leiria | 3.000 ⁷⁷ | 0,00 € ⁷⁶ |
| Concerto Ellington · Basie · Goodman | 2 de Julho de 2011 | Museu Quinta Santiago, Matosinhos | 500 ⁷⁷ | 0,00 € ⁸ |
| Concerto Maria Schneider & OJM ³⁵ | 21 de Julho de 2011 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 764 | 15,00 € |
| Concerto Maria Schneider & OJM - 8º Cool Jazz Festival | 23 de Julho de 2011 | Parque de Palmela, Cascais | 4.000 ⁷⁷ | 31,50 € ⁷⁸ |
| Concerto Maria Schneider & OJM, Festival das Artes de Coimbra 2011 ⁷⁹ | 24 de Julho de 2011 | Anfiteatro Colina de Camões, Quinta das Lágrimas, Coimbra | 1.201 | 15,00 € |
| Maria João e OJM, 17º Festival Internacional de Jazz de Loulé ⁸⁰ | 28 de Julho de 2011 | Cerca do Convento Espírito Santo, Loulé | 320 | 7,88 € |
| Maria João - "13ème Big Band Jazz Festival de Pertuis" ⁸¹ | 6 de Agosto de 2011 | Pertuis, França | N.D | 10,00 € |
| Concerto Kurt Rosenwinkel | 09 de Agosto de 2011 | Birdland, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷⁷ | 27,05 € ⁸² |
| Concerto Kurt Rosenwinkel | 10 de Agosto de 2011 | Birdland, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷⁷ | 27,05 € ⁸² |
| Concerto Kurt Rosenwinkel | 11 de Agosto de 2011 | Birdland, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷⁷ | 27,05 € ⁸² |
| Concerto Kurt Rosenwinkel | 12 de Agosto de 2011 | Birdland, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷⁷ | 27,05 € ⁸² |
| Concerto Kurt Rosenwinkel | 13 de Agosto de 2011 | Birdland, Nova Iorque, E.U.A. | 200 ⁷⁷ | 27,05 € ⁸² |

| | | | | |
|--|------------------------|--|-------|---------|
| Concerto Uma viagem pelos tempos do Jazz ⁷² | 18 de Agosto de 2011 | Largo do Teatro S. Carlos, Lisboa | 2.000 | 0,00 € |
| Maria João - Projeto de Dinamização/ Programação Cultural da Operação Individual de Regeneração Urbana de Montemor-o-Velho ⁴⁵ | 11 de Setembro de 2011 | Montemor-o-Velho | 1.051 | 0,00 € |
| Concerto Lee Konitz e Orquestra de Jazz de Matosinhos ³⁵ | 13 de Outubro de 2011 | Casa da Música, Sala Suggia, Porto | 419 | 25,00 € |
| Maria João + OJM - DouroJazz ³⁶ | 14 de Outubro de 2011 | Teatro Municipal de Bragança, Bragança | 320 | 7,00 € |
| Maria João + OJM - DouroJazz ³¹ | 15 de Outubro de 2011 | Grande Auditório do Teatro Municipal de Vila Real, Vila Real | 459 | 8,50 € |
| Concerto OJM + Maria João ⁸³ | 21 de Outubro de 2011 | Auditório de Espinho, Espinho | 213 | 10,00 € |
| Concerto Best of “Uma viagem pelos tempos do Jazz” ⁶² | 15 de Novembro de 2011 | Cineteatro Constantino Nery, Matosinhos | 130 | 8,75 € |

¹ Fonte: <http://www.ojm.pt/PT/agenda/proximos-eventos/>

² Preços nominais.

³ Informação facultada pela Câmara Municipal de Viseu (J. A. Morais, comunicação pessoal, 15 de Novembro de 2012).

⁴ Valor em Escudos convertido para Euros. 1 Euros = 200,482 Escudos. Fonte: <http://valpacos.no.sapo.pt/taxas.html>

⁵ Informação facultada pela Fundação de Serralves (A. Conde, comunicação pessoal, 17 de Setembro de 2012).

⁶ Informação facultada pelo B-Flat Jazz Club (nome atual: Villas Jazz Club) (O. Dourado, comunicação pessoal, 18 de Agosto de 2012).

⁷ Informação facultada pela Câmara Municipal de Caminha (N. Lima, comunicação pessoal, 27 de Fevereiro de 2013).

⁸ Informação facultada pela Cerveira Biennial Foundation (A. Torres, comunicação pessoal, 15 de Novembro de 2012).

⁹ Informação facultada pela Sonae Sierra (L. Cruz, comunicação pessoal, 11 de Outubro de 2012).

¹⁰ Informação facultada pela Academia de Música de Espinho (L. Cruz, comunicação pessoal, 6 de Novembro de 2012).

¹¹ Informação facultada pela Câmara Municipal de Matosinhos (H. P. R. Sousa, comunicação pessoal, 11 de Fevereiro de 2013).

¹² Informação facultada pelo Instituto Politécnico de Castelo Branco (A. M. Pereira, comunicação pessoal, 29 de Outubro de 2012).

¹³ Informação facultada pela Sonae Sierra (A. C. Saldanha, comunicação pessoal, 15 de Fevereiro de 2013).

¹⁴ Informação facultada pela Câmara Municipal de Guarda (P. C. Sousa, comunicação pessoal, 9 de Novembro de 2012).

¹⁵ Informação facultada pela Câmara Municipal de Braga (S. Faria, comunicação pessoal, 24 de Outubro de 2012).

¹⁶ Informação facultada pela Câmara Municipal da Trofa (R. Coelho, comunicação pessoal, 11 de Novembro de 2012).

¹⁷ Informação facultada pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra (A. Amaral, comunicação pessoal, 20 de Setembro de 2012).

¹⁸ Informação facultada pela Câmara Municipal de Matosinhos (H. P. R. Sousa, comunicação pessoal, 9 de Novembro de 2012).

-
- ¹⁹ Informação facultada pela Câmara Municipal de Tomar (A. Soares, comunicação pessoal, 31 de Janeiro de 2013).
- ²⁰ Informação facultada pela Câmara Municipal de Loures (A. Amaral, comunicação pessoal, 5 de Fevereiro de 2013).
- ²¹ Informação facultada pela Casa das Artes de Famalicão (A. Santos, comunicação pessoal, 2 de Novembro de 2012).
- ²² Informação facultada pelo Centro Cultural de Belém (M. J. Besteiro, comunicação pessoal, 24 de Outubro de 2012).
- ²³ Informação facultada pela Câmara Municipal de Portimão (P. J. Soares, comunicação pessoal, 7 de Novembro de 2012).
- ²⁴ Informação facultada pela Câmara Municipal de Nazaré (A. Mota, comunicação pessoal, 25 de Setembro de 2012).
- ²⁵ Informação facultada pela Câmara Municipal de Lagos (L. I. P. Ferreira, comunicação pessoal, 1 de Outubro de 2012).
- ²⁶ Informação facultada pelo Teatro Municipal de São Luiz (S. Duarte, comunicação pessoal, 20 de Setembro de 2012).
- ²⁷ Informação facultada pela Casa da Música (A. Campo, comunicação pessoal, 17 de Outubro de 2012).
- ²⁸ Informação facultada pelo Museu do Papel, Paços de Brandão (M. Silva, comunicação pessoal, 9 de Setembro de 2012).
- ²⁹ Informação facultada pela Câmara Municipal de Vila do Conde (F. Mesquita, comunicação pessoal, 21 de Outubro de 2012).
- ³⁰ Informação facultada pela Associação Cultural e Recreativa de Tondela (M. Costa, comunicação pessoal, 5 de Novembro de 2012).
- ³¹ Informação facultada pelo Teatro de Vila Real (R. Araújo, comunicação pessoal, 5 de Outubro de 2012).
- ³² Informação facultada pelo Centro Cultural Vila Flôr (M. Costa, comunicação pessoal, 5 de Novembro de 2012).
- ³³ Informação facultada pela Câmara Municipal de Paredes de Coura (N.D, comunicação pessoal, 5 de Novembro de 2012).
- ³⁴ Informação facultada pelo Teatro Municipal de Bragança (M. Andrade, comunicação pessoal, 3 de Fevereiro de 2013).
- ³⁵ Informação facultada pela Casa da Música (A. Campo, comunicação pessoal, 14 de Outubro de 2012).
- ³⁶ Informação facultada pelo JACC - Jazz ao Centro Clube (J. M. Pereira, comunicação pessoal, 4 de Novembro de 2012).
- ³⁷ Informação facultada pela Câmara Municipal de Moncorvo (L. Teixeira, comunicação pessoal, 6 de Fevereiro de 2013).
- ³⁸ Informação facultada pela Câmara Municipal de Leiria (T. Jordão, comunicação pessoal, 29 de Novembro de 2012).
- ³⁹ Informação facultada pela Câmara Municipal de Matosinhos (H. P. R. Sousa, comunicação pessoal, 14 de Novembro de 2012).
- ⁴⁰ Informação facultada pelo Teatro Virgínia (S. Alexandre, comunicação pessoal, 11 de Dezembro de 2012).
- ⁴¹ Informação facultada pelo Cíneteatro de Alcobaça João D'Oliva Monteiro (A. Santos, comunicação pessoal, 6 de Novembro de 2012).
- ⁴² Informação facultada pela Fundação Culturgest (P. Blázquez, comunicação pessoal, 26 de Outubro de 2012).
- ⁴³ Informação facultada pela Câmara Municipal de Montemor-o-Velho (C. Azevedo, comunicação pessoal, 12 de Fevereiro de 2013).
- ⁴⁴ Informação facultada pelo Teatro Aveirense (F. Arantes, comunicação pessoal, 14 de Novembro de 2012).
- ⁴⁵ Informação facultada pela Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo (A. Alves, comunicação pessoal, 3 de Fevereiro de 2013).
- ⁴⁶ Informação facultada pelo Auditório de Lavra (F. Evangelista, comunicação pessoal, 25 de Outubro de 2012).
- ⁴⁷ Fonte: <http://www.algarve-diario.com/noticia.php?refnoticia=62406>
- ⁴⁸ Informação facultada pela Câmara Municipal de Torres Vedras (C. Vaza, comunicação pessoal, 15 de Novembro de 2012).
- ⁴⁹ Informação facultada pela Câmara Municipal de Viana do Castelo (A. Leal, comunicação pessoal, 14 de Novembro de 2012).

- ⁵⁰ Informação facultada pelo Teatro Rosalía Castro (X. P. R. Domínguez, comunicação pessoal, 1 de Fevereiro de 2013).
- ⁵¹ Fonte: <http://www.orfeodeleiria.com/main.php?link=1546&op=detalhe>
- ⁵² Informação facultada pela Companhia de Teatro da Almada (A.P. Santos, comunicação pessoal, 26 de Novembro de 2012).
- ⁵³ Fonte: <http://www.ojm.pt/PT/agenda/evento/2007/ojm-invites-mark-turner-2007-04-20/>
- ⁵⁴ Informação facultada pela Jazz Gallery (Rio, comunicação pessoal, 11 de Fevereiro de 2013).
Valor em Dólares convertido para Euros. Fonte: <http://www.bportugal.pt/pt-PT/Estatisticas/Dominios%20Estatisticos/EstatisticasCambiais/Paginas/Conversor.aspx>
- ⁵⁵ Fonte: http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CC4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.muzeikcentrum.be%2Ffile.php%3FID%3D6439&ei=WvVNUe-2I4XQ7AbS_4GoCg&usq=AFQjCNHAH8qUH1hSRkhYG1BUB1iKXtbVLg&sig2=sNl6lvnf9K492WkGLgxIgA
- ⁵⁶ Fonte: <http://www.flickr.com/photos/kmlivemusic/sets/72157626237354879/>
- ⁵⁷ Informação facultada pelo Teatro Manzoni (V. Allocchio, comunicação pessoal, 28 de Janeiro de 2013).
- ⁵⁸ Informação facultada pela FNAC (C. Silva, comunicação pessoal, 31 de Janeiro de 2013).
- ⁵⁹ Informação facultada pela Theatro Circo de Braga (R. Santos, comunicação pessoal, 3 de Outubro de 2012).
- ⁶⁰ Informação facultada pela Casa Municipal da Cultura de Seia (M. Branquinho, comunicação pessoal, 4 de Fevereiro de 2013).
- ⁶¹ Informação facultada pela Câmara Municipal de Oeiras (P. Afonso, comunicação pessoal, 23 de Outubro de 2012).
- ⁶² Informação facultada pela Câmara Municipal de Matosinhos (J.F.F. Monteiro, comunicação pessoal, 30 de Outubro de 2012).
- ⁶³ Informação facultada pela Biblioteca Pública Municipal Xosé Neira Vilas (M. A. Nuñez, comunicação pessoal, 31 de Janeiro de 2013).
- ⁶⁴ Relatório de Atividades - DGArtes 2009.
- ⁶⁵ Informação facultada pela Câmara Municipal de Matosinhos (H. P. R. Sousa, comunicação pessoal, 12 de Novembro de 2012).
- ⁶⁶ Fonte: <http://www.presstur.com/site/news.asp?news=20293>
- ⁶⁷ Informação facultada pelo Hotel Real de Santa Eulália (N. Salvador, comunicação pessoal, 21 de Setembro de 2012).
- ⁶⁸ Informação facultada pela Câmara Municipal de Ovar (A.P. Reis, comunicação pessoal, 21 de Setembro de 2012).
- ⁶⁹ Informação facultada pela Câmara Municipal de Estarreja (F. Alçada, comunicação pessoal, 25 de Outubro de 2012).
- ⁷⁰ Informação facultada pela Câmara Municipal de Águeda (A. S. C. Mesquita, comunicação pessoal, 12 de Novembro de 2012).
- ⁷¹ Relatório de Atividades - DGArtes 2010.
- ⁷² Informação facultada pela Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (P. Moreira, comunicação pessoal, 31 de Outubro de 2012).
- ⁷³ Fonte: <http://www.svhamstra.com/L110100Hotline/L110707.shtml>
Valor em Dólares convertido para Euros. Fonte: <http://www.bportugal.pt/pt-PT/Estatisticas/Dominios%20Estatisticos/EstatisticasCambiais/Paginas/Conversor.aspx>
- ⁷⁴ Fonte: <http://remarkablebostonevents.blogspot.pt/2010/07/save-date-berklee-beantown-jazz.html>
Valor em Dólares convertido para Euros. Fonte: <http://www.bportugal.pt/pt-PT/Estatisticas/Dominios%20Estatisticos/EstatisticasCambiais/Paginas/Conversor.aspx>
- ⁷⁵ Informação facultada pela Associação Porta-Jazz (C. Eurico, comunicação pessoal, 31 de Outubro de 2012).
- ⁷⁶ Fonte: <http://www.orfeodeleiria.com/main.php?link=1546&op=detalhe>
- ⁷⁷ Relatório de Atividades - DGArtes 2011.
- ⁷⁸ Fonte: <http://www.ojm.pt/PT/agenda/evento/2007/ojm-invites-mark-turner-2007-04-20/>
- ⁷⁹ Informação facultada pela Fundação Inês de Castro (T. Costa, comunicação pessoal, 25 de Outubro de 2012).
- ⁸⁰ Informação facultada pela Casa de Cultura de Loulé (E. Pelica, comunicação pessoal, 31 de Janeiro de 2013).
- ⁸¹ Fonte: <http://festival-bigband-pertuis.com/index.php/component/content/article/29/110>
- ⁸² Fonte: <http://www.birdlandjazz.com/event/48011/>

Valor em Dólares convertido para Euros. Fonte: <http://www.bportugal.pt/pt-PT/Estatisticas/Dominios%20Estatisticos/EstatisticasCambiais/Paginas/Conversor.aspx>

⁸³ Informação facultada pelo Auditório de Espinho (A. Gomes, comunicação pessoal, 19 de Setembro de 2012).

5. OJM - distribuição das receitas por promotores e atividades²¹⁹

| | Valores Reais (Preços de 2011) | | | | | | | | | | | | Euros |
|-------------------------|--------------------------------|---------------|---------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| | 1999 | 2000 | 2001 ²²⁰ | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| CMM | | | | | | | | | | | | | |
| Concertos/ Espetáculos | 33.857 | 27.651 | 31.540 | 36.620 | 41.391 | 40.435 | 54.218 | 52.584 | 94.096 | 122.990 | 197.600 | 194.867 | 163.184 |
| O Jazz vai à Escola | 0 | 11.850 | 0 | 0 | 0 | 0 | 13.555 | 13.146 | 12.831 | 12.507 | 12.613 | 12.438 | 10.250 |
| Outros Projetos | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 26.566 |
| Total | 33.857 | 39.501 | 31.540 | 36.620 | 41.391 | 40.435 | 67.773 | 65.731 | 106.927 | 135.498 | 210.213 | 207.305 | 200.000 |
| DGArtes | | | | | | | | | | | | | |
| Concertos/ Espetáculos | 0 | 0 | 28.386 | 0 | 59.130 | 34.658 | 56.477 | 65.731 | 74.849 | 41.692 | 23.334 | 59.136 | 44.871 |
| Produção Cds / DVDs | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 23.106 | 22.591 | 10.955 | 0 | 0 | 47.298 | 10.519 | 0 |
| Outros Projetos | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 6.873 |
| Total | 0 | 0 | 28.386 | 0 | 59.130 | 57.764 | 79.068 | 76.686 | 74.849 | 41.692 | 70.632 | 69.655 | 51.744 |
| Outras Entidades | | | | | | | | | | | | | |
| Concertos/ Espetáculos | 0 | 32.918 | 67.071 | 62.014 | 24.930 | 17.752 | 42.493 | 44.753 | 68.587 | 150.430 | 101.676 | 72.846 | 118.805 |
| Produção Cds / DVDs | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 10.955 | 0 | 0 | 0 | 10.212 | 0 |
| Total | 0 | 32.918 | 67.071 | 62.014 | 24.930 | 17.752 | 42.493 | 55.708 | 68.587 | 150.430 | 101.676 | 83.058 | 118.805 |

²¹⁹ Estimativa da repartição das receitas (análise privada) com base na informação facultada pela OJM (J. Coelho, comunicação pessoal, 28 de Março de 2012).

²²⁰ Destaque para a participação da OJM no evento “Porto 2011 – Capital Europeia da Cultura” (OJM, n.d.).

6. Taxas

| Auxiliar – Preços-sombra | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|--|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| u - Taxa de Desemprego ²²¹ | 5,0% | 4,5% | 4,6% | 5,7% | 7,1% | 7,5% | 8,6% | 8,6% | 8,9% | 8,5% | 10,6% | 12,0% | 12,9% |
| t - Remunerações do pessoal ²²² | - | - | - | - | - | - | - | - | 15,5% | 14,0% | 14,0% | 15,0% | 15,0% |
| t - Honorários Elementos de Estrutura ²²³ | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 11,0% | 21,0% | 23,0% | 25,0% |
| t - Honorários Membros da Orquestra ²²⁴ | 26,0% | 26,0% | 26,0% | 26,0% | 26,0% | 26,0% | 26,0% | 26,0% | 26,0% | 26,0% | 26,0% | 26,0% | 26,0% |
| IVA - Taxa normal ²²⁵ | 17% | 17% | 19% | 19% | 19% | 21% | 21% | 21% | 20% | 20% | 21% | 23% | 23% |

²²¹ (Eurostat, 2013).

²²² Para cada ano considera-se: 11% de contribuições para a Segurança Social a cargo do trabalhador (ISS, 2012) e a taxa de IRS apropriada ao escalão de rendimento (TA, 2013).

²²³ Consultar nota 150.

²²⁴ Para cada ano considera-se: 11% de contribuições para a Segurança Social a cargo do trabalhador (ISS, 2012) e a 15% de taxa de IRS.

²²⁵ (AT, n.d.).

| Deflatores (2011=100) | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 |
|---|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| IPC de Bens e Serviços Culturais - Cultura - Cinema, teatro, concertos e similares ²²⁶ | 70,96 | 74,75 | 78,04 | 84,51 | 86,10 | 90,31 | 92,52 | 93,65 | 95,04 | 98,02 | 99,77 | 97,21 | 100,00 | 102,84 |
| IPC - Total ²²⁷ | 70,96 | 74,75 | 78,04 | 84,51 | 86,10 | 90,31 | 92,52 | 93,65 | 95,04 | 98,02 | 99,77 | 97,21 | 100,00 | 102,84 |

| Taxas de Desconto | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 |
|--|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Análise Privada Taxa de Juro de OT de Portugal com maturidades de 10 anos ²²⁸ - taxa nominal | 5,46% | 5,28% | 5,01% | 4,45% | 4,40% | 3,64% | 3,46% | 3,96% | 4,47% | 4,00% | 3,91% | 6,53% | 13,08% | 7,25% |
| Análise Social Taxa Real de Desconto - Países elegíveis para o Fundo de Coesão ²²⁹ - taxa real | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% |

²²⁶ Valores obtidos apartir do IPC (2008 =100) (INE, 2013).

²²⁷ Valores obtidos apartir do IPC (2008 =100) (INE, 2013).

²²⁸ (BP, 2013).

²²⁹ (CE, 2006).

7. Preços de atividades para crianças e jovens²³⁰

| Atividades | 2012 | Notas |
|--|--------|---|
| Visita ao Visionário em Santa Maria da Feira + Laboratório ²³¹ | 7,00 € | Visita Escolar, Preço por bilhete |
| Visita ao Zoo de Santo Inácio, Vila Nova de Gaia ²³² | 6,00 € | Visita Escolar, Preço por bilhete, aluno 2º ciclo |
| Visita teatralizada ao Museu da Quinta de Santo Inácio (em VNG) + Ateliê no espaço Irene Vilar ao Museu ²³³ | 4,50 € | Preço por bilhete |
| Sessão de Cinema, Norteshopping, Matosinhos | 5,30 € | Preço por bilhete (bilhete de estudante) |
| Musical “A Pequena Sereia”, Teatro Sá da Bandeira, Porto ²³⁴ | 6,00 € | Preço por Bilhete, lugar 1º Balcão ou Tribuna |
| Oficinas Criativas no Teatro Nacional de São João, Porto ²³⁵ | 5,00 € | Preço por bilhete |
| Visita ao Zoo da Maia ²³⁶ | 5,00 € | Visita Escolar, Preço por bilhete |

Média 5,54 €

²³⁰ Preços nominais.

²³¹ Fonte: <http://www.visionarium.pt/Preos.html>

²³² Fonte: http://www.zoosantoinacio.com/public/pdfs/zoosantoinacio_escolas.pdf

²³³ Fonte: <http://www.moo.pt/cinema/cinema.php?id=4869>

²³⁴ Fonte: http://www.bilheteiraonline.pt/Comprar/Bilhetes/10728-quack_o_musical-teatro_sa_da_bandeira/

²³⁵ Fonte: <http://escape.sapo.pt/divertir/escolha-escape/roteiro-miudos-imaginacao-chave-6080313>

²³⁶ Fonte: <http://novo.zoodamaia.pt/index.php/informacoes>

8. Análise social - questionário – concertos

i. Formulário

Questionário (Questionnaire)

Exmos Senhores, sou estudante do Mestrado em Economia da Universidade Católica Portuguesa e realizo este questionário no âmbito do meu trabalho final, cujo objetivo é identificar, medir e comparar os benefícios e os custos da Orquestra de Jazz de Matosinhos (OJM). Trata-se de um passo fundamental para a concretização do estudo. Muito obrigada pela V/ disponibilidade e colaboração.
 / Dear all, I am a student of Master in Economics from Portuguese Catholic University and this questionnaire is a part of my dissertation, whose goal is to identify, measure and compare the social benefits and costs of Orquestra de Jazz de Matosinhos (OJM). This is a key step to achieve my goals. Thank you for your contribute.
 Susana Matos

1. Idade/ Age: _____
 2. Sexo/ Gender: F M
 3. Nacionalidade/ Nationality: _____

4. Residente em/ Resident in:
 Portugal
 Concelho/ County: _____
 Estrangeiro/Abroad
 País/ Country: _____

5. Habilitações literárias/ Qualifications
 Sem escolaridade/ Without schooling
 Ensino básico - 1ºCiclo/ Primary school
 Ensino básico - 2ºCiclo/ Middle school – Key Stage 2
 Ensino básico - 3º Ciclo Middle school – Key Stage 3
 Ensino Secundário/ High school/ College
 Bacharelato/Licenciatura/ Undergraduated /Academic degree
 Pós-graduação/Mestrado/ Posgraduate studies/ Master degree
 Doutoramento/ PhD

6. Situação profissional/ Professional status:
 Empregado/a/ Employed
 Desempregado/a/ Unemployed
 Reformado/a/ Retired
 Outra/ Other: _____

7. Número de pessoas do seu agregado familiar / Number of people in your household _____

8. Qual é, aproximadamente, o rendimento mensal líquido do seu agregado familiar? / How much is the net income of your household per month, approximately?
 0 - 1
 1 - 2
 2 - 4
 4 - 8
 +8

0€ - 500€
 501€ - 1000€
 1001€ - 1500€
 1501€ - 2000€
 2001€ - 3000€
 3001€ - 4000€
 4001€ - 6000€
 6001€ - 8000€
 +8000€

9. Gosta de música Jazz?/ Do you like Jazz Music?
 Sim/Yes
 Não/No
 Não sabe/ Don't know

10. Já conhecia a OJM?/ Did you already know OJM?
 Sim/Yes
 Não/No
 Não sabe/ Don't know

11. É o 1º concerto da OJM que frequenta? / Is this the first concert of OJM that you attend to?
 Sim/Yes
 Não/No
 Não sabe/ Don't know

12. A quantos concertos de música Jazz assiste, em média, por ano? / How many jazz music concerts on average do you attend each year?
 0 - 1
 1 - 2
 2 - 4
 4 - 8
 +8

13. Qual o valor máximo que está disposto a pagar por 1 bilhete de concerto da OJM? Tendo em conta a lista seguinte, coloque o "X" no quadrado correspondente à quantia que se aproxima da sua resposta. Nota: valor por bilhete individual.
 / What is the maximum amount that you are willing to pay for 1 ticket to a concert of OJM? Given the following list, write "X" on the box corresponding to the amount that approximates your answer. Note: value per individual ticket.

0€
 2,5€
 5€
 7,5€
 10€
 12,5€
 15€
 17,5€
 20€
 25€
 30€
 35€
 40€
 45€
 50€
 60€
 70€
 80€
 90€
 100€
 + 100€ _____ (€).

Se colocou o "X" na última opção, poderia referir o valor máximo que está disposto a pagar?/ If you wrote "X" in the last option, could you tell the maximum value that you are willing to pay?

Muito Obrigada/ Thank you very much.

ii. Disponibilidade a pagar²³⁷

| Montante (Euros) | Número de Respostas Acumuladas | Percentagem acumulada |
|----------------------|--------------------------------|-----------------------|
| 0,00 | 1 | 0,74% |
| 5,00 | 7 | 5,15% |
| 7,50 | 23 | 16,91% |
| 10,00 | 64 | 47,06% |
| 12,50 | 75 | 55,15% |
| 15,00 | 96 | 70,59% |
| 17,50 | 97 | 71,32% |
| 19,78 ²³⁸ | 97 | 71,32% |
| 20,00 | 114 | 83,82% |
| 25,00 | 120 | 88,24% |
| 30,00 | 126 | 92,65% |
| 35,00 | 128 | 94,12% |
| 40,00 | 130 | 95,59% |
| 50,00 | 134 | 98,53% |
| 60,00 | 135 | 99,26% |
| 150,00 | 136 | 100,00% |

²³⁷ Valores nominais de 2012.

²³⁸ Preço médio dos bilhetes vendidos, em 2011, em espetáculos ao vivo de Jazz/Blues realizados em Portugal, divulgado pelo INE (2012) e atualizado para 2012 com base no IPC de Bens e Serviços Culturais - Cultura - Cinema, teatro, concertos e similares (*Idem*). Consultar o Apêndice 6 - Taxas.

iii. Situação profissional

| Situação profissional | Número de Respostas | Percentagem |
|--|----------------------------|--------------------|
| Empregado/a | 83 | 61,03% |
| Desempregado/a | 15 | 11,03% |
| Reformado/a | 17 | 12,50% |
| Outra - Estudante/ Investigação | 10 | 7,35% |
| Outra - Profissional Liberal/ Empresário | 3 | 2,21% |
| Outra - N.D. | 8 | 5,88% |

9. Análise social - fatores de conversão

Análise Social - *in media res*

| Receitas | Média dos Fatores de Conversão **** | Notas |
|-----------------------------|--|--|
| CMM | 0,000 | Não considerar os subsídios da Câmara Municipal de Matosinhos. Do ponto de vista social, constituem uma transferência e não um fluxo de caixa**. |
| DGArtes | 0,000 | Não considerar os subsídios da Direção Geral de Artes. Do ponto de vista social, constituem uma transferência e não um fluxo de caixa**. |
| Outras Entidades (privadas) | 0,000 | Não considerar os ganhos de Outras Entidades Privadas de forma evitar dupla contabilização dos benefícios económicos. |

| Custos Intermédios | Média dos Fatores de Conversão **** | Notas |
|------------------------------------|--|--|
| Músicos convidados | 1,000 | Considera-se que os honorários dos músicos convidados são iguais aos preços de mercado. |
| Alugueres - equipamentos | 0,833 | Considera-se que os custos de alugueres de equipamentos são iguais aos preços de mercado. Adicionalmente, retira-se o IVA não dedutível que foi contabilizado como custo na análise privada**. |
| Alugueres - viaturas | 0,833 | Considera-se que os custos de aluguer de viaturas são iguais aos preços de mercado. Adicionalmente, retira-se o IVA não dedutível que é contabilizado como custo na análise privada**. |
| Trabalhos especializados | 0,977 | Considera-se que os custos dos trabalhos especializados devem ser ajustados pela taxa de desemprego*. Adicionalmente, retira-se o IVA não dedutível que é contabilizado como custo na análise privada**. |
| Outros Honorários - Excluí músicos | 0,972 | Considera-se que os outros honorários são iguais aos preços de mercado. Adicionalmente, retira-se o IVA não dedutível que é contabilizado como custo na análise privada**. |

| | | |
|---|-------|--|
| Publicidade e propaganda | 0,833 | Considera-se que os custos da publicidade e propaganda são iguais aos preços de mercado. Adicionalmente, retira-se o IVA não dedutível que é contabilizado como custo na análise privada**. |
| Vigilância e segurança | 0,833 | Considera-se que os custos de vigilância e segurança são iguais aos preços de mercado. Adicionalmente, retira-se o IVA não dedutível que é contabilizado como custo na análise privada**. |
| Conservação e reparação | 0,833 | Considera-se que os custos de conservação e reparação são iguais aos preços de mercado. Adicionalmente, retira-se o IVA não dedutível que é contabilizado como custo na análise privada**. |
| Ferramentas e utensílios de desgaste rápido | 0,833 | Considera-se que os custos de ferramentas e utensílios são iguais aos preços de mercado. Adicionalmente, retira-se o IVA não dedutível que é contabilizado como custo na análise privada**. |
| Livros e documentação técnica | 0,833 | Considera-se que os custos de livros e documentação técnica são iguais aos preços de mercado. Adicionalmente, retira-se o IVA não dedutível que é contabilizado como custo na análise privada**. |
| Material de escritório | 0,833 | Considera-se que os custos de material de escritório são iguais aos preços de mercado. Adicionalmente, retira-se o IVA não dedutível que é contabilizado como custo na análise privada**. |
| Artigos para oferta | 0,833 | Considera-se que os custos de artigos para oferta são iguais aos preços de mercado. Adicionalmente, retira-se o IVA não dedutível que é contabilizado como custo na análise privada**. |
| Material informático | 1,000 | Considera-se que os custos de material informático são iguais aos preços de mercado. |
| Viagens, deslocamentos e estadas | 0,833 | Considera-se que os custos das viagens, deslocamentos e estadas são iguais aos preços de mercado. Adicionalmente, retira-se o IVA não dedutível que é contabilizado como custo na análise privada**. |
| Comunicação | 0,838 | Considera-se que os custos de comunicação são iguais aos preços de mercado. Adicionalmente, retira-se o IVA não dedutível que é contabilizado como custo na análise privada**. |
| Contencioso e Notariado | 1,000 | Não é necessário fazer-se ajustamentos. |
| Custas de Tribunal | 1,000 | Não é necessário fazer-se ajustamentos. |

| | | |
|--------------------------------|-------|---|
| Outros serviços especializados | 1,000 | Não é necessário fazer-se ajustamentos. |
| Outros serviços | 0,942 | Considera-se que os custos de outros serviços são iguais aos preços de mercado. Adicionalmente, retira-se o IVA não dedutível que é contabilizado como custo na análise privada**. |
| Correções | 0,731 | Perdas - Retira-se o IVA não dedutível que é contabilizado como custo na análise privada**. Não considerar as Multas fiscais**. Não considerar os Impostos**. Receitas - Não é necessário fazer-se ajustamentos nas correções de rendimentos. |

| Depreciações | Média dos Fatores de Conversão **** | Notas |
|-------------------------|--|---|
| Depreciações do Período | 1,000 | Não é necessário fazer-se ajustamentos. |

| Salários | Média dos Fatores de Conversão **** | Notas |
|---|--|--|
| Custos com Pessoal | 0,616 | Cálculo dos Salários-sombra*. Outras rúbricas - Não considerar as contribuições para a Segurança Social a cargo da Associação**. Considera-se que os custos dos seguros de acidentes de trabalho são iguais aos preços de mercado. |
| Honorários – membros da orquestra – componente fixa | 0,681 | Salário Sombra - Considera-se que os honorários devem ser ajustados pela taxa de desemprego*. Adicionalmente, retira-se o valor do IRS e das Contribuições para a Segurança Social a cargo do trabalhador. |
| Honorários - outros elementos estrutura | 0,713 | Neste caso, por se tratarem de serviços culturais, os honorários dos músicos são isentos de IVA***, pelo que não há correções fiscais. |

| Rendas | Média dos Fatores de Conversão **** | Notas |
|---------------|--|--|
| Rendas | 5,774 | Considera-se que as rendas contabilizadas na análise privada são iguais aos preços de mercado. Adicionalmente, calculam-se as rendas não incluídas na análise privada |

| Outros | Média dos Fatores de Conversão **** | Média dos Fatores de Conversão **** |
|----------------------------|--|---|
| Imposto sobre o rendimento | 0,000 | Não considerar os impostos sobre o rendimento. Do ponto de vista social, constituem uma transferência e não um fluxo de caixa***. |

Notas:

* **Dos preços do mercado aos preços-sombra:** $SWR = W * (1 - u) * (1 - t)$

SW - Salário-sombra.

W - Salário do mercado (Nota: assume-se que é igual ao salário da análise privada).

u - Taxa de desemprego

t –Taxa de imposto suportada pelos trabalhadores (Inclui contribuições para a Segurança Social e ainda e IRS) **.

****Correções fiscais:** Do ponto de vista social, as contribuições para a Segurança Social (a cargo da OJM), o IVA, o IRS e outros impostos constituem transferências e não um fluxo de caixa.

*****IVA - Isenções a destacar - CAPÍTULO II - Isenções, SECCÃO I - Isenções nas operações internas, Artigo 9.º - Isenções nas operações internas**

“Estão isentas do imposto: (...)

8) As prestações de serviços efetuadas por organismos sem finalidade lucrativa que explorem estabelecimentos ou instalações destinados à prática de atividades artísticas, desportivas, recreativas e de educação física a pessoas que pratiquem essas atividades; (...)

12) As locações de livros e outras publicações, partituras musicais, discos, bandas magnéticas e outros suportes de cultura e, em geral, as prestações de serviços e transmissões de bens com aquelas estreitamente conexas, desde que efetuadas por organismos sem finalidade lucrativa; (...)

14) As prestações de serviços e as transmissões de bens com elas conexas, efetuadas por pessoas coletivas de direito público e organismos sem finalidade lucrativa, relativas a congressos, colóquios, conferências, seminários, cursos e manifestações análogas de natureza científica, cultural, educativa ou técnica; (...)

15) As prestações de serviços efetuadas aos respetivos promotores:
a) Por atores, chefes de orquestra, músicos e outros artistas, atuando quer individualmente quer integrados em conjuntos, para a execução de espetáculos teatrais, cinematográficos, coreográficos, musicais, de music-hall, de circo e outros, para a realização de filmes, e para a edição de discos e de outros suportes de som ou imagem; (...)

16) A transmissão do direito de autor e a autorização para a utilização da obra intelectual, definidas no Código de Direito de Autor, quando efetuadas pelos próprios autores, seus herdeiros ou legatários, ou ainda por terceiros, por conta deles, salvo quando o autor for pessoa coletiva; (Redação dada pelo artigo 119.º da Lei n.º 64-B/2011, de 30 de Dezembro); (...)

20) As transmissões de bens e as prestações de serviços efetuadas por entidades cujas atividades habituais se encontram isentas nos termos dos nos 2), 6), 7), 8), 9), 10), 12), 13), 14) e 19) deste artigo, aquando de manifestações ocasionais destinadas à angariação de fundos em seu proveito exclusivo, desde que esta

isenção não provoque distorções de concorrência; (...)

27 *) As operações seguintes:

e) As operações, compreendendo a negociação, relativas a depósitos de fundos, contas correntes, pagamentos, transferências, recebimentos, cheques, efeitos de comércio e afins, com exceção das operações de simples cobrança de dívidas; (...)

29 *) A locação de bens imóveis.

35 *) As prestações de serviços a seguir indicadas quando levadas a cabo por organismos sem finalidade lucrativa que sejam associações de cultura e recreio:

- a) Cedência de bandas de música;
- b) Sessões de teatro;
- c) Ensino de ballet e de música; (...)

* - O teor dos números 27 a 37 resulta da Declaração de Rectificação número 44-A/2008, de 13/08”

***Quando não existem correções de mercado, fiscais, etc. ---> FC = 1.

10. Análise social – excedente do consumidor²³⁹

| Análise Social - in media res | | | | | | | | | | | | | |
|--|--------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|----------------|---------------|----------------|---------------|---------------|
| Concertos | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Ponto de Equilíbrio | | | | | | | | | | | | | |
| Total - N° Bilhetes | 5.716 | 6.030 | 7.212 | 4.595 | 5.307 | 3.691 | 3.926 | 7.732 | 33.327 | 8.129 | 22.831 | 15.297 | 18.311 |
| Preço médio (bilhete individual) | 16,8 | 6,1 | 5,6 | 5,0 | 5,9 | 5,7 | 6,3 | 6,2 | 3,6 | 7,3 | 4,7 | 15,5 | 14,3 |
| Preços de Mercado | | | | | | | | | | | | | |
| Total - N° Bilhetes | 1.639 | 1.729 | 2.068 | 1.318 | 1.522 | 1.059 | 1.126 | 2.217 | 9.557 | 2.331 | 6.547 | 4.387 | 5.251 |
| Preço médio (bilhete individual) | 19,2 | 19,2 | 19,2 | 19,2 | 19,2 | 19,2 | 19,2 | 19,2 | 19,2 | 19,2 | 19,2 | 19,2 | 19,2 |
| Excedente do Consumidor - Concertos | 9.543 | 55.458 | 69.005 | 45.776 | 49.522 | 34.955 | 35.663 | 70.851 | 364.415 | 68.191 | 232.444 | 40.408 | 63.520 |
| Receitas - Bilheteiras | 96.310 | 36.856 | 40.254 | 23.070 | 31.411 | 21.125 | 24.634 | 47.621 | 121.084 | 59.062 | 107.482 | 236.532 | 261.519 |
| | | | | | | | | | | | | | |
| Análise Social - in media res | | | | | | | | | | | | | |
| O Jazz vai à Escola | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Ponto de Equilíbrio | | | | | | | | | | | | | |
| Total - N° Alunos | 0 | 2.600 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2.600 | 2.600 | 2.600 | 2.600 | 2.600 | 2.600 | 2.600 |
| Preço médio (bilhete individual) | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 | 0,0 |
| Ordenada na Origem | | | | | | | | | | | | | |
| Total - N° Alunos | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Preço médio (bilhete individual) | 5,4 | 5,4 | 5,4 | 5,4 | 5,4 | 5,4 | 5,4 | 5,4 | 5,4 | 5,4 | 5,4 | 5,4 | 5,4 |
| Excedente do Consumidor - O Jazz vai à Escola | 0 | 7.007 | 0 | 0 | 0 | 0 | 7.007 | 7.007 | 7.007 | 7.007 | 7.007 | 7.007 | 7.007 |
| Receitas - Bilheteiras | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |

²³⁹ **Concertos – Ponto de Equilíbrio.** Total – Número Bilhetes e Preço médio (bilhete individual): consultar o Apêndice 4 - OJM - concertos.

Concertos – Preço de Mercado. Total Número de Bilhetes de acordo com o preço médio dos bilhetes vendidos em espetáculos ao vivo de Jazz/Blues realizados em Portugal, divulgado pelo INE (2012).

O Jazz vai à Escola – Ponto de Equilíbrio. Total – Número Bilhetes e Preço médio (bilhete individual): informação facultada pela OJM (J. Coelho, comunicação pessoal, 28 de Março de 2012). Note-se que não há registos históricos, pelo que se trata de uma estimativa.

O Jazz vai à Escola – Ordenada na Origem. Consultar o Apêndice 7 - Preços de atividades para crianças e jovens.

11. Análise social – rendas²⁴⁰

| Análise Social - in média res | | | | | | | | | | | | | |
|---|----------|----------|----------|----------|----------|-----------|------------|------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Rendas | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
| Rendas - Restantes espaços | | | | | | | | | | | | | |
| Rendas - espaços | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 43 | 386 | 370 | 1.535 | 363 | 4.144 | 1.151 | 472 |
| Sede OJM | | | | | | | | | | | | | |
| Renda anual - Custo de Oportunidade | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Casa da Música | | | | | | | | | | | | | |
| Nº Concertos - Casa da Música | - | - | - | - | - | - | - | - | 4 | 4 | 3 | 3 | 3 |
| Ensaios semanais | - | - | - | - | - | - | - | - | 47 | 47 | 47 | 47 | 47 |
| Ensaios - Nº Total | - | - | - | - | - | - | - | - | 59 | 59 | 56 | 56 | 56 |
| Valor/ dia (preço praticado a outras entidades) | - | - | - | - | - | - | - | - | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |
| Renda anual - Custo de Oportunidade | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5.900 | 5.900 | 5.600 | 5.600 | 5.600 |
| Total | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 43 | 386 | 370 | 7.435 | 6.263 | 9.744 | 6.751 | 6.072 |

²⁴⁰ **Rendas – restantes espaços** – valores das rendas registados na análise privada.

Sede OJM - Qualquer alternativa de uso desse espaço excluiria a sua venda ou arrendamento (H. Sousa, comunicação pessoal, 12 de Novembro de 2012). Por este motivo, não se considera nenhum valor.

Casa da Música. Número de Concertos – 4 – OJM – concertos. Número total de ensaios calculado com base na informação facultada pela OJM (J. Coelho, comunicação pessoal, 25de Junho de 2012).

12. Valor total de um bem – aplicação aos concertos da OJM

Em algumas situações, as pessoas estão dispostas a pagar pela existência de determinados bens, ainda que elas próprias não sejam consumidoras dos mesmos (Boardman & Greenberg, et al., 2011). Nestes casos, a sua disponibilidade total a pagar é superior à disponibilidade a pagar pelo valor de uso desses bens e serviços, porque os benefícios a estes associados não se esgotam no seu consumo. Portanto, podemos dividir o valor total de um bem ou serviço em duas componentes: valor de uso ou de consumo ativo e valor de não uso ou de consumo passivo.

O valor de uso tem a ver com a quantidade consumida e, por sua vez, pode ser desagregado em 3 componentes. A 1ª está associada aos bens que apresentam rivalidade no consumo: como nestes casos verifica-se quase sempre a existência de mercados, é a categoria mais fácil de medir através da estimativa do excedente do consumidor (*Idem*).

As outras categorias estão associadas aos bens que não apresentam rivalidade no consumo: como nestes casos não existem preços de mercado, a mensuração destes benefícios é mais difícil, e passa geralmente por estimar o custo e o tempo que as pessoas estão dispostas a despendar para obter o seu consumo, seja pelo seu uso direto – 2ª componente – ou indireto – 3ª componente (*Idem*).

O valor de não uso, por sua vez, está relacionado com a motivação dos indivíduos, podendo haver 4 tipos de motivação ou valores distintos (*Idem*).

Começamos pelo valor de opção que se define como a disponibilidade que as pessoas estão dispostas a pagar para manter a opção de uso, ativo ou passivo, de determinado bem ou serviço (*Idem*). Valoriza-se não o uso mas (sim) a possibilidade de usar.

Os restantes tipos de motivação têm a ver com a existência de um bem. O 1º é o valor de existência puro: as pessoas acreditam que determinados bens têm determinado valores intrínsecos, independentemente do seu uso (*Idem*).

O 2º é valor de existência altruísta intra-geracional: verifica-se quando existe, em algumas pessoas, uma motivação paternalista de preservar determinados bens ou serviços, não para aumentar o seu consumo pessoal, mas sim para que os outros possam fazê-lo (*Idem*). Quando esse altruísmo está associado às gerações futuras, designa-se valor altruísta inter-geracional (*Idem*) ou ainda valor de transmissão ou de legado (Cruz, 2006).

No caso do bem cultural, Cruz (2006) identifica ainda outros tipos de valor. Assim, se o bem cultural poder vir a apoiar o desenvolvimento do pensamento criativo da sociedade, então incorpora o valor de inovação. Se o bem contribuir para inserir o indivíduo na sociedade ou na cultura de determinados grupos, então trata-se de um bem de mérito. E se o bem contemplar efeitos positivos e/ou negativos para terceiros, os quais não estão refletidos nos preços, então contém o valor dos efeitos externos ou externalidades.

Claro que estes tipos de valores podem já estar incluídos nas motivações dos indivíduos (altruísmo). Na verdade, as fronteiras entre cada um destes tipos de valores sobrepõem-se.

Também os benefícios da OJM podem ser desagregados de acordo com estas terminologias. Deste modo, segue-se o esquema que identifica os diferentes valores associados aos concertos da orquestra.

i. Concertos da OJM

| | | | | |
|--|-------------------------------------|--|---|--|
| Valor de Uso ou Consumo Ativo | Existe rivalidade no consumo | | - Variação do excedente do consumidor (variações nos preços dos bilhetes e das quantidades consumidas) ²⁴¹ . | |
| | Sem rivalidade no consumo | Uso direto | | |
| | | Uso indireto | - Benefícios daqueles que assistem a gravações dos concertos da OJM, sejam estas oficiais ou não (vídeos, CDs/ DVDs, etc.) | |
| Valor de Não Uso ou Consumo Passivo | Valor de Opção | | - Disponibilidade a pagar pelo direito de se optar assistir aos concertos da OJM no futuro (tanto por aqueles que já assistiram aos mesmos, como pelos que não ainda não assistiram). | |
| | Valor de Existência | Valor de Existência Puro | - Valor intrínseco dos concertos da OJM e das composições e dos arranjos originais criados para esse efeito. | |
| | | | - Prazer sentido pela população de Matosinhos em viver num concelho que prove a música <i>Jazz</i> e que proporciona concertos a preços simbólicos (para o consumidor final). | |
| | | | - Descentralização das atividades artísticas (dado que a maioria dos concertos são realizados nas área metropolitana do Porto) ²⁴² . | |
| | Altruísta | Intra-geracional | - Disponibilidade a pagar para que a população portuguesa possa, atualmente, assistir aos concertos da OJM. | |
| Inter-geracional | | - Disponibilidade a pagar para que as gerações futuras portuguesas possam assistir aos concertos da OJM. - Passagem inter-geracional das tradições culturais ²⁴⁴ | | |

²⁴¹ É razoável assumir que, mesmo nos concertos de entrada livre, a partir de determinado número de espectadores existe congestionamento (rivalidade no consumo). Ainda assim, no esquema consideram-se ambas as possibilidades: com e sem rivalidade no consumo.

²⁴² Prioridades associadas à política cultural portuguesa, de acordo com estudo realizado pela EU (PE, 2006).

²⁴³ Prioridades associadas à política cultural portuguesa, de acordo com estudo realizado pela EU (PE, 2006).

²⁴⁴ Prioridades associadas à política cultural portuguesa, de acordo com estudo realizado pela EU (PE, 2006).

| | | |
|-----------------------|-----------------------------------|--|
| Outros Valores | Valor de Inovação | - Desenvolvimento do pensamento criativo e dos gostos dos portugueses. |
| | Valor de Mérito | - Inserção na cultura do <i>jazz</i> . |
| | Valor dos Efeitos Externos | - Promoção da imagem nacional de Portugal através dos concertos ²⁴⁵ . |

Seguem-se ainda algumas considerações.

Em 1º lugar, alguns dos benefícios identificados em cima estão linha com prioridades associadas à política cultural portuguesa e já identificadas (PE, 2006).

Em 2º lugar, para Boardman & Greenberg, et al (2011), os valores de existência e altruísta dos bens culturais estão especialmente relacionados, isto é, a motivação altruísta baseia-se na convicção do valor intrínseco dos bens e, por conseguinte no desejo de partilhá-los com os outros, para que também estes possam usufruir de experiências enriquecedoras. É razoável assumir que é o caso dos concertos da OJM.

Além disso, no que respeita aos restantes bens e serviços da OJM, é relevante destacar no caso da atividade “O Jazz vai à Escola”:

- o valor de mérito - acesso à cultura pelos alunos do concelho de Matosinhos.
- o valor inovação - desenvolvimento do pensamento criativo dos alunos do concelho de Matosinhos.

A inclusão de todos estes benefícios na metodologia ACB é um desafio e levanta algumas questões importantes:

- Com efeito, não existe uma definição consensual nem uma fronteira clara entre valor de uso e de não uso. Por exemplo, o valor de opção de um bem está associado a um possível consumo do mesmo no futuro.

²⁴⁵ Prioridades associadas à política cultural portuguesa, de acordo com estudo realizado pela EU (PE, 2006).

- Por outro lado, a inclusão dos valores de não uso na metodologia ACB é controversa, sobretudo no caso dos valores de existência. Por exemplo, se se desagregar a disponibilidade a pagar em 2 componentes – a de uso e a de não uso – e se se estimar uma e depois outra, a ordem escolhida irá influenciar os resultados e muito dificilmente os valores de uso e de não uso são iguais nas diferentes ordens possíveis (*Idem*).

- Finalmente, para Boardman & Greenberg, et al (2011), os valores de existência podem ser vistos como bens públicos, na medida que existe não-rivalidade e não-exclusão, e nesta perspectiva faz sentido a inclusão dos mesmos na metodologia ACB sempre que possível. Os autores sugerem que se tracem dois cenários: um incluindo e outro excluindo os respectivos custos e benefícios desses bens públicos, para se perceber o impacto dos valores de existência na análise. Quando não é possível mensurá-los, sugerem que se façam considerações qualitativas.

